

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**A TRADIÇÃO ORAL COMO PROCESSO PEDAGÓGICO – UM ESTUDO DE CASO
SOBRE A FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI**

**PATRÍCIA DE ALMEIDA GOMES
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DESENVOLVIMENTO SOCIAL E CULTURAL**

**DISSERTAÇÃO ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. ANA PAULA VIANA CAETANO**

LISBOA, 2021

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**A TRADIÇÃO ORAL COMO PROCESSO PEDAGÓGICO – UM ESTUDO DE CASO
SOBRE A FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI**

Patrícia de Almeida Gomes

Sob orientação da Professora

Dra. Ana Paula Caetano

Dissertação submetida ao Instituto de Educação e Formação da Universidade de Lisboa, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação e Formação**. Área de Especialidade Desenvolvimento Social e Cultural.

Lisboa

2021

**Universidade de Lisboa
Instituto de Educação e Formação**

Ficha catalográfica elaborada com dados fornecidos pela autora

Gomes, Patricia de Almeida

A tradição oral como processo pedagógico – um estudo de caso sobre a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri / Patricia de Almeida Gomes. – 2021.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Paula Caetano.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Mestrado em Educação e Formação, 2021.

1. Tradição Oral. 2. Educação Não Formal. 3. Memória e Identidade. 4. Fundação Casa Grande.

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

PATRÍCIA DE ALMEIDA GOMES

A TRADIÇÃO ORAL COMO PROCESSO PEDAGÓGICO – UM ESTUDO DE CASO
SOBRE A FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

Dissertação submetida ao Instituto de Educação e Formação da Universidade de Lisboa, como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação e Formação**, Área de Especialidade Desenvolvimento Social e Cultural.

Defendida e aprovada em ____/____/____
Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra.
Instituição

Profa. Dra.
Instituição

Prof. Dr.
Instituição

Agradecimentos

Aos meus pais e minha família pelo apoio e pela alegria que sentem em cada conquista que alcanço;

Agradeço à Universidade Federal do Cariri- UFCA pelo incentivo à pesquisa e pela cessão para o estudo, aos colegas de setor que se empenharam em me ajudar nessa empreitada;

À Universidade de Lisboa, em especial ao Instituto de Educação, pela receptividade que dispõe aos estudantes internacionais;

Agradeço à orientadora deste estudo, professora Dra. Ana Paula Caetano, pela acolhida e liberdade para desenvolver o tema, orientando-me com seriedade e competência mesmo numa tarefa difícil como é a orientação à distância;

Agradeço à Fundação Casa Grande, objeto deste estudo, que receberam prontamente minha proposta, onde destaco a pessoa de Alemberg Quindins, grande incentivador de sonhos e realizações;

Aos colegas de mestrado, pelos muitos momentos de entusiasmo e apoio partilhados em conjunto;

Às amigas e amigos que me acolheram em Lisboa e aos que acompanharam minha jornada, ora em Lisboa, ora no Brasil, em especial à amiga Kelsma Gomes por todos os momentos de partilha e motivação;

Agradeço a todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente com esta pesquisa.

Resumo

O presente trabalho aborda a tradição oral como processo educativo na Fundação Casa Grande _ Memorial do Homem Kariri, organização não governamental - ONG, situada no interior do estado do Ceará no Brasil e que trabalha a educação, arte, cultura e comunicação. A Fundação tem por característica o fato de ser gerida por crianças, adolescentes e jovens que são os articuladores dos processos de ensino e aprendizagem proporcionados pela Casa. O estudo buscou apresentar, a partir da observação da pesquisadora e dos relatos colhidos nas entrevistas com os participantes da FCG, como a tradição oral está presente nos processos pedagógicos da instituição. Para isso a pesquisa se ancorou no paradigma da pesquisa qualitativa, apoiada no estudo de caso de caráter etnográfico utilizando como técnica de coleta de dados a pesquisa bibliográfica, a observação em campo e a entrevista semiestruturada, por compreender que estas eram mais adequadas para a compreensão do fenômeno estudado, tendo como referencial teórico-metodológico a tradição oral e a educação não-formal. A coleta, análise e interpretação dos dados permitiram a conclusão de que a tradição oral se coloca como importante ferramenta educativa na instituição, além de promover a valorização da cultura como forma de identidade e conhecimento. Tomamos por base as discussões de teóricos como Stuart Hall, Ampate Bá, Maurice Halbwachs, Joël Candau, Moacir Gadotti e Paulo Freire, entre outros para discorrer sobre as formas como os conceitos se configuram e apresentam nos saberes e fazeres da Fundação.

Palavras-chave: Tradição Oral, Educação Não-formal, Fundação Casa Grande

Abstract

The present work is about the oral tradition as an educational process in Casa Grande Foundation - Memorial do Homem Kariri, a non-governmental organization - NGO, in the inland of Ceará, Brazil, which works with education, art, culture and communication. The Foundation's main characteristic is to be managed by children, teenagers and young people who organize the teaching and learning processes provided by Casa Grande. The study sought to present, based on the researcher's observation and the reports collected in the interviews with FCG participants, how oral tradition is present in the institution's pedagogical processes. For this, the research was anchored in the qualitative research paradigm, supported by an ethnographic case study using as the data collection technique the bibliographic research, field observation and semi-structured interview, by understanding that these were more suitable for studied phenomenon comprehension, having as the theoretical-methodological referencial the oral tradition and non-formal education. The data collection, analysis and interpretation allowed the conclusion that oral tradition is an important educational tool in the institution, in addition to promote the valuation of culture as a form of identity and knowledge. Theoric discussions of authors like Stuart Hall, Ampate Bá, Maurice Halbwachs, Joël Candau, Moacir Gadotti and Paulo Freire, among others, were taken as basis to discuss the ways how the concepts are configured and presented in the Foundation's knowledge and practices.

Keywords: Oral Tradition, Non-formal Education, Casa Grande Foundation

Sumário

1	Introdução.....	12
2	Fundamentação Teórica	17
2.1	Uma breve reflexão sobre educação não-formal	19
2.2	Considerações a respeito da tradição oral	22
2.2.1	Elementos da tradição oral.....	25
2.2.2	Tradição oral e história oral	25
2.3	Sobre a noção de cultura	27
2.4	Apontamentos sobre os conceitos de identidade e memória.....	29
3	Contexto da Investigação.....	37
3.1	Sobre a Fundação Casa Grande e suas idiossincrasias.....	40
3.2	Tradição oral, cultura e identidade, FCG espaço educativo não-formal.	48
3.3	Mas afinal quem são e o que fazem os meninos e meninas da FCG?.....	51
4	Metodologia – O caminho se faz ao caminhar.....	54
4.1	Opções metodológicas.....	54
4.1.1	Estudo de caso, um processo de cariz etnográfico e paradigma qualitativo.....	54
4.2	Desenho do estudo, <i>locus</i> e sujeitos da pesquisa.....	56
4.3	Procedimento de recolha de dados	58
4.3.1	Entrevista semiestruturada.....	60
4.3.2	Técnicas de codificação para análise dos dados	63
5	Análise e Discussão.....	66
5.1	Relação de autoidentificação das crianças na FCG.....	66
5.2	O cotidiano das crianças na FCG - Práticas e rotinas.....	74
5.3	As crianças da FCG e sua apropriação sobre a tradição oral	81
6	Conclusões, limitações e sugestões para trabalhos futuros	88
6.1	Conclusões.....	88
6.2	Limitações do estudo.....	91
6.3	Sugestões para pesquisas futuras.....	92
7	Referências.....	93
8	APENDICE A	98
9	APENDICE B	99
10	APENDICE C	100
11	ANEXO A.....	102
12	ANEXO B.....	113

ndice de Figuras

Figura 1- Posição Geográfica do Cariri no mundo.....	37
Figura 2- Chapada do Araripe	38
Figura 3- Fachada da Fundação Casa Grande	41
Figura 4- Entrada do IAC	44
Figura 5- Sala do Coração de Jesus	45
Figura 6- Fundação Casa Grande 27º Aniversário em 2019	68
Figura 7- Desenho das crianças. Representação da Lenda da Lagoa Encantada	71
Figura 8- Desenho das crianças. Representação da Lenda do Castelo Encantado	71
Figura 9- Desenho das crianças. Representação da Lenda da Princesa Encantada	72
Figura 10 - Desenho das crianças. Representação da Lenda do Pai da Caça	72
Figura 11 -Desenho das crianças. Representação da Lenda da Sumé.....	72
Figura 12 - Desenho das crianças. Representação da Lenda da Ponte de Pedra	73
Figura 13- Roda de Conversa na Gibiteca.....	77
Figura 14- Sala do Coração de Jesus – Alemberg com crianças	84

Índice de Quadros

Quadro 1- Desenho do Estudo.....	56
Quadro 2- Perfil dos Entrevistados.....	57
Quadro 3- Síntese das incursões ao campo e procedimentos de coleta de dados.....	59
Quadro 4- Composição do Guião de Entrevista	61

Índice de Siglas e Abreviaturas

CEAACP - Centro de estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Patrimônio

CNAS - Conselho Nacional de Assistência Social

COVID-19 - Coronavirus Disease 2019

COOPAGRAN - Cooperativa de Pais e Amigos da Casa Grande

FLONA - Floresta Nacional

IAC - Instituto de Arqueologia do Cariri

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONG - Organização Não Governamental

PARC – Programa de Assessoria das Rádios Comunitárias do Ceará

UC - Unidade de Conservação

UFPE – Universidade Federal do Pernambuco

UFPI - Universidade Federal do Piauí

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNICEF - United Nations Children's Fund

URCA - Universidade Regional do Cariri

1 Introdução

A busca pela valorização das experiências individuais e as discussões sobre a relação entre passado e presente está relatada em diversas literaturas acadêmicas. Aliados aos estudos sobre história cultural, aprofundaram-se as discussões sobre a memória e sua aproximação com a história da formação das identidades individuais e coletivas. Fundamentando esses estudos havia a observação dos fenômenos relacionados aos hábitos locais, cultura popular, vida em comunidade e outras questões. A afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, se torna uma questão central, uma vez que as lembranças são construídas no interior de um grupo. (Halbwachs, 2004, p. 55) Como afirma Halbwachs não há memória que seja somente imaginação pura e simples, elas são uma representação construída no exterior passando pelo referencial do sujeito. (2004, p. 78)

Observando essa perspectiva, a memória individual é relacionada às construções da memória coletiva e histórica. A relação com os grupos desde a infância estabelece a base da formação de uma identidade cultural. As informações repercutidas pela memória não se resumem a acontecimentos concretos, datados e nomeados, mas também se relacionam com vivências, experiências, encontros e momentos passados. Com isso é possível entender a memória como uma sucessão de acontecimentos que marcaram de alguma maneira a vida de um grupo.

No momento em que a memória passa por um processo de transcrição e se converte em história escrita, ela representa um passado atrelado a uma concepção temporal e não somente vivencial. Segundo Nora (1993, p. 7), a história sequestra a memória, que seria “afetiva e mágica, emergente de um grupo que ela une” e passa a ser uma construção problemática do que já não existe.

Nesse pensamento, as referências exteriores é que constroem a identidade, enquanto as experiências vividas resultam em memórias. Assim, o sujeito reconstitui o que aconteceu ao relembrar um momento que vivenciou no passado e a partir da organização dessas experiências através de uma estrutura como a linguagem é que se revela a tradição oral.

A grande importância da oralidade para transmitir conhecimentos através das gerações, por meio das palavras proferidas por guardiões de saberes e fazeres deu origem à tradição oral. A função primordial da tradição oral desde o início das sociedades, era transmitir ideias sobre a origem do mundo, os encantos da natureza, a magia dos astros e os acontecimentos históricos.

As sociedades de tradição oral, prezam por uma intensa relação entre o homem e a palavra de forma que essa relação é interpretada como um dom.

Para as sociedades de tradição oral o conhecimento que é transmitido através da oralidade tem tanta importância e veracidade quanto o conhecimento aplicado através da tradição escrita, esse pensamento muitas vezes não é recíproco quando aplicado nos meios acadêmicos que muitas vezes classificam a tradição oral como uma história alternativa e sem rigor científico. Muitos cientistas ainda classificam os relatos orais como fonte subsidiária, de baixo valor histórico, embora essa fonte seja utilizada com muita frequência para comprovar estudos. Ainda para nações ditas modernas, onde a escrita é considerada superior à oralidade, julga-se povos sem escrita como povos sem cultura. Mediante muito trabalho e dedicação esse conceito tem começado a mudar, pois como disse Hampaté Bâ (2010, p. 168) “Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro do homem.”

Apesar da tradição oral reconhecer e privilegiar o conhecimento dos grandes mestres, ela enfatiza a voz dos indivíduos, não somente dos grandes mestres e pensadores, como acontece na história escrita, mas ela dá oportunidade de fala também aos sujeitos comuns. De acordo com Benjamin (2012, p.202), “qualquer um de nós pode ser uma personagem histórica ao narrarmos as experiências vividas por nós mesmos ou aquelas vividas por outros e a nós relatadas.”

É importante frisar que a tradição oral não se restringe a narrar lendas ou incursões mitológicas, ela refere os comportamentos cotidianos individuais e coletivos ou acontecimentos históricos de um povo, mas aproveita os fatos para desenvolver diversos conhecimentos. Para Hampaté Bá, (2010, p. 188) “trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática na vida dos membros da sociedade.”

Podemos observar nos dias atuais um interesse em desenvolver trabalhos acadêmicos relacionados ao tema da tradição oral, temática essa, que estava visivelmente esquecida e desvalorizada, seja por ser considerada uma prática de classes menos privilegiadas ou seja por ter sido considerada durante muito tempo como uma estratégia menos relevante do que a tradição escrita.

O presente trabalho optou pelo tema proposto mediante nossa consciência em considerá-lo como extremamente importante e minimamente valorizado. Nosso intuito é trazer ao lume a tradição oral como um processo pedagógico relevante e possível, fazendo um recorte específico acerca das atividades desenvolvidas pela Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, situada na cidade de Nova Olinda, no nordeste brasileiro.

Buscamos, durante o percurso da coleta de informações que sustentam este trabalho, a partir do entendimento da constituição humana como um processo educativo indissociado da vida e organizado na cultura, propor a seguinte questão de pesquisa: Como acontecem os processos educativos através da tradição oral na Fundação Casa Grande e de que maneira contribuem para a constituição humana das crianças e jovens que frequentam a instituição?

Mediante essa problematização a pesquisa procura atender como objetivo geral, investigar e analisar como acontecem os processos educativos por meio da tradição oral e de que maneira contribuem para a construção da identidade das crianças na Fundação Casa Grande. Colocamos ainda como objetivos específicos: perceber a importância atribuída pelas crianças e jovens à participação na FCG, na sua aprendizagem e construção identitária; compreender e descrever atividades executadas pelas crianças no ambiente da FCG relacionando os elementos indicativos do uso da tradição oral enquanto processo educativo e de transmissão de saberes.

A escolha da instituição deu-se em virtude de uma admiração pelo trabalho que foi construído e observado ao longo dos meus anos acadêmicos. Meu primeiro contato com a instituição foi em 1997, por meio de uma vivência organizada por uma professora do ensino médio (equivalente ao ensino secundário em Portugal). Na ocasião, minha turma de colegas da escola foi levada para conhecer alguns equipamentos educacionais e culturais atuantes na preservação da história e da cultura local, período em que a Fundação já estava em atividade há 5 anos. Lembro que na época fiquei encantada pela maneira como as atividades na Casa se desenvolviam e articulavam, de maneira que brotou em mim o desejo de em algum momento fazer parte desse movimento.

Ao longo dos anos que se seguiram estive na Casa diversas vezes por variados motivos, fosse para apresentar a instituição para amigos ou fosse para acompanhar atividades profissionais e acadêmicas do meu percurso. Essas visitas proporcionaram, além do conhecimento sobre a Fundação e da proposta educativa por ela representada, a construção de uma consciência sobre quão importante e produtivo pode ser o trabalho sob essa perspectiva da prática pedagógica fundamentada na tradição oral, tanto na preservação das tradições quanto na divulgação da cultura local e no fortalecimento do sentimento de pertencimento e identidade. Relembrando o pensamento de Charlot:

Sempre a sociedade deve operar escolhas entre tudo quanto pode ser ensinado. Essas escolhas são culturais, sociais, ideológicas, políticas, religiosas e sempre se pode opor-lhes outras escolhas legítimas. Entretanto, esse “arbítrio cultural”, como dizem Bourdieu e Passeron, não é um arbítrio social: as escolhas operadas por uma sociedade no que diz respeito ao que se deve ensinar à juventude expressam e traduzem a representação de si

mesma e de seu futuro por essa sociedade e, em última instância, as relações sociais que a definem e a estruturam. (2013, p. 229)

O estudo foi realizado através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo. Onde na primeira etapa, consultamos fontes físicas tais como documentos da instituição, trabalhos acadêmicos com foco na Fundação e páginas eletrônicas de organismos governamentais e/ou internacionais, além de selecionarmos alguns estudiosos para nos embasar a teoria necessária referente à Educação Não-formal, Tradição Oral, Cultura, Memória e Identidade. A segunda etapa se deu através de visitas para observação e posteriores entrevistas semiestruturadas (ver guilhões nos apêndices A e B) com participantes da instituição, utilização do diário de campo e registros iconográficos feitos pela pesquisadora e recolhidos nas redes sociais oficiais da instituição, dentre outras fontes. A utilização desses diversos recursos nos possibilitou um olhar detalhado e com base na realidade do que se passa na rotina da Fundação.

No intuito de alcançar os objetivos propostos, seguindo a metodologia e o referencial teórico apresentado, estruturamos a dissertação em seis capítulos que estão organizados da seguinte maneira:

O primeiro capítulo apresenta-se no formato de introdução, onde discorremos uma síntese dos conceitos que serão abordados no referencial teórico, a opção pela temática, bem como as questões de investigação e os objetivos do estudo.

No segundo capítulo debruçamo-nos sobre as discussões teóricas referentes à problemática do estudo. Os principais conceitos abordados foram Educação Não-formal, Cultura, Memória, Identidade e Tradição Oral, apresentamos alguns dos autores que tratam esses conceitos e procuramos demonstrar a importância de uma abordagem epistemológica que proporcione o avanço teórico através de uma abordagem crítica.

O terceiro capítulo discorre sobre o contexto da investigação, apresentamos a Fundação Casa Grande, configurou-se um panorama sobre o seu contexto histórico-cultural, seu surgimento e sua estrutura. O quarto capítulo, apresenta o percurso metodológico adotado e os mecanismos utilizados para a coleta e os aportes teóricos para a análise de dados. Adotou-se a abordagem qualitativa e análise de conteúdo com o propósito de identificar aspectos empíricos que validassem as teorias relacionadas no segundo capítulo.

O capítulo cinco são apresentados os dados da pesquisa e traz o enfoque para a análise dos dados em si, apresentamos os resultados da observação e a interpretação do que foi coletado e verificado na pesquisa de campo. No capítulo final, destinado à conclusão e considerações gerais, dispomos nossas impressões sobre o resultado da pesquisa.

É válido ressaltar que enquanto trabalho científico, o objetivo da investigação em momento nenhum foi de validar, certificar ou quantificar a produção de valor social e seu consequente impacto social na referida comunidade, mas sim compreender os processos de mobilização dos diversos sujeitos participantes, respectivos relacionamentos e vínculos que porventura fossem relevantes na produção de conhecimento e do consequente valor didático, que definiu-se através da leitura bibliográfica de referência e cunho acadêmico. Desejamos que esta pesquisa possa apresentar-se como um subsídio para pesquisas futuras e outros estudos que tenham relação com a temática aqui abordada.

2 Fundamentação Teórica

As mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho, a partir dos anos 1990, contribuíram para dar destaque à educação não formal. Até os anos 1980 ela era categorizada como um campo de menor importância tanto para as políticas públicas quanto para os educadores. Os estudiosos, as agências e organismos internacionais, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, consideram que o conceito de educação não-formal está atrelado ao conceito de educação ao longo de toda a vida e/ou educação permanente. O princípio de educação permanente fundamental na constituição de uma “cidade educativa”, é expresso no Relatório da UNESCO coordenado por Edgar Faure (1974), publicado com o título “Aprender a Ser”. No referido Relatório, considerado um importante marco na história do pensamento educacional, Faure (1974, p. 225) salienta postulados orientadores na elaboração do documento como: A crença numa democracia concebida como direito de cada sujeito se realizar plenamente e ser membro ativo na edificação de seu próprio futuro; uma educação que forme pessoas, para além de adquirir conhecimentos definitivos, mas construindo ao longo da vida saberes em permanente evolução.

Em vez de se delegar poderes a uma estrutura única, verticalmente hierarquizada e constituindo um corpo distinto no interior da sociedade, são todos os grupos, associações, sindicatos, coletividades locais, corpos intermediários que devem encarregar-se, pela sua parte, duma responsabilidade educativa... (Faure, 1974, p. 248)

Os objetivos expressos nos relatórios da UNESCO, ainda que formulados em diferentes contextos históricos, se complementam e colaboram para o crescimento de um projeto de desenvolvimento nacional com uma nova educação, que leve em conta os quatro pilares do Relatório de Delors e os sete saberes pensados por Morin (2011).

O espaço escolar vem se tornando cada vez mais responsável por promover a mudança social. A importância da educação é um tema constante em debates de pesquisadores e da sociedade em geral. O existir do educar vai além de formar trabalhadores para o capital, é mais ainda uma questão de cidadania, formar pessoas capazes de exercer seus direitos e deveres enquanto cidadãos. Entretanto as constantes mudanças e a globalização, com a necessidade de preservar e disseminar a cultura, tem tornado os espaços educacionais imprescindíveis. Sobre educação como ato político, Foucault diz que:

A educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, é bem sabido

que segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (2013, p. 41).

O princípio de educação ao longo da vida e/ou educação permanente foi retomado no Relatório “Educação: um Tesouro a Descobrir”, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, também da UNESCO, sob a coordenação de Jacques Delors (2012) conforme podemos acompanhar na citação abaixo:

A educação ao longo de toda a vida não é um ideal longínquo, mas uma realidade que tende, cada vez mais, a inscrever-se nos fatos, no seio de uma paisagem educativa complexa, marcada por um conjunto de alterações que a tornam cada vez mais necessária. Para conseguir organizá-la, é preciso deixar de considerar as diferentes formas de ensino e aprendizagem como independentes umas das outras e, de alguma maneira, sobrepostas ou concorrentes entre si, e procurar, pelo contrário, valorizar a complementaridade dos espaços e tempos da educação moderna. (Delors, 2012, p. 104)

A esta altura, atentamos para a importância de recorrer a bases teóricas que ajudam a descolonizar a alma e a redirecionar o olhar epistêmico; vale mencionar a vitalidade científica da *Carta da Transdisciplinaridade* (Freitas, Morin, & Nicolescu, 2002) e o horizonte ético e elucidativo de *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (Morin, 2011); dois textos fundamentais que adotam valores e atitudes em consonância com a perspectiva transdisciplinar e iluminam o destino comum da humanidade, mediante as inúmeras zonas de incertezas do nosso tempo. Sob o aspecto ético da condição humana, não deixa de ser salutar a proposta de abordagem transdisciplinar concebida por Edgar Morin e que tem ganhado adeptos nesta era das incertezas, ainda mais abalada pela crise de confiança diante das ameaças eminentes de aquecimento do planeta, crise hídrica, desmatamento da Amazônia, contaminações por resíduos tóxicos etc.

Segundo Edgar Morin (2011, p. 54), a educação do futuro deveria “mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis”.

Obra de referência universal, escrita antes da virada do milênio, *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (Morin, 2011) expõe os problemas centrais ou fundamentais que permanecem totalmente ignorados ou esquecidos e que são necessários para se ensinar no próximo século; sistematiza um conjunto de reflexões que servem como ponto de partida para repensar a educação contemporânea e constitui um legado para a formação das futuras gerações,

pois introduz nova e criativa reflexão sobre as práticas pedagógicas, mediante a cegueira e os limites da ciência que ignora temas fundamentais para a educação do século XXI, especialmente no que tange a fazer conhecer o que é conhecer.

A proposta de Morin (2011, p.38) ao dizer que “diferentemente de um pensamento simplificador que identifica a lógica do pensamento, o pensamento complexo a governa evitando a fragmentação e a desarticulação dos conhecimentos adquiridos”, é que a educação deve ser promovida com vistas a favorecer o pensamento crítico, estimulando uma quebra de paradigmas relacionados aos usos metodológicos e lógicos que estruturam a educação formal, de maneira que o conhecimento seja para o sujeito a representação do conjunto da realidade apresentada e não somente de uma parte dela.

Nessa perspectiva do pensamento complexo apresentado por Morin (2011) a educação interliga os saberes, os sujeitos e as suas singularidades, promovendo uma reformulação de pensamento através de ofertas de ensino, fundamentadas na viabilidade de integração das pessoas entre si e com os conhecimentos. Isso traz ao espaço de aprendizagem uma abertura ao pensamento, a formulação e reformulação, a criação, em significativos e complexos contextos, compostos por diversas identidades.

2.1 Uma breve reflexão sobre educação não-formal

No curso das argumentações aqui desenvolvidas, algumas correntes teóricas foram notadamente importantes para o cotejo de questões que se configuram um tanto complexas. Como o estudo está inserido no contexto educação não-formal e tradição oral, aqui serão tratados alguns constructos que se relacionam com esses temas. Desse modo, iniciamos com a definição de um termo constantemente utilizado no trato com as questões de educação na atualidade, “Educação Não-formal”.

Para Gadotti (2012, p. 14), a educação não-formal se constitui num “conjunto de processos, meios, instituições, específica e diferencialmente desenhados em função de explícitos objetivos de formação e instrução que não estão diretamente dirigidos à concessão de grau, próprio do sistema educativo formal”. Em observância ao projeto estruturado e executado pela Fundação Casa Grande observamos não só as características inerentes a um ambiente de educação não-formal como também o desenvolvimento de atividades alinhadas à filosofia Freiriana em relação a amplitude da educação, possibilitando o surgimento, bem como o fortalecimento de práticas sociais e educativas difundidas por Paulo Freire, a saber:

1. A escola não é o único espaço educativo: aprendemos na luta; qualquer espaço pode ser educativo (conceito de cidade educadora); 2. A politicidade inerente ao ato educativo: toda educação pressupõe um projeto de sociedade; 3. A recusa ao pensamento fatalista neoliberal; 4. A pedagogia comprometida com a cidadania ativa. A educação popular, social e comunitária estimula a participação política, cidadã, das classes populares para a superação de condições sociais opressivas. Educar para transformar; 5. A ética como referencial central da busca pela radicalização da democracia. (Gadotti, 2012, p. 24)

No intuito de definir educação formal e não-formal, Gadotti descreve a educação não-formal a partir de sua representação, não tendo significado oposto à educação formal. Segundo ele geralmente a definição é feita “por uma ausência, em comparação com a escola, tomando a educação formal como único paradigma, como se a educação formal escolar também não pudesse aceitar a informalidade, o extraescolar”. (Gadotti, 2005, p. 2)

O autor diz que a educação formal depende de “[...] uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação” (Gadotti, 2005, p. 2) Já sobre a educação não formal ele diz que “[...] é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática”. (ibid.) A liberdade inerente à educação não formal lhe permite não seguir ou apresentar um sistema sistêmico ou mesmo uma progressão hierárquica, podendo ter uma duração maior ou menor.

A prática educativa formal, aplicada dentro de espaços delimitados como são as salas de aula, propõe conhecimentos organizados de forma que o conteúdo mais fácil preceda o mais complexo, fundamentada num arcabouço legal que legitima a sua sistematização, porém também considera válida outras práticas educativas, como as praticadas pela FCG e de acordo com a Constituição Federal do Brasil (1988, art. 205): “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Fazendo associação entre escola com espaço de educação formal (marcado pela hierarquia, pela estrutura regular) e a cidade como espaço de educação não formal (duração variável, descontinuidade), Gadotti inclui no seu pensamento a ideia de espaço e tempo em apoio a educação não formal:

O tempo da aprendizagem na educação não formal, é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não formal, é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços. (Gadotti, 2005, p. 2)

As concepções de cultura, cidadania, trabalho e organização comunitária vêm associadas a esse tempo destacado por Gadotti, confirmam que a aprendizagem pode acontecer em diversos espaços. A educação não formal acontece em espaços onde há relações sociais associadas a sensação de pertencimento de determinado grupo.

De acordo com Gohn (2006, p. 28) a educação não formal inclui processos de aprendizagem política dos direitos dos indivíduos como cidadãos, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio de aprendizagem de habilidades e exercício de práticas que os capacitem a se organizarem com objetivos comunitários.

A educação não-formal é conceitualmente definida como uma educação que mesmo desprovida de estrutura e organização proporciona uma certificação. Em relação com a educação formal (escolar) e informal (que inclui todas as experiências de vida) a educação não-formal se caracteriza também pela flexibilidade temporal, de conteúdo, ausência de categorização por idade e de localização.

Segundo Gohn (2006, p.54), quatro aspectos identificam a educação não-formal: 1) a aprendizagem política dos sujeitos enquanto cidadãos; 2) a preparação para o trabalho, a aprendizagem e a capacitação dos indivíduos a se organizarem de forma comunitária, atentos a sanar os problemas que fazem parte do cotidiano; 3) aquisição dos conceitos aplicados na educação formal, porém em lugares e períodos distintos, considerando que um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social é a educação não formal, sendo uma aprendizagem para o mundo proporcionada por processos de socialização e 4) troca de experiências, proporcionados em espaços e ações coletivas e diárias.

É importante lembrar que a educação não-formal não tem o propósito de concorrer ou substituir a educação formal, visto que é dever do Estado oferecer uma educação pública, gratuita, laica e de qualidade para a população.

O trabalho aqui apresentado volta-se às práticas e experimentações dos sujeitos que participam e constroem as vivências educativas no cotidiano da Fundação Casa Grande. Tais práticas mostraram ao longo do desenvolvimento de nossa pesquisa um vínculo com a região do Cariri cearense proposto via educação não-formal. A variedade e pluralidade dos saberes e fazeres da Fundação Casa Grande são construídos dia a dia em meio ao contexto no qual a ONG está inserida.

Para além desse conceito de educação não formal, é necessário também dar atenção ao significado de tradição oral, podendo ser referida como a cultura e tradição transmitida através dos relatos orais de uma geração para outra. As mensagens e conhecimentos são verbalmente

transmitidos em forma de discurso ou de outros recursos como canções, com isso uma sociedade pode repassar suas leis, histórias e outros saberes sem utilizar a técnica de escrita. Para Santos (2018. p.46) o ato de narrar é intrínseco à condição humana, sendo a fala uma habilidade comunicativa apreendida pelo homem que o diferencia dos demais seres vivos.

Observamos através desses conceitos a importância da oralidade e da memória, seja para o acesso, como para a produção e compartilhar de conhecimentos acumulados pela humanidade. Enquanto instrumento, a palavra forma e informa, em diversos contextos educacionais. O potencial educativo da oralidade é colocado na presente pesquisa, com atenção voltada para as histórias e lendas contadas na Fundação Casa Grande, mediante a perspectiva de reconhecê-la como ferramenta na educação.

Adiante trabalharemos a perspectiva histórico-cultural como unidade teórica e para compreender os mecanismos específicos da oralidade, compreensão do caráter dos processos educativos que acontecem nas tradições orais, as identidades constituídas, as suas razões de permanência e resistência ao longo das gerações, tendo por base a perspectiva libertadora de Paulo Freire, bem como a busca por um giro epistemológico na compreensão dos processos educativos de constituição oral.

2.2 Considerações a respeito da tradição oral

"Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere.
Está comprometido por ela.
Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é.
A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra."
(Hampaté Bâ 2010, p. 182)

Podemos dizer que em modo geral, o que denominamos por tradição oral é o universo de vivência de saberes e fazeres da cultura de um povo, etnia, comunidade ou território que é criado e recriado, transmitido e reconhecido coletivamente através da oralidade, de geração em geração.

A atividade de contar histórias vem desde os primórdios da humanidade e era considerada o ato privilegiado entre a transmissão de tradição e conhecimento. Diretamente relacionada com os saberes tradicionais, a tradição oral é a cultura material e tradição transmitida oralmente de uma geração para outra. De acordo com o dicionário Aurélio, Tradição significa: "1. Ato de transmitir ou entregar. 2. Transmissão oral de lendas, mitos, fatos etc., de idade em idade, de geração em geração. 3. Conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados." (Ferreira, 2010, p. 784)

Para o pesquisador Walter Ong (1998, p. 11), a oralidade foi por muito tempo a forma predominante de transmissão de conhecimento em diversas sociedades na história humana e pode ser definida como o pensamento e a sua expressão verbal em sociedades onde as tecnologias de alfabetização (especialmente escrita e impressão) ainda não foram apropriadas pela maioria da população.

Para falarmos de tradições históricas e orais, Amadou Hampâté Bâ, especialista e mestre em tradições orais africanas, afirma que:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África. (Hampâté Bâ, in Medeiros, 2015, p. 155)

Ainda segundo o escritor malinês, “as tradições também são obras literárias e deveriam ser estudadas como tal, assim como é necessário estudar o meio social que as cria e transmite e a visão de mundo que sustenta o conteúdo de qualquer expressão de uma determinada cultura” (Hampâté Bâ in Ki-Zerbo, 2010, p.170) sendo a Universidade um dos espaços possíveis para o estudo da oralidade. Hampâté Bâ apresenta as tradições orais como a principal herança em relação aos conhecimentos herdados, não sendo possível separá-la da história uma vez que é uma manifestação da memória.

Sobre a definição de tradição oral, Vansina diz que:

A tradição oral foi definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração a outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Devido à sua complexidade, não é fácil encontrar uma definição para tradição oral que dê conta de todos os seus aspectos. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais [...]. A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade. (2010, pp. 139-140)

É comum encontrar na comunidade acadêmica textos apontando a tradição oral como o simples ato de “contar histórias” ou mesmo como uma dinâmica do universo lúdico utilizada como ferramenta para escolarização das classes mais básicas. É importante observar a tradição oral como ela realmente é, composta por rituais específicos, preceitos e uma prática complexa. De acordo com Hampâté Bâ:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo – e pode desconectar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar

do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. Fundada na iniciação, e na experiência, a tradição oral conduz o homem à sua totalidade. (Hampaté Bâ, 2010, p. 169)

Em uma definição mais holística e ideológica, Hampaté Bâ (2010, p. 185) nos diz sobre outras características da fala como sendo algo sagrado, dotado de força vital, um meio de aprendizagem com função constitutiva e identitária, um dom de Deus, geradora de movimento, vida e ação. “Do mesmo modo, sendo a fala a desterritorialização das vibrações das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como uma fala. É por isso que no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma.”

Em paralelo à filosofia de Paulo Freire que remete a uma ideia de educação ao longo da vida, Hampaté Bâ (2010, p. 208) considera que “a educação podia durar a vida inteira” com atenção ao fato que a educação se dá inicialmente de forma generalizada e não específica, de forma que o conhecimento é construído de forma plural e contextualizada, “raramente o conhecedor é um especialista. Na maioria das vezes, é um generalizador”. (ibid., p.175)

Abrimos aqui um parêntese para uma reflexão acerca da ideia de aprendizagem ao longo da vida frente à semelhança nas ideias de Freire e Hampaté Bâ. Como disse Gadotti (2016, p. 51), “é a expressão recente de uma preocupação antiga. O que é novo é tudo o que vem por trás desse princípio antropológico e como ele é instrumentalizado. Daí a enorme importância de tomarmos posição frente a esse tema.” Isso se fundamenta na visão do humano como ser em constante construção, assim aprende durante toda a vida, seja consigo, com a natureza, com o mundo, com a vida ou com o próximo e o alicerce dessa infinita construção vem da educação.

No entanto, Gadotti diz ainda que a expressão aprendizagem ao longo da vida, apesar de uma ideia antiga, se difere da expressão educação ao longo da vida, que em sua pesquisa de doutoramento detectou ter aparecido inicialmente na Inglaterra em 1919 e fazia referência à formação profissional dos trabalhadores tendo como base a educação permanente. (ibid. p. 52)

Os processos educativos com base na tradição oral permitem a constituição do humano, identitário, comunitário e coletivo, garantindo a permanência dos valores ancestrais, possibilitando a continuidade da própria existência. Não se trata apenas de repetir uma história, são experiências vividas que são constituídas e constituem os sujeitos, criando uma unidade entre aquilo que acontece e as experiências de vida de cada pessoa dentro do seu processo individual de formação. Com o passar do tempo e com base nas vivências e no processo de criação e

reelaboração, os saberes e os conhecimentos repassados através da oralidade se tornam mais detalhados e mais sólidos.

2.2.1 Elementos da tradição oral

Para além da concepção sobre tradição oral de Vansina (2010, p. 159) como sendo o “[...] testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra”. podemos falar também sobre obras literárias orais, que apresentam uma variação bem diversificada, as quais foram relacionadas pelo antropólogo Raul Altuna (2006, pp. 37-38):

Fórmulas rituais: orações, invocações, juramentos, bênçãos, maldições, fórmulas mágicas, títulos, divisas.

Textos Didáticos: provérbios, adivinhas, fórmulas didáticas, cânticos e poesias para crianças.

Histórias Etiológicas: explicações populares do porquê das coisas, evoluções das coisas até ao estado atual.

Contos Populares: história só para divertir.

Mitos: todas as formas literárias que utilizam símbolos [...].

Poesia variada: amor, compaixão, caça, trabalho, prosperidade, oração.

Poesia Oficial: histórica, privada (religiosa, individual) comemorativa (panegírica), poesia culta, ligada às castas aristocráticas e senhoriais; poesia sagrada cantada nos ritos religiosos e mágicos, em cerimônias de sociedades secretas, em ritos fúnebres, poesia que interpreta os mistérios da vida e da morte; poesia popular, cantada nos jogos a volta do fogo, transmissora de ensinamentos morais e históricos.

Narrações Históricas: listas de pessoas e lugares, genealogias, histórias universais, locais e familiares, comentários jurídicos, explicativos, esporádicos e ocasionais.

De volta ao pensamento de Hampaté Bâ (2010, p. 187), a aprendizagem na prática “Trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática.” Em termos gerais a tradição oral fundamenta suas explicações e estruturas por meios diferentes dos da pesquisa acadêmica. Insistir na comparação entre as duas narrativas traz mais prejuízos do que benefícios, uma vez que o trabalho acadêmico é fundamentado na linguagem acadêmica enquanto os relatos orais têm como base a experiência subjetiva (questão que anteriormente era considerada uma limitação e hoje é nomeadamente a sua principal virtude). Considerar uma narrativa oral como inferior em relação ao texto acadêmico, levando em conta apenas a sua possibilidade de mudar ou ser recontada de outra forma, é invalidar a oportunidade das pessoas de elaborarem novas interpretações sobre o passado e o presente, assim como nas narrativas escritas que podem evoluir com o passar do tempo.

2.2.2 Tradição oral e história oral

No intuito de distinguir tradição oral e história oral, Alberti (2004, pp. 26 - 27) esclarece que “(...) a primeira incluiria narrativas sobre o passado universalmente conhecidas em uma cultura, enquanto o testemunho ou a entrevista de história oral se caracteriza por versões que não são amplamente conhecidas.” No entanto a autora elucida que “tradição oral e história oral tem bastante proximidade, principalmente se tomarmos as entrevistas como ações (ou narrações), e não somente como relatos do passado”. (ibid., p.27) O estudo da tradição oral se diferencia da disciplina acadêmica da história oral (gravação de memórias pessoais, relatos de vida e histórias de quem experimentou épocas ou eventos históricos) sendo também distinta do estudo da oralidade.

Ainda sobre as proximidades e diferenças entre história oral e tradição oral, Freitas (2006, p.87) apresenta a tradição oral como um dos gêneros em que a história oral se divide, sendo um dos campos de pesquisa em que pode ser utilizada. Segundo o ponto de vista da autora a história oral é dividida em três grupos: tradição oral, história de vida e história temática. Para a autora, a história oral é uma metodologia que pode identificar e recuperar a tradição oral, seja em sociedades rurais ou urbanas. Para outros autores como Thompson (1998, p. 45) “a história oral foi a primeira espécie de história.” O autor aponta que nas sociedades pré-letradas, toda história era história oral.

Em relação a abordagens históricas e análise sobre tradição oral, Cruikshank (2006, p.155) aponta que a ambiguidade nas expressões tradição oral e história oral é reforçada pelas mudanças no uso popular. Na visão da autora, tradição oral tanto é referida ao conjunto de bens preservados do passado quanto ao processo de transmissão de informações de geração em geração. Enquanto a história oral remete a um método de pesquisa que consiste na gravação de entrevistas sobre experiências vividas de um indivíduo.

Ao direcionar o foco para as abordagens atuais da tradição oral, Cruikshank (2006, p.155) diz que os estudos recentes analisam “a tradição oral por si mesma mais do que como uma ilustração de algum outro processo”, mas não considerada de maneira simplista ou auto-evidente, pois “o significado não é fixo: ele precisa ser estudado na prática”. (ibid.) Mais do que um relato sobre o passado, a tradição oral estabelece uma conexão entre a história e o lugar, trazendo ainda uma reflexão sobre o lugar como uma passagem entre a localização e o território. Para a autora as tradições orais permitem que os sujeitos reflitam simbolicamente sobre conteúdos complexos, de maneira que os mitos e lendas oferecem possibilidades para lidar com o mundo em que estamos inseridos. Seguindo esse pensamento entendemos a narrativa oral para

além de um relato sobre o passado, sendo admitida como uma facilitadora na construção social referente ao presente.

2.3 Sobre a noção de cultura

Para o desenvolvimento desta pesquisa, no intuito de visualizar um link entre a educação utilizando a tradição oral como processo pedagógico, é indispensável trazer a cena alguns esboços sobre a noção de cultura. Este feito se deve ao fato de que a tradição oral integra o arcabouço cultural de um povo, definindo sua herança imaterial. O presente trabalho abrange discussões da pesquisa baseadas num entendimento sobre cultura enquanto método através do qual, significados e definições são socialmente acastelados e historicamente transmutados.

De acordo com a Constituição Federal do Brasil (1988, art. 216), entende-se por cultura todas as ações pelas quais os povos expressam incluindo seus “modos de criar, fazer, viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.”

Sobre o conceito, poderíamos afirmar ao lado de Morin (2011) que a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, dos fazeres, das regras, das normas, das proibições, das estratégias, das crenças, das ideias, dos valores, dos mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social.

No entanto, conceituar cultura não é das tarefas mais fáceis de se fazer, chega a ser mesmo desafiador. Existe uma grande quantidade de significados construídos em torno da ideia de cultura e estes vêm se atualizando e se reformulando com o passar dos anos. Silva e Silva (2012) apresentaram uma versão clássica para a definição de cultura que foi proposta no século XIX por Edward Tylor:

[...]afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (2012, p. 85)

É por meio da cultura que o povo se reconhece, escolhe como vive e repassa essas escolhas para as futuras gerações. Ainda assim “todas as culturas têm uma estrutura própria, todas mudam, todas são dinâmicas. Com isso, não é possível falarmos de povos sem história,

porque tal fenômeno significaria a existência de uma cultura que não passasse por transformações ao longo do tempo[...]” como esclareceram Silva e Silva. (2012, p. 87)

A autora Marilena Chaui (2006, p. 111) nos diz que a cultura é um conjunto de práticas contemporâneas, ações e instituições pelos quais os homens se relacionam entre si e com a natureza e delas se distinguem. “[...] é, pois, a maneira como os humanos se humanizam.”

A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano. (ibid., p.57)

A propósito de cultura brasileira, como afirma Bosi (2008, p. 7), “não existe *uma* cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos.” É, na verdade a pluralidade uma das principais características da nossa cultura e essa característica é resultado de intensas trocas e contrastes exercitados em vários lugares e momentos. Ela é fruto da hibridação das culturas indígenas, africanas e colonizadores que se apresentavam sob aspectos, formas e modos de ser diferentes e mutáveis antes mesmo de se encontrarem em algum período da história. Para Bosi (ibid., p.8) “os ritmos das culturas no Brasil são diversos.”

Em paralelo a pluralidade, a tradição oral num movimento centrípeto, reflete o patrimônio cultural imaterial de um povo, reforçando laços identitários e fortalecendo os instrumentos de preservação da cultura. Para entender um pouco mais sobre patrimônio cultural imaterial, recorremos a *Conferência Geral das Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura* (UNESCO), na sua 32ª reunião, celebrada na cidade de Paris, em outubro de 2003, aprovou o documento da *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, cujos objetivos centrais são “a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial e o respeito do Patrimônio Cultural Imaterial das comunidades, grupos e indivíduos de todas as culturas do mundo”.

Em seu artigo 2º, o referido documento apresenta por Patrimônio Cultural Imaterial a seguinte afirmação:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história,

gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003).

Este patrimônio por sua vez é frequentemente recriado pelo coletivo ao seu redor, pela sua relação com a natureza e sua própria história, reforçando sua identidade. Sobre a importância do patrimônio para a educação, Charlot diz que:

A estrutura antropológica da educação requer atividade e patrimônio; desconectados, ambos perdem seu valor educativo. O ser humano nasce inacabado e a educação é o processo pelo qual ele se humaniza, se socializa, se singulariza. Esse processo só funciona quando se articulam um movimento do próprio sujeito que se educa e um conteúdo (enunciado, gesto, sentimento...) proposto pelo mundo e podendo nutrir esse movimento. (2013, p. 229)

É importante dizer que o patrimônio cultural imaterial trata da manifestação da cultura de um povo e da humanidade como um todo, em múltiplos campos como as tradições e expressões orais, bem como a língua em que essa tradição é ancorada, dança, música, arte, rituais, datas comemorativas e ainda os saberes e fazeres dessa comunidade. Mas como nos alerta Charlot (2013) esse patrimônio é ressignificado em cada um e reatualizado de modo singular.

Para Santo (2010, p. 17), “a cultura é o que permanece no homem, quando ele de tudo se esqueceu.” A autora nos fala de um lugar de esquecimento que daria origem aos mitos, dando aos seres mortais uma nova posição para além de expectadores, um lugar de “herdeiros das experiências ancestrais” unindo todos os seres por meio de uma “origem divina”.

Vale lembrar que a cultura não é algo fechado, imutável, na verdade é algo em constante construção e descoberta, dessa forma a identidade cultural também reage a esses fatores e influências, sendo um reflexo da cultura.

2.4 Apontamentos sobre os conceitos de identidade e memória

*Somos sempre “condenados ao tempo”,
condição a qual não escapa nenhuma existência.*
(Candau, 2012, p.12)

Diversas ciências como filosofia, história e antropologia tem voltado seus olhares em direção aos questionamentos sobre identidade. Para dar conta dessa demanda cada ciência analisa o tema sob um ângulo que mais se aproxime da sua especificidade, por vezes considerando uma identidade individual ou pessoal e em outras ocasiões sob a concepção de identidade coletiva. Há um consenso entre os pesquisadores em admitir que a identidade seja uma construção social, produzida através de uma dialogicidade com o outro. No nosso caso o

estudo se debruça num aspecto vinculado à preservação de culturas através dos processos educativos com base na tradição oral.

Entre as diretrizes teóricas aqui apresentadas, o presente trabalho se apoia no fundamento de identidade como conceito histórico-cultural para o indivíduo ou a coletividade, sendo assim, desagregado de verificação física ou material, como classe social ou cor de pele. Embora essas sejam categorias que historicamente tenham marcado fortemente os processos sociais de formação de identidade. Por se tratar de uma pesquisa de base empírica, considerando as experiências vividas, observação dos acontecimentos e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, elegeu-se autores cujos pensamentos se sustentam numa compreensão não essencialista sobre a ideia de identidade, dentre os quais Stuart Hall (2006), Zygmunt Bauman (2005) e Canclini (2011).

Para Hall (2006, p. 50) a identidade, como o inconsciente, está estruturada como a língua. Apesar de seus melhores esforços, o falante individual não pode nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado da sua identidade.

Para estudar a identidade é mister observar a influência da globalização ou da mundialização que ela se submete pela cultura. Os acontecimentos de escala global, aqueles que perpassam as fronteiras econômicas e geográficas, são o que Hall (2006, p. 67) chama de globalização, “integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”.

Para o sociólogo, filósofo e professor, Zygmunt Bauman (2005, p. 34) “globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação.” Com isso a conservação das tradições culturais tem sofrido cada vez mais influência dessa globalização. Essa mesma globalização interferiu nos percursos de formação das identidades culturais, segundo Stuart Hall (2006, p. 240) a divulgação dessas identidades ocorreu devido a esses processos.

Zygmunt Bauman, (2005, p. 11) visualiza o fenômeno da globalização como “uma grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida quotidiana e as relações entre o eu e o outro.” Segundo o autor polonês a relação de identidade é influenciada pela ruína do Estado de bem-estar social, a crescente insegurança e ansiedade dos indivíduos.

Ainda seguindo esse pensamento, Hall (2006, p. 28) identifica como “diáspora” os fenômenos advindos com as migrações humanas, com a dispersão de povos pelo mundo. O autor faz uma reflexão sobre a perspectiva diaspórica da cultura, que pode ser vista como uma

subversão dos modelos culturais tradicionais. Compreende que hoje as identidades de diásporas são operadas dentro de uma referência diferente de tempo e espaço, marcadas pela hibridização, heterogeneidade e constante processo de transformação.

Para tanto, é necessário compreender as identidades culturais de forma dinâmica, as representações não mais são vistas como algo estático e imutável. O ser humano, inerente a um mundo marcado por complicados processos sociais, cujas fronteiras globais cada vez mais estão sendo minadas, percebe-se plural e fragmentado, não possuindo mais seus determinantes culturais fixos e invariáveis, mas abertos e vulneráveis.

Os estudos de Hall (2006, p. 8) apontam para a ressignificação das identidades culturais, “aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”, em novas formulações surgidas da percepção de que o sujeito contemporâneo é incompleto, marcado por uma cultura que não se caracteriza mais como sólida. Em sua óptica, a identidade é formada ao longo do tempo de maneira inconsciente, devendo ser entendida como algo inacabado, sempre em processo de formação, desenvolvida a partir da imperfeição do ser humano, que procura preencher suas lacunas a partir de meios exteriores a ele.

Ainda seguindo os caminhos de Hall (2006, p. 35), chegamos ao seu entendimento de identidades nacionais, no qual argumenta que essas são compostas de símbolos e representações que influenciam na construção das ações e concepções dos indivíduos da nação, produzindo sentidos com os quais eles poderão se identificar. Ou seja, o processo de identificação é marcado por um complexo conjunto de representações simbólicas.

Mas o autor percebe ainda, a dificuldade em compreender essa identificação como unificada, já que existem variadas divisões e diferenças internas inerentes a esse processo. Argumenta também que as nações não são formadas por uma única cultura ou etnia, mas por “culturas híbridas”.

Em relação a isso, Canclini (2011, p. 19) entende “por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetivos e práticas”. Esses processos socioculturais podem ocorrer de modo não planejado, podem resultar de migrações do turismo, de intercâmbios econômicos e comunicacionais, ou ainda podem ser fruto de criatividade individual e coletiva.

As mudanças desencadeadas por fenômenos advindos da modernização fizeram surgir, cada vez mais, culturas híbridas. As contradições que antes ocorriam em escala nacional, na

contemporaneidade assumem proporções globais, fazendo com que a definição das identidades não mais seja apenas no âmbito das nações, “[...] pois outros referentes produtores de sentido são confrontados à identidade nacional” (Veloza, 2009, p. 77)

Nessa conjuntura, a aproximação de variadas culturas globais, a diminuição do tempo e espaço antes existentes entre as nações e etnias, juntamente com o consumismo, fazem com que surja o que Hall (2006, p. 74) chama de “identidades partilhadas”, já que consumidores em diferentes espaços universais compartilham mercadorias e consomem os mesmos produtos. Destarte, as culturas nacionais acabam influenciando e sendo influenciadas por culturas externas, tornando difícil a conservação das identidades culturais intactas, influenciando o que é chamado de “homogeneização cultural”. Em relação a esse dado, o teórico argumenta ainda que:

[...] ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da ‘alteridade’. Há, juntamente com o impacto do ‘global’, um novo interesse pelo ‘local’. A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de ‘nichos’ de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e ‘o local’. Este ‘local’ não deve, naturalmente, ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização. Entretanto, parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e *novas* identificações ‘locais’. (Hall, 2006, pp. 77-78)

O autor acredita que há, ao mesmo tempo, a possibilidade do surgimento, bem como do fortalecimento de identidades em níveis locais em diferentes lugares do mundo, elas estão suspensas e em transição e são formadas a partir do cruzamento de diferentes tradições culturais, resistindo aos processos globais homogeneizantes. Nesse contexto, Canclini (2011) coloca que a noção de identidade é relativizada por procedimentos incessantes e variados de hibridação. Ao compreender a identidade cultural na óptica do hibridismo, evita-se o risco de estabelecer identidades locais como “autocontidas”, “puras” ou “autênticas”.

Quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram. Como consequência é absolutizado um modo de entender a identidade [...]. Acaba-se, em suma, obturando a possibilidade de modificar a cultura e a política. (Canclini, 2011, p. 23)

Considerando que o indivíduo cria sua própria identidade e que ela não é uma característica hereditária, Bauman (2005., p.60) reforça a concepção de que as identidades não

são permanentes nem fixas pois “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha”. Nesse sentido o pensamento de Bauman se harmoniza com o de Hall sobre o aspecto da identidade construída e mutável.

Lembramos que as identidades culturais são diretamente influenciadas pelos fluxos migratórios internacionais, com isso os aspectos econômicos, políticos ou culturais são alterados mundialmente. Em relação a esse pensamento Boaventura Sousa Santos, sociólogo português, complementa:

[...] as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso. (Santos, 2013, p. 119)

Em termos gerais, a dialética da memória e identidade se justifica pela observação de que elas se interligam e se reforçam para “produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa.” (Candau, 2012, p. 16) Dessa forma a memória nutre a identidade e trabalha efetivamente na formação da identidade do sujeito, seja no campo individual ou coletivo. É a memória que traz os argumentos para elaboração da identidade, quando o sujeito reflete sobre seu passado e através de uma reapropriação fortalece sua identidade. Além disso é reconhecido que a memória é primeiramente, “uma reconstrução continuamente atualizada do passado” e não somente uma reprodução idêntica dele. “Enfim admite-se geralmente que memória e identidade estão indissolivelmente ligadas.” (Candau, 2012, pp. 9-10)

A conexão entre memória e identidade é um assunto bastante enfatizado entre os pesquisadores como relata Candau:

[...] insistem igualmente sobre os laços fundamentais entre memória e identidade e sobre o fato de que é a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade.

Se identidade, memória e patrimônio são “as três palavras-chave da consciência contemporânea” — poderíamos, aliás, reduzir a duas se admitimos que o patrimônio é uma dimensão da memória —, é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade.

Para Anne Muxel, o trabalho da memória atua na construção da identidade do sujeito, é o “trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade”. Igualmente, Isac Chiva, ao definir

identidade como “a capacidade que cada um tem de permanecer consciente de sua vida através das mudanças, crises e rupturas”, enraíza igualmente a identidade em um processo memorial. Nesse sentido, Isa Chiva e Anne Muxel são fiéis a Maurice Halbwachs, que lançou e explorou metodologicamente esse campo de pesquisa. (2012, p. 16)

Durante muito tempo o único recurso de armazenamento e transmissão de conhecimento foi a memória. Os narradores eram os detentores de todo o conhecimento e eram responsáveis por manter as crenças e preservar as tradições. No Brasil, comunidades indígenas e africanas, que não estavam contempladas de maneira legítima nesta construção de memória coletiva externa, visto que não eram reconhecidas como comunidades importantes para a sociedade no geral, passaram a reconstruir internamente através da tradição oral, seus próprios processos de memória, não havendo como negar que estavam inscritos nos corpos do imaginário. “Foi através da transmissão oral que os indígenas conseguiram fazer chegar, até nossos dias, ensinamentos sagrados, continente de princípios preciosos para a saúde psíquica e emocional do ser humano.” (Santo, 2010, p. 19) A memória se materializava e materializa em símbolos, objetos, rituais das tradições orais que prevalecem nos meios rurais e entre os grupos mais pobres da população.

Entendemos como memória individual, a habilidade psíquica de adquirir, reter (conservar) e evocar conhecimentos e/ou informações que podem ser utilizadas pelo indivíduo para atualizar impressões ou informações passadas, acontecimentos que não retornarão, no que Candau nos diz:

A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Pela retrospectão o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar sua vida presente. De acordo com Santo Agostinho, “o espírito é a memória mesma”. Buñuel dizia que era preciso perder a memória, ainda que parcialmente, para se dar conta de que é ela que “constitui a nossa vida”. O conhecimento de si, observa Jean-Yves Lacoste, “leva consigo, necessariamente, os caminhos de uma memória de si mesmo”.

Mnemosyne, a “chave da consciência”, é, portanto, uma fonte primordial para o que chamamos de identidade: “*Memory make us, we make memory*. (2012, pp. 15-16)

De acordo com Maurice Halbwachs (2004, p.64) a atribuição de memória está diretamente ligada a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade; em sua obra *A Memória Coletiva*, afirma que o processo de lembrança depende dos outros; e que as memórias individuais podem ser consideradas como ponto de vista acerca de memória coletiva,

ou seja, o lembrar coletivo corresponde a uma significação em rede de uma lembrança construída pelo indivíduo, por ele interpretada e, a partir de um dado momento, conectada.

Em observação ao pensamento de Halbwachs, Ecléa Bosi (2016, p. 54) diz que a memória depende do contexto social em que o sujeito está inserido, seja na família, no trabalho ou em outros grupos.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e do outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (2016, p. 55)

Dessa maneira, Bosi (2016) e Halbwachs (2004) nos dizem que passado e presente dialogam na construção das crenças sociais trazendo ao grupo seu aspecto identitário, por meio dos acontecimentos do presente, o passado é reconstruído e quando evocado reflete o que Halbwachs (2004, p.75) chama de “quadros sociais de memória” que para ele são mais relevantes do que a memória em si.

Pensando na memória como uma faculdade do ser humano, Candau (2012, pp. 21-23) a classifica em três grupos:

- Memória de baixo nível, ou protomemória: que se referem as aprendizagens primárias, lembretes que fazem funcionar o corpo, saberes e experiências básicas, repetitivas e habituais e rotinas;
- Memória de alto nível, ou memória propriamente dita: são as memórias de acontecimentos que podem ser recordados ou reconhecidos, lembranças de vida, crenças, sentimentos e;
- Metamemória, diretamente relacionada com a identidade, trata da relação que o indivíduo tem com sua própria memória, o que pensa dela, como se relaciona com o seu passado construindo efetivamente sua identidade.

Essa classificação, para além de apresentar termos científicos, traz bastante esclarecimento quando se pensa no delinear das memórias individuais. No entanto, para observação de grupos ou sociedades elas não fazem tanto sentido, uma vez que a sociedade em si não executa aprendizagens primárias, são os indivíduos que as compõe, os verdadeiros

beneficiados. Para Candau, (2012, p. 24) “...um grupo não recorda de acordo com uma modalidade culturalmente determinada e socialmente organizada, apenas uma proporção maior ou menor de membros desse grupo é capaz disso.”

Em relação aos grupos o que se fala é de “memória coletiva” que deixa de ser uma faculdade quando perde sua individualidade e passa a ser uma representação de uma memória em comum aos membros do grupo. “As sociedades caracterizadas por um forte e denso conhecimento recíproco entre seus membros são, portanto, mais propícias à constituição de uma memória coletiva – que será nesse caso uma memória organizadora forte – do que as grandes megalópoles anônimas”. (ibid., p. 45)

O termo “memória coletiva” faz pensar que todos os membros de um grupo compartilham das representações do seu passado e as consideram comuns entre si, no entanto é importante lembrar que mesmo numa sociedade em que haja lembranças compartilhadas, cada indivíduo pode evocar essa lembrança a seu modo, a partir das suas próprias conexões.

Enfim, mesmo que exista em uma determinada sociedade um conjunto de lembranças compartilhadas pelos seus membros, as sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes, levando em consideração as escolhas que cada cérebro pode fazer no grande número de combinações da totalidade de sequências. (ibid., p. 36)

Para a autora, a construção da memória coletiva só é possível se as memórias individuais se entrelaçarem com vistas em objetivos comuns e é essa diversidade de modos de memórias, plurais, instáveis e variáveis que consistem na força da elaboração das identidades, que muitos pensam ser fixas e permanentes.

3 Contexto da Investigação

O Cariri Cearense, é uma região localizada no estado do Ceará, região Nordeste do Brasil e está situada a 500 km da capital. É conhecida pelo valor histórico, pela riqueza geológica dos fósseis raros e preservados, e pela abundância de água da Floresta Nacional do Araripe e sua região metropolitana, sendo considerada o “oásis do sertão”. É formada por 28 municípios que ficam localizados no sertão do estado, dos quais nove compõem o microterritório Cariri central e três deles formam a região metropolitana conhecida como Crajubar (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha). Entre esses 28 municípios está a cidade de Nova Olinda onde se localiza a sede da Fundação Casa Grande.



Figura 1- Posição Geográfica do Cariri no mundo.

Recuperado de Silva, J. J. Caldeirão e Assentamento 10 de Abril: passado e presente na luta por terra no Cariri cearense. 2010. 213 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

A etnologia do Cariri é herança dos indígenas Kariris¹ habitantes dessas terras que em outro tempo foi mar. Este fato é legitimado pelos fósseis dos peixes de água salgada e dos pterossauros, que foram e ainda são encontrados e catalogados na região. Esses indígenas eram originários da Ásia, tendo chegado ao Novo Mundo acolhidos pelas águas dos rios Amazonas e Tocantins. Esse fato faz lembrar a lenda que atribui a origem dos Kariris a um “lago encantado” (ANEXO B). A tribo foi expulsa do litoral pelos Tupinambás e Tupiniquins e assim chegou ao Cariri, conseguindo os Tremembés (parte dos Kariri) resistir e se instalar numa área litorânea entre os estados do Ceará e Paraíba. A história conta que o Kariri era um povo quieto, porém bravo, característica essa que pode ser comprovada no enfrentamento que ocorreu no período da colonização, fazendo com que eles só aceitassem o contato com os portugueses a partir do século XVII. (Limaverde, 2017, p.78)

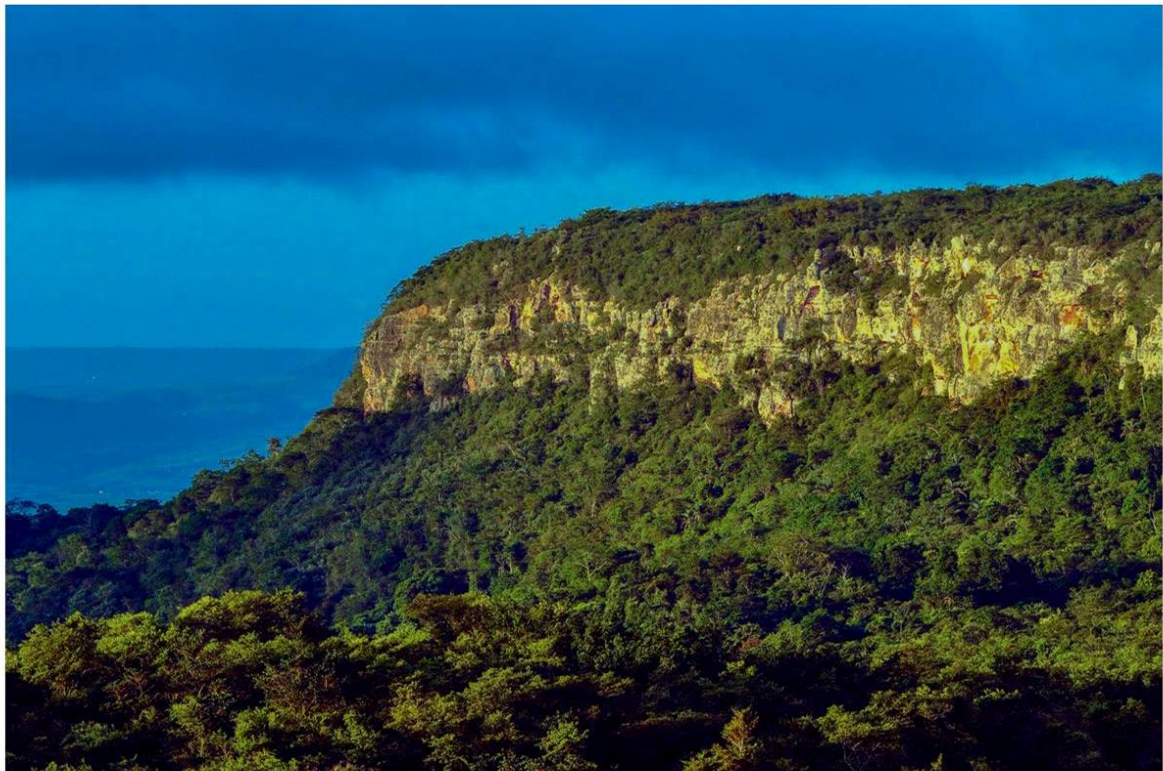


Figura 2- Chapada do Araripe

Fonte Augusto Pessoa

A região do Cariri é fortemente identificada pela Chapada Nacional do Araripe, que circunda a região e serve de barreira natural a ser ultrapassada por quem pretende chegar ao lugar. Os verdes vales cearenses, reconhecidos como o oásis do sertão nordestino, são encontrados ainda, arenitos avermelhados com nascentes de águas cristalinas fertilizando a

¹ Registramos aqui a diferença na grafia das palavras Cariri - região que abrange a Chapada do Araripe e as cidades em seu entorno e Kariri - nome da tribo indígena que habitava a região.

flora, a fauna, as lendas e os canaviais que movimentam os engenhos artesanais das rapaduras e demais produtos encontrados nas feiras de rua, populares na região. (Limaverde, 2017, p.85)

A Chapada do Araripe é uma Unidade de Conservação (UC) e faz parte da Floresta Nacional (Flona) do Araripe-Apodi, que foi instituída há 74 anos como a primeira floresta nacional do Brasil. A UC foi criada para manter as fontes de água do semiárido e barrar o avanço da desertificação no Nordeste. É gerida atualmente pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Foi criada em uma área de transição de ecossistemas que compreende fragmentos de Mata Atlântica e de Cerrado em plena Caatinga e constitui um importante refúgio de espécies raras e ameaçadas de extinção. A Flona Araripe-Apodi recebe por ano mais de 10 mil visitantes que desenvolvem atividades de ecoturismo e de educação ambiental. (<http://www.icmbio.gov.br> recuperado em 20 de fevereiro de 2020)

Em observação feita durante o período de colonização encontramos esta descrição da Chapada do Araripe feita pelo religioso português Pe. Antonio Vieira:

...um dos mais formosos painéis que porventura pintou a natureza, em outra parte do mundo, variando de montes, rochedos e picos, bosques e campinas dilatadíssimas, e dos longes do mar no extremo dos horizontes. Sobretudo, olhando do alto para o fundo das serras, estão-se vendo as nuvens debaixo dos pés, que, como é coisa tão parecida ao céu, não só causam saudades, mas já parece que estão prometendo o mesmo que se vem buscar por estes desertos. (1992, p. 174)

Essa região tem uma importância significativa na construção historiográfica do Estado do Ceará e também do Nordeste e é marcada por peculiaridades culturais e geográficas. As pessoas que vivem no Cariri, se reconhecem como sujeitos que vivenciam uma identidade cultural específica do restante do Estado, compartilham uma experiência de pertencimento fundamentada em seus patrimônios culturais, sejam estes materiais ou imateriais. A Chapada do Araripe colabora com a preservação dessas culturas, tal como ocorreu com os primeiros habitantes da região, os indígenas Kariris. Em relação aos povos indígenas brasileiros em geral, Santo (2010, p. 20) faz questão de ressaltar que:

Muitas vezes dominados e quase completamente exterminados, durante séculos e séculos, seguiram repetindo seus mitos, contando e recontando a seus descendentes os princípios de sua cultura milenar e muitas vezes preferiram morrer a abrir mão de seu conhecimento profundo sobre a floresta e o universo natural de mistérios poderosos que ela abriga.

O Cariri abriga registros valiosos sobre a formação do planeta através de seus fósseis em excelente estado de conservação, pinturas rupestres, vestígios de materiais pré-históricos, além de ricas manifestações culturais imateriais, preservados através dos seus “Mestres da

Cultura” ou “Tesouros Vivos da Cultura Cearense”, reconhecidos e diplomados com o título pelo Governo do Estado.

Foi pela tradição oral que os povos indígenas, habitantes remotos da Chapada do Araripe, preservaram e propagaram sua cultura, suas crenças, mitos, ritos e sua relação com a natureza e com o imaterial. Em um painel do Memorial do Homem Kariri há uma descrição sobre a ocupação dos indígenas na região nordeste do Brasil, antes da chegada dos colonizadores.

O povo Kariri, assim como outros povos indígenas, possuíam seus modos singulares e diversos de ver o mundo, suas particularidades linguísticas, artísticas, técnicas, cultural e diferentes formas de simbolização do real. Essas características, mescladas com outras trazidas pelos colonizadores e posteriormente pelos demais tipos migrantes que se estabeleceram no Cariri, preteritamente pela via da oralidade, foi se aglomerando, se transformando e pouco a pouco deu origem ao princípio da identidade das pessoas que vivem no Cariri.

Essa identidade se revela como uma rede tecida por gestos mnemônicos, registros orais e o permanente dinamismo nas relações entre os sujeitos, um processo reconhecidamente em permanente estágio de construção e transformação, reforçado pelo latente movimento de idas e vindas das pessoas que tem por algum motivo relação com a região do Cariri.

As cidades identificadas no Cariri conseguem ser desveladas no corpo de suas memórias coletivas e nas lembranças enraizadas nas suas linhas de expressões que registram sua história. Como diz Certeau (2014, p. 189), “os lugares são histórias fragmentarias e isoladas em si, dos passados roubados à legitimidade por outros, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas[...]”.

Pensar o Nordeste brasileiro sem o Cariri é distorcer o que se foi construído enquanto identidade de um povo. Nesse sentido, apresentaremos alguns aspectos da instituição Fundação Casa Grande, situando-a geograficamente e historicamente.

3.1 Sobre a Fundação Casa Grande e suas idiossincrasias

Que as nossas conquistas,
sejam sempre o meio e não o fim.
Que os nossos meios sejam
sempre centrados
na honestidade e
na coletividade
Que o nosso seja de
tantos e que o de tantos
seja de mais.
Grato ao povo Kariri!
(Alemberg Quindins)



Figura 3- Fachada da Fundação Casa Grande

Fonte arquivo da pesquisadora

A Fundação Casa Grande - Memorial Do Homem Kariri, iniciativa reconhecida mundialmente, foi criada em 1992 por Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde, na época músicos de formação popular, que estavam em uma jornada dentro do Cariri onde pesquisavam sobre os mitos, lendas e vestígios pré-históricos dos índios Kariri e do povo que habitou a Chapada do Araripe. O casal tinha preferência pelos trabalhos fundamentados pelos elementos regionais, transformou a pesquisa em um trabalho musical e criavam seus próprios instrumentos musicais reunindo assim um acervo histórico, arqueológico e mitológico. O material coletado pelos pesquisadores em acervo fazia referência a um passado pouco estudado e histórias de uma tradição oral pouco valorizada.

Como instituição a Fundação Casa Grande constitui uma Fundação Privada, sem fins lucrativos e uma Organização Não Governamental (ONG), de Utilidade Pública Federal, certificada pelo Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e condecorada em 2004 com a Ordem do Mérito Cultural pela Presidência da República do Brasil. Em 2009, recebeu do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) a outorga de 'Casa do Patrimônio da Chapada do Araripe'. (Limaverde, 2017, p. 167) Está situada na cidade de Nova

Olinda, localizada a aproximadamente 600 km de Fortaleza, capital do estado, na região sul do Estado do Ceará, Vale do Cariri cearense. A cidade, sede da Fundação, tem uma população de aproximadamente 15 mil habitantes distribuídos entre a zona urbana e rural, segundo estimativa do IBGE (2019).

Nova Olinda se estende por uma área de 283,4 km² (IBGE 2019), é um município de baixo índice de desenvolvimento humano, que passou por relativas melhorias socioeconômicas e mudanças significativas nos últimos anos, com destaque para o turismo de base comunitária criado e desenvolvido pela Fundação. A arqueologia merece destaque em Nova Olinda que é a maior reserva mundial de fósseis do período Cretáceo, essa reserva está concentrada em nove sítios arqueológicos estudados pelo Geopark Araripe, onde também são observadas pinturas rupestres e extensas áreas de calcário laminado, que é considerado a formação geológica mais rica em quantidade e diversidade de fósseis.

Sua criação se deu a partir da restauração da primeira casa da Fazenda Tapera, hoje cidade de Nova Olinda, ponto de passagem da estrada das boiadas que ligava o Cariri ao sertão dos Inhamuns, no período da civilização do couro, final do século XVII. A casa pertenceu à família de Alemberg, que viveu lá num período que ele chama de “iniciação mitológica”. Até a criação da FCG, Nova Olinda não possuía motivo que provocasse no turista ou pesquisador o desejo de conhecê-la, mesmo já abrigando diversas manifestações culturais e atividades que envolviam artesanato e música.

Em 1985, Alemberg e Rosiane, iniciaram uma pesquisa etnomusical sobre os mitos e lendas do povo habitante da Chapada do Araripe. Em 1992, a velha casa, que era considerada mal assombrada por várias pessoas da cidade, foi restaurada para abrigar a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri e tinha como projeto inicial a proposta de ser um centro cultural para coletar, conservar e exibir o material e as histórias coletadas pelo casal.

Rosiane Limaverde fez mestrado em Arqueologia pela UFPE três anos depois de criarem a Fundação, em 2014 concluiu seu doutoramento pela Universidade de Coimbra, em Portugal, defendendo a tese intitulada Arqueologia Social Inclusiva – A Fundação Casa Grande e a Gestão do Patrimônio Cultural da Chapada do Araripe e faleceu em 2017 aos 51 anos.

O material coletado por Rosiane e Alemberg era suficiente para fundar o Memorial do Homem Kariri e depois de uma reforma a casa passou a abrigar o Memorial. A movimentação intensa na casa, até então abandonada, passou a chamar a atenção dos moradores da cidade e principalmente das crianças, que passaram a acompanhar as explicações que eram dadas aos

visitantes sobre o Memorial, em pouco tempo decoraram os textos e acabavam por receber os visitantes clandestinamente quando a recepcionista não estava por perto.

Certo dia as crianças foram flagradas por Rosiane e Alemborg reproduzindo as explicações e os fundadores tiveram a ideia de abrir a Casa para a interação com as crianças, o que já acontecia de modo informal. A participação das atividades fez surgir a Escola de Comunicação da Meninada do Sertão. Como não havia espaço para todas as crianças serem recepcionistas, Alemborg passou a atribuir novas funções para as outras crianças que iam chegando e dessa forma as atividades de manutenção da Casa foram assumidas pelas crianças. No início dessas atividades os pais não gostaram da proposta pois acreditavam que as crianças estavam trabalhando para a Fundação sem remuneração e a prefeitura chegou a impedir o funcionamento das atividades, algum tempo depois a situação foi contornada e a instituição voltou às atividades normais. (Limaverde, 2017, p. 201)

A característica principal da Fundação Casa Grande como projeto de educação para crianças e adolescentes é exatamente a gestão de todos os processos dentro da Casa sendo executados pelas crianças. Seu objetivo principal é proporcionar a jovens e crianças, estendendo a seus familiares, uma formação social e cultural através da vivência em gestão institucional dentro de cinco programas.

Os programas de formação da Fundação Casa Grande desenvolvem atividades de complementação escolar através dos laboratórios de conteúdo e produção. O objetivo é a formação interdisciplinar das crianças e jovens, a sensibilização do ver, do ouvir, do fazer e conviver através do acesso à qualidade do conteúdo e ampliação do repertório. Os objetivos estatutários da Fundação são pesquisar, preservar, coletar, juntar em acervo, comunicar, exibir e publicar para fins científicos, de estudo e recreação, a cultura material e imaterial do Homem Kariri e de seu ambiente. Tem ainda como objetivo proporcionar a crianças e jovens e seus familiares a formação social e cultural através da vivência em gestão institucional dentro dos seus cinco programas: Educação Infantil, Profissionalização de Jovens, Empreendedorismo Social, Geração de Renda Familiar e Sustentabilidade Institucional. (Limaverde, 2017, p. 190)

O projeto foi concebido como uma possibilidade de resgate da cultura local por meio da narração de histórias, e mesmo diante dos avanços das mídias digitais, ainda encontra lugar cativo e público garantido. É possível identificar diversas razões que direcionam para o estudo de caso sobre a FCG. Ser gerida por crianças, jovens e adolescentes é apenas um desses fatores,

englobando em suas atividades cultura, comunicação e educação de uma forma que todos possam contribuir de diversas maneiras.



Figura 4- Entrada do IAC

Fonte arquivo da pesquisadora

A instituição é conveniada com a Universidade Regional do Cariri - URCA, tem parceria científica da Universidade de Coimbra, Portugal, através do Centro de Estudos em Arqueologia Artes e Ciências do Patrimônio (CEAACP) e com a Universidade Federal do Piauí - UFPI.

Em parceria com a Universidade Regional do Cariri – URCA e o Geopark Araripe, abriga o Instituto de Arqueologia do Cariri - IAC Dra. Rosiane Limaverde, que promove e divulga ações de pesquisa, extensão, proteção e conservação do patrimônio arqueológico, meio ambiente, cultura, geoturismo e geoeducação, abrangendo estudos arqueológicos em geral. Oferece o Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Arqueologia Social Inclusiva, uma iniciativa pioneira no Estado do Ceará na qual o Cariri se destaca como contexto sócio-cultural peculiar da região do Nordeste do Brasil, a Chapada do Araripe, como lugar ímpar para a vida humana desde a pré-história, onde um grande potencial cultural e arqueológico se revela através das pesquisas realizadas na área pela Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri e o Instituto de Arqueologia do Cariri Dra. Rosiane Limaverde. Além de ser o primeiro curso nessa área de estudo no Estado do Ceará, apresenta também um diferencial no país pela sua proposta formativa que une arqueologia, na sua dimensão etnoantropológica e na sua perspectiva de

inclusão social, pautada pela experiência e expertise da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri que há 27 anos atua com êxito nessa área do desenvolvimento regional. A infraestrutura do IAC é utilizada também para desenvolver oficinas de Metodologia e Técnicas do Trabalho de Campo na Pesquisa Arqueológica, direcionada para crianças e jovens de 4 a 14 anos e para os recepcionistas do Memorial. A estrutura funcional do Instituto, o Laboratório de Arqueologia e a Reserva Técnica são geridas por um colegiado de colaboradores da URCA, do Geopark Araripe e da FCG. O IAC tem no seu acervo mais de 3.500 peças catalogadas e mais de 6.500 peças em procedimentos de curadoria. (Limaverde, 2017, p. 163)

O acesso às dependências da Fundação é gratuito aos visitantes e as crianças que são indicadas para a função de recepcionista, que é a iniciação obrigatória para quem quer fazer parte da Fundação, precisam ter um desempenho satisfatório na escola, bem como para as demais funções da instituição. O direcionamento das crianças e jovens nas tarefas diárias é alinhado a uma perspectiva de inclusão e aprendizagem. Durante algum tempo questionou-se sobre os trabalhos das crianças alegando que se tratava de exploração infantil. No entanto o reconhecimento dos mais diversos órgãos ligados à educação e às inúmeras premiações que foram atribuídos à Fundação, assim como o diálogo e a persistência de Alembert e Rosiane, acabaram com essa visão deturpada sobre as atividades exercidas pelas crianças.



Figura 5 - Sala do Coração de Jesus

Fonte arquivo da pesquisadora

A Fundação abriga um museu, uma rádio FM (Casa Grande FM), uma estrutura de TV (TV Casa Grande) com ilha de edição, o Teatro Violeta Arraes, uma Dvdteca, gibiteca, biblioteca, discoteca, uma editora, alojamento, um parque e um café, que funcionam com o apoio do Governo do Estado, da UNESCO, do UNICEF, entre outros parceiros nacionais e internacionais, trabalhando a educação patrimonial através de várias atividades e eventos.

Ao receber um visitante, o recepcionista mirim escalado no momento, conduz o passeio pelo Fundação e pelo Memorial que se inicia na sala de acesso (Sala do Coração de Jesus) que abriga a imagem do índio Kariuzinho, personagem da infância do fundador, e percorre mais 6 (seis) salas com artefatos, distribuídas por categorias e denominadas:

- - Etnia – destinada a exposição de fotografias de crianças e adultos com traços fisionômicos próprios dos habitantes da região;
- - Corredor do Arco – contém o mapeamento antropológico e arqueológico;
- - Mitologia – abriga vários painéis que registram as lendas coletadas pelos fundadores nas pesquisas iniciais sobre a região, sendo esses desenhos feitos pelas crianças;
- - Artes Rupestres – instalada onde seria o quarto de casal da casa, exhibe painéis com fotografias de pinturas pré-históricas encontradas na região, que constituem as evidências da ocupação do Cariri num período anterior à colonização;
 - Arte Cerâmica – expõe peças reunidas pelos fundadores durante a pesquisa inicial, são peças de cerâmica, fragmentos de machados, cachimbos, urnas funerárias e outras peças, é dedicada ao período em que o homem Kariri dominou o fogo e passou a construir artefatos para atender suas necessidades ritualísticas, domésticas e artísticas.
 - Arte Lítica – expõe as evidências da pedra lascada e da pedra polida, indicando a pré-história do homem Kariri, exhibe peças em pedra.

Após a conclusão da visita ao Memorial do Homem Kariri, o visitante é convidado a conhecer os outros espaços que complementam as instalações da Fundação:

- Casa Grande FM – através da aquisição do amplificador A Voz da Liberdade em 1996, tem início a rádio comunitária educativa que abrange um raio de 25km. A “profissionalização” dos meninos e meninas, locutores e radialistas, fica a cargo de um convênio que existe entre a Casa Grande e o curso de Comunicação Social, da Universidade Federal do Ceará, através do PARC – Programa de Assessoria das Rádios Comunitárias do Ceará -, criado em 1987, que trabalha com todo tipo de mídia. O PARC, atua junto à Casa Grande desde 1994. No entanto, como em todas

as situações dentro da FCG o aprendizado é repassado dos mais velhos para os mais novos à medida que um novo integrante se interessa pelo assunto.

- Casa Grande Editora – produção de panfletos educativos e revistas em quadrinhos, com histórias do seu cotidiano ou das lendas que fazem parte do museu.
- 100 Canal – Tv Casa Grande – trata da produção de vídeos de curta duração feitos/editados pelos meninos (em geral, pequenas entrevistas com artistas ou pessoas da terra, ou até mesmo lugares como a “feira” de Nova Olinda), que é exibido antes da apresentação de sessões de cinema ou shows artísticos no Teatro Violeta Arraes e no Centro Cultural do Banco do Nordeste em Juazeiro do Norte.
- Biblioteca – Abriga o acervo de livros de literatura infanto juvenil e livros de referência e pesquisa escolar, além de livros raros e históricos.
- Gibiteca – Acervo de histórias em quadrinhos (bandas desenhadas) com mais de 4.500 títulos classificados por autores, roteiristas e desenhistas.
- DVDteca – Organizada em prateleiras por continentes e nacionalidades dos diretores, possui filmes, documentários, musicais e as produções independentes dos 100 canal.
- Teatro Violeta Arraes – Engenho de Artes Cênicas – espaço de formação de plateia e gestores culturais em áreas de produção, direção, sonoplastia, iluminação, cenário e *roadie*. No espaço acontecem exposições de filmes, shows, peças e espetáculos.
- Laboratório de Informática – as crianças alimentam a página e as redes sociais da FCG, criam blogs onde escrevem sobre livros, filmes, expõe opiniões e desenvolvem a criatividade.
- Laboratório de Arqueologia - resultado da parceria com a Universidade de Coimbra – Portugal e URCA.
- Parque Vêi Leonso – espaço destinado a brincadeiras e recreação.
- Parque Ambiental dos Cajueiros – área externa destinada a atividades livres.

O grande movimento de turistas e pesquisadores na cidade e região estimulou a criação de outros recursos que subsidiam a Fundação e para geração de renda das famílias das crianças que participam do projeto, exercendo um trabalho de fortalecimento do patrimônio cultural e turismo:

- Empreendedorismo Social – Os jovens desenvolvem negócios criativos, as experiências são compartilhadas e a gestão é coletiva, fomentando a cadeia produtiva da economia local;

- Profissionalização de Jovens – Capacitação profissional nas áreas de atuação da Fundação;
- Geração de Renda Familiar – Com base no turismo solidário, foi criada a Cooperativa de Pais e Amigos da Casa Grande - COOPAGRAN, criando pousadas domiciliares, promovendo a geração e ampliação da renda para a sustentabilidade familiar;
- Sustentabilidade Institucional – Acompanhamento dos custos de manutenção mensal da Fundação.

No Estatuto da FCG (ANEXO A) encontramos que ela possui quatro categorias de membros integrantes: Fundador, benfeitor (pessoas que contribuem permanentemente com prestação financeira ou em serviço), mantenedor (pessoas que contribuem para a manutenção por um período não inferior a dois anos) e colaborador (pessoa física ou jurídica que contribui de maneira financeira ou outra forma para o alcance da finalidade da Fundação). É administrada por uma assembleia geral, uma diretoria e um Conselho Fiscal com três jovens de mais idade, além de dois conselhos consultivos sendo um Conselho Cultural que é constituído por cinco membros indicados pela diretoria, jovens maiores de idade que estão na instituição e estes tem a função de distribuir as tarefas em reuniões semanais que acontecem às segundas-feiras, além de em conjunto planejar atividades e tratar de assuntos do cotidiano da fundação e um Conselho Científico, composto por três membros profissionais de diversas áreas do conhecimento.

A FCG possui um escritório na cidade do Crato, onde geralmente o fundador Alembert fica e onde se encontra a parte burocrática da instituição, como as fichas das crianças. As fichas são alocadas em pastas individuais e cada pasta contém ainda a “solicitação de matrícula de autônomo”, no caso de jovens maiores de idade ou o “termo de matrícula de dependente” para as crianças menores de idade, em que consta a autorização dos pais. Outro documento que compõe a pasta é o “termo de licença de uso da imagem” para dependentes e autônomos, além de uma ficha de acompanhamento pedagógico (que buscam identificar a origem de cada criança, o que os motiva a frequentar as atividades e como entendem os programas) e se torna um tipo de currículo que organiza os acontecimentos e oficinas que a criança participou na instituição.

3.2 Tradição oral, cultura e identidade, FCG espaço educativo não-formal.

Em relação à utilização dos mitos e lendas como ferramentas pedagógicas e pressupostos metodológicos, Mattoso (2002, p. 71) os aprova e diz que:

“o ensino da História a crianças e pré-adolescentes, é da maior importância para que, desde a mais tenra idade, encarem o conhecimento do passado como intimamente ligado à realidade e à vida pessoal e não como um conhecimento livresco e puramente intelectual ou como qualquer coisa sem relação alguma com a vida de todos os dias”.

O autor reforça o seu pensamento afirmando:

“(…) não proponho uma utilização pura e simples da narrativa e de factos considerados da história local para ir formando uma noção correta de passado histórico. Por um lado, considero importante que se utilizem narrativas coerentes e completas, e não apenas breves resumos que perdem toda a sua eficácia dramática e capacidade comunicativa. Por outro lado, parece-me ainda mais importante inculcar o sentido da diferença entre a narrativa atraente, e mesmo exemplar, e a realidade histórica.” (Mattoso, 2002, p. 79)

Através das lendas, mitos, contos e demais demonstrações de cultura local, é que a tradição oral se enraíza, estabelecendo uma ponte com o passado, construindo uma compreensão e fortalecendo a sensação de pertencimento e identificação., de forma que ao “visitar” o passado o sujeito tem condições de percebê-lo e interpretá-lo tomando como ponto de partida a sua análise sobre a apresentação que lhe foi disponibilizada.

Nas tradições africanas [...] -, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um carácter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. [...] Do mesmo modo, sendo a fala a exteriorização das vibrações das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala, é por isso que no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma. Se a fala é força, é porque ela cria uma ligação de vaivém (yaa-warta, em folfalde) que gera movimento e ritmo, e, portanto, vida e ação. (Hampaté Bâ, 2010, p. 182)

É comum compararmos o espaço educativo da Fundação Casa Grande com a Escola da Ponte em Portugal, que o prof. Rubem Alves (2004) classificou como “A escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir”. Com a poesia que lhe é própria na escrita, ele descreve as práticas educativas da Escola da Ponte, destacando que nelas estão presentes o “sentimento de pertença” a uma comunidade, a ética que “silenciosamente” perpassa as relações de ensino e de aprendizagem. Enfatiza que os conteúdos são construídos no dia-a-dia a partir das necessidades e interesses do educando, de maneira que o saber flui nas relações não hierárquicas entre aqueles que fazem esta escola:

Estou a escrever um texto para os miúdos” – foi o que ela disse. Na escola da Ponte é assim. As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é exceção. É rotina do dia-a-dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças

estão aprendendo valores. (Alves, 2004, p. 43)

Existe uma grande similaridade entre as atividades rotineiras executadas na Fundação com a experiência criada e desenvolvida pelo professor José Pacheco em Portugal, na conhecida Escola da Ponte, tantas vezes exaltadas pelo escritor Rubem Alves. Essas semelhanças ultrapassam o aspecto de atores principais executados pelas crianças. Logo na entrada, quem decide visitar a Fundação é surpreendido pela atividade das crianças e jovens a executar tarefas que em outros espaços são impreterivelmente realizadas por adultos, sejam atividades de organização, manutenção, criação e conteúdo áudio visual, produção gráfica, entre outras. O mesmo, na Escola da Ponte:

A primeira grande surpresa que espera o visitante da Ponte é a aparente subversão de um conjunto de mecanismos e rituais que nos fomos habituando a associar à organização e ao funcionamento de uma escola. Na Ponte, tudo ou quase tudo parece obedecer à outra lógica. Não há aulas. Não há fichas ou testes elaborados pelos professores para a avaliação dos alunos. Não há manuais escolares e, menos ainda, manuais únicos para todos os alunos. Não há toques de campainha ou de sineta. Em certos momentos, o observador mais distraído até poderá supor que, naquela escola, não há professores, de tal modo eles se confundem com os alunos ou são (ou parecem ser) desnecessários... (Alves, 2004, p. 17)

Alves (2004) nos fala nessa citação sobre a sua surpresa ou admiração ao conhecer uma escola que jamais sonhou que pudesse existir. A Fundação Casa Grande causa um impacto semelhante. Contudo se classifica como uma Organização Não-Governamental (ONG), onde o dia-a-dia acontece como se fosse regido pelos mitos e lendas que protege e proporciona seu crescimento e desenvolvimento ao longo dos anos, como numa relação de troca entre o protegido e o protetor, por vezes trocando de função entre si.

A FCG, ao utilizar a tradição oral como recurso educativo, transforma o espaço da cidade de Nova Olinda em uma comunidade cultural, através de uma convivência democrática, reforçando o pensamento do autor Ailton Krenak, que no seu livro *Ideias para mudar o fim do mundo*, defende o pensamento que “se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.” (Krenak, 2019, p. 9) O trabalho executado pela FCG coloca as crianças como atores participativos de uma dinâmica histórica importante para a formação da identidade local.

Para Hall (2006, p.101), no mundo pós-moderno, as culturas nacionais têm se constituído de certa forma em uma das fontes de identidade cultural para os indivíduos, o que merece estudo aprofundamento, compreendendo que a identidade permite aos indivíduos reconhecer suas origens, como também lhe possibilita sentido e experiência de vida. Conhecer

o passado é primordial para transformar o presente. Por esse motivo a identidade é um dos fatores essenciais para que o ser humano se reconheça e valorize sua cultura e os elementos e símbolos que fazem parte desse universo cultural.

Quando Freire (2011, p. 41), diz que “ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”, mostra o valor do ensino, troca de saberes para elevação da identidade cultural, numa prática que possibilite situações nas quais os educandos entendam na relação uns com os outros e com o educador essa assunção como sujeitos. Assumindo sua identidade cultural e natureza histórico-social.

3.3 Mas afinal quem são e o que fazem os meninos e meninas da FCG?

Atualmente a instituição mantém vínculo efetivo com 21 crianças de 04 a 15 anos de idade, essas crianças contabilizadas são as que participam das atividades regularmente e são identificadas facilmente através do uso dos uniformes.

Todas as crianças, sejam residentes de Nova Olinda ou visitantes, tem acesso aos espaços que compõe a fundação, no entanto aqueles que se reconhecem como parte da instituição e desejam se juntar a ela precisam assumir tarefas diárias, tendo como condição o desempenho satisfatório no ensino formal. As crianças assumem as tarefas numa perspectiva de inclusão e aprendizagem. Essa dinâmica adotada pela instituição, lhe agregou vários prêmios de reconhecimento ao longo dos 27 anos de atuação.

Para participar das atividades na Fundação, a criança ou jovem precisa obrigatoriamente estar matriculado na rede formal de ensino, mas não há uma matrícula feita pelos pais para participação na FCG, o ingresso é feito de forma espontânea pela própria criança ou pelo convite de um membro. O horário de convivência na Fundação se reveza com o horário escolar, dessa forma as crianças que frequentarem a escola regular pela manhã, realizam as atividades na Fundação no período da tarde e vice-versa. Ao chegar na instituição o visitante é logo recebido por alguma criança ou jovem que está escalado para aquele horário e para a atividade de recepcionista. O visitante é apresentado à história do museu e inicia o percurso sempre pela Sala do Coração de Jesus, a antiga sala de visitas do avô de Alemborg.

Um discurso sempre reforçado por Alemborg é de que a função de recepcionista é a iniciação obrigatória para quem quer se vincular à FCG. Ainda que a atividade introdutória seja a de recepcionista, ao longo do percurso a criança tem a oportunidade de conhecer as demais atividades e espaços e se aproximar do objetivo que mais lhe estimule. Dessa maneira a aprendizagem se dá no coletivo e também individualmente de acordo com os interesses e

experiências de cada um. Durante uma visita a FCG é fácil observar a naturalidade com a qual as crianças interagem com o acervo do museu, o zelo e o apreço que eles têm por cada peça exposta nas vitrines e o entusiasmo que demonstram ao guiar um visitante.

A FCG está aberta aos visitantes o dia inteiro de 8h às 17h, as visitas acontecem sem agendamento prévio, no caso de pequenos grupos ou visitas individuais e a logística desenvolvida pelas crianças demonstra o quanto elas são organizadas e autônomas diante desse trabalho. O espaço do parque está sempre aberto, a utilização dos laboratórios e biblioteca acontece mediante horários pré-definidos. Faz parte de seu cotidiano pensar as atividades, seu planejamento, sua execução e avaliação dos resultados, apropriando-se deles e aprimorando-se de forma coletiva.

Entre as muitas crianças que frequentaram e/ou frequentam a FCG desde sua abertura, alguns cresceram junto com o desenvolvimento da instituição e nela permanecem. Esses jovens, que em alguns casos estão dando continuidade à vida acadêmica, dedicam seu trabalho e atenção na construção e expansão desse espaço coletivo de aprendizagem. Os jovens que não permaneceram na Fundação por algum motivo, deixaram sua contribuição e por ela foram marcados também.

Observando o relato etnográfico de Azevedo:

À Casa Grande, para os que cresceram nela, cabe bem a metáfora da tribo: As meninas e os meninos da Casa Grande, como disse certa feita dona Violeta Arraes, nunca deixarão de ser meninas e meninos da Casa Grande. Mesmo ainda da Fundação eles levarão adiante ainda por um longo tempo (senão pela vida inteira) uma memória corporeificada: ali cresceram, ali se construíram enquanto indivíduos e foram acolhidos num micro-grupo social que os fizeram ser reconhecidos (entre si, em relação à família, aos cotidianos e aos estrangeiros). (2005, p. 245)

As atividades do cotidiano são feitas pelos meninos e meninas, os mais velhos são os “gerentes” dos setores e cada setor tem seus respectivos auxiliares, que geralmente são as crianças mais novas e auxiliam os gerentes na limpeza e organização dos setores. As tarefas de manutenção são dedicadas também aos mais velhos, sejam serviços elétricos, de marcenaria ou de alvenaria. Há horários estabelecidos para limpeza, assim como escalas designando a equipe de cada setor. Quase toda a manutenção é feita pelas crianças, exceto algum serviço mais complexo que precise de conhecimento especializado. Pela passagem do aniversário da fundação que presenciei por exemplo dia 19 de dezembro de 2019, as redes sociais da instituição divulgavam as atividades de reparo e pintura da casa que eram feitas pelas crianças na preparação para o dia da festa.

Dessa forma, repassando os conhecimentos e as responsabilidades dos mais velhos para os mais jovens, o fluxo de funções é constante, não havendo cargo vitalício ou permanente, reforçando a ideia de que todos podem fazer tudo, sempre dentro do limite de cada um. Esse rodízio de tarefas permite o exercício de várias habilidades ao mesmo tempo que enfatiza a importância de cada componente para o funcionamento da instituição como um todo.

A circulação de crianças é livre nos diversos espaços da casa, seja para brincar, utilizar algum espaço ou conviver com as outras crianças, no entanto ao decidir fazer parte da instituição a criança se envolve nas atividades fundamentais da casa, recebe um uniforme que é entregue durante um ritual anual que acontece na sala principal da casa e é entregue pelas mãos do fundador, Alemberg ou por algum convidado indicado por Alemberg. É preenchida uma ficha de matrícula com os dados gerais, de moradia, familiares e de renda de cada criança. Nessa ficha é anexado um ofício de solicitação de vaga assinado pelo responsável e um termo de licença do uso de imagem de dependente. Após esse primeiro momento de escolha e acolhimento é preciso conhecer os mitos e lendas do homem Kariri, para assim exercerem a função de recepcionista e posteriormente passar a exercer as tarefas dos laboratórios de acordo com suas afinidades.

A hierarquia dentro da Fundação é formulada observando várias questões como idade, tempo de Casa, experiência, conhecimento e dessa forma as atividades se organizam. Os acontecimentos do cotidiano é que proporcionam o momento certo de repassar ou de absorver algum ensinamento específico, de modo que o lugar de valor se torna mais importante do que o aprendizado de forma concreta. O desejo de aprender vem pelo vislumbramento de exercer uma nova função, ou manusear um novo equipamento, ou ocupar uma nova sala.

4 Metodologia – O caminho se faz ao caminhar

A decisão sobre a escolha da metodologia a ser utilizada em um processo investigativo como a produção de uma dissertação, reflete diretamente no caminho da pesquisa. Uma escolha equivocada traz o risco de comprometer o desenvolvimento do trabalho e mais que isso, pode interferir no êxito na busca dos objetivos estipulados. Refletir sobre essas questões é necessário para escolher o método que mais se adeque a investigação pretendida.

No entanto é preciso reconhecer que o caminho se faz ao caminhar, assim as técnicas e métodos que são necessários para levantar os dados e atingir os objetivos propostos, podem ser adaptados e melhorados durante o desenvolvimento da pesquisa, no intuito de trazer mais transparência e exatidão ao resultado do trabalho. Neste capítulo abordaremos o procedimento metodológico adotado nesta pesquisa.

A investigação está pautada na busca mais aprofundada pela relação do grupo com a temática e deve ser detalhada e abordada pelo método de procedimento monográfico, também conhecido como estudo de caso e de acordo com Félix (2018): Tem como base a observação de determinados indivíduos, profissões, instituições, grupos e outros, com o fim de obter generalizações. Assim o estudo de caso em profundidade pode ser a base representativa de outros semelhantes.

4.1 Opções metodológicas

O procedimento metodológico utilizado para a concretização da referida pesquisa é fundamentado nos referenciais da investigação qualitativa e usará a técnica de recolher e analisar dados descritivos nos quais a realidade é firmada na percepção dos sujeitos, buscado compreender o significado de narrativas verbais. (Felix, 2018) A especificidade da prática pedagógica requer uma metodologia própria, na qual o pesquisador busque encontrar os melhores caminhos para a compreensão significativa do ser humano e dos fenômenos sociais que o envolvem. As metodologias qualitativas são constituídas por um conjunto de técnicas interpretativas que têm por meta a investigação de fenômenos sociais, com vistas à obtenção de elementos relevantes para descrever ou explicar esses fenômenos (Triviños, 2017).

4.1.1 Estudo de caso, um processo de cariz etnográfico e paradigma qualitativo.

O presente trabalho tem como tipo de investigação o estudo de caso, onde o propósito é reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre o fenômeno das dinâmicas sociais e apropriações individuais da tradição oral dentro da instituição. (Amado, 2014) Isto quer dizer que a parte empírica de busca de informações que subsidiam a discussão acontece no seu ambiente natural, a instituição, com as pessoas que a frequentam e nas manifestações das culturas populares tendo a oralidade como fundamento principal, base de transmissão de conhecimentos e de educação, no sentido da constituição humana e das identidades. “A observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa, apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação” (Gil, 2008, p. 110).

O referido estudo se baseou ainda na observação sistemática, onde a pesquisadora identificou os aspectos significativos a serem observados para alcançar os objetivos pretendidos, através da descrição dos comportamentos de um grupo específico como é o caso da FCG, baseado em informações coletadas através do trabalho de campo, onde podemos obter um contato prolongado com o objeto (Gil, 2010), selecionando dentro do grupo, participantes que possam indicar outros participantes que sejam importantes.

Os participantes da investigação são as crianças e jovens que estão na atualidade inseridos nas atividades da Fundação Casa Grande e com o fundador da instituição, Alembert Quindins, cuja ideia inicial era criar uma instituição que preservasse os mitos e lendas do povo Kariri e que para tanto não estavam devidamente documentadas em forma física através da escrita, só eram reproduzidas de forma oral.

O passo inicial da pesquisa ocorreu em 2019 na delimitação do tema e na pesquisa bibliográfica e documental, quando reunimos artigos, livros, teses, dissertações, documentários, entrevistas, filmes e reportagens sobre a instituição. Essa ampla pesquisa documental foi necessária para entender o contexto atual da instituição e como ela veio se construindo ao longo dos seus 27 anos de existência.

Na pesquisa documental reunimos informações e dados sobre acontecimentos e seus desdobramentos e nos ajudaram a compreender como as memórias obtidas através dos relatos orais se formaram. A pesquisa documental permitiu um maior aprofundamento das questões explicitadas neste trabalho. Esse momento compreendeu também uma consulta a sites, pesquisa de documentos públicos e privados, tais como reportagens, fotografias, estatutos, na busca de informações relevantes sobre o contexto cultural da instituição em questão.

O portfólio documental tornou-se mais completo a partir das visitas que a pesquisadora fez à instituição, sendo a primeira visita dia 3 de dezembro de 2019, um encontro com Alembert para apresentar o estudo, confirmar seu assentimento sobre a pesquisa e validar algumas informações sobre o desejo da pesquisa. A primeira visita à instituição dia 19 de dezembro de 2019, dia da comemoração do aniversário da Fundação foi possível fazer a observação durante todo o dia do evento completo e de seus diversos momentos. A segunda visita à Casa ocorreu no dia 04 de janeiro de 2020, sendo um momento de observação. Em 05 de março de 2020, foram feitas as primeiras entrevistas oficiais, tanto com Alembert quanto com meninos e meninas na própria Fundação. A pesquisa documental foi de fundamental importância e permitiu o máximo entendimento e absorção das entrevistas, proporcionou uma importante familiarização com a história da Fundação proporcionando a condução da entrevista semiestruturada de maneira mais assertiva.

4.2 Desenho do estudo, *locus* e sujeitos da pesquisa

O universo abordado nesta pesquisa é a FCG em Nova Olinda, uma instituição que se estruturou em 1992, com a missão de promover a preservação dos mitos e lendas da Chapada do Araripe e do Homem Kariri, através da educação patrimonial para crianças e jovens. A escolha pelo estudo sobre esse espaço se deu baseado na proximidade da pesquisadora com a proposta da instituição, uma vez que a pesquisadora esteve em visita a FCG em vários momentos e níveis da sua vida escolar/acadêmica e em cada um desses momentos foi observado o constante desenvolvimento da instituição e o merecido reconhecimento pelos diversos órgãos e entidades quanto a importância do trabalho feito na instituição ao longo dos anos. Os processos empreendidos na pesquisa estão resumidos no desenho do estudo (Quadro 1).

Quadro 1- Desenho do Estudo

REVISÃO TEÓRICA			
Educação Não-Formal	Tradição Oral	Cultura	Identidade e Memória
MÉTODO			
Paradigma Interpretativo		Abordagem Qualitativa	
PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS			
Entrevistas Semiestruturadas	Observação Não Participante	Pesquisa Documental	
ANÁLISE DE DADOS			
Análise de Conteúdo			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Buscando atingir os objetivos propostos na pesquisa, além da observação não-participante, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas com o fundador e participantes da instituição, bem como os momentos em que foram feitas visitas e acompanhadas as atividades e a dinâmica na casa. As idades das crianças e jovens variaram entre os 6 e 21 anos. O detalhamento quanto aos gêneros (sem levar em consideração a orientação sexual de cada um), das funções distintas dentro da organização e o perfil dos entrevistados está representado no Quadro 2. Além dos critérios de representatividade, foi atendido também o critério de disponibilidade para participar das entrevistas, já que as crianças que estavam na Fundação podiam se dispor a participar ou não da pesquisa.

Informações mais detalhadas sobre os participantes, incluindo seus percursos dentro da casa e o detalhamento de suas atividades, bem como suas práticas de aprendizagem e relação entre si, estão detalhadas no capítulo 5 – Análise e Discussão, no subtópico 5.1 – Relação de autoidentificação das crianças na FCG.

Quadro 2- Perfil dos Entrevistados

Identificação	Idade	Gênero	Relação com a FCG
Renato	10 anos	Masculino	Recepcionista e Locutor da Rádio
Maria	6 anos	Feminino	Recepcionista e Gerente do Parquinho
Lucélia	14 anos	Feminino	Recepcionista, Gerente da TV e Fotografa
Júnior dos Santos	27 anos	Masculino	Está na FCG desde os 9 anos e Diretor do Programa de Turismo
Alemberg	57 anos	Masculino	Idealizador da FCG, Pesquisador, Músico, Educador Popular, Empreendedor Social e Artista Plástico
Ana Luisa	11 anos	Feminino	Recepcionista e Diretora da Biblioteca Infante Juvenil
Ana Beatriz	12 anos	Feminino	Recepcionista e Gerente da Gibiteca
Alan Cardoso	21 anos	Masculino	Está na FCG desde os 10 anos, Técnico de Teatro e Diretor Patrimonial
Daniel Pereira	19 anos	Masculino	Está na FCG desde os 10 anos e Técnico de Teatro

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Com vistas a proporcionar maior credibilidade ao estudo, tomamos o cuidado de prezar pela representatividade dos participantes e a qualidade dos dados. (Gil, 2010) A fluidez das entrevistas e as respostas condizentes com os objetivos do estudo, através da constante vivência dos entrevistados na instituição e em outros eventos, permitiram a satisfação das respostas nas questões propostas logo com os primeiros entrevistados.

Ressaltamos que para fins de discussão e análise, no primeiro momento, avaliamos citar de maneira nominal apenas os participantes maiores de idade e que tem funções administrativas no Conselho Diretivo (Alembert e Júnior dos Santos). Para as demais citações que se fizerem necessárias com base na fala das crianças, serão adotados nomes fictícios a fim de preservar suas identidades, de maneira que os dados reais de identidade ficaram sob responsabilidade da pesquisadora. No decorrer das observações das entrevistas transmitidas via internet, verificamos que não seria necessário ocultar o nome dos entrevistados que participam das apresentações públicas, seja de forma presencial ou pelas redes sociais da Fundação, pois compreendemos que nesta pesquisa não apresentaremos nenhuma informação que possa comprometer os entrevistados com base nas suas falas públicas. Lembramos que os “adultos” mesmo presentes no dia a dia da FCG, não interferem nas dinâmicas estabelecidas pelas crianças, seja da divisão das tarefas ou na resolução de conflitos que venham a existir nessa rotina.

4.3 Procedimento de coleta de dados

Para a coleta de dados, foram usadas três técnicas principais: a observação, as entrevistas abertas e o diário de campo, instrumento que reuniu as anotações das duas primeiras técnicas. Referente ao diário de campo, entretanto, não foi adotado apenas o registro escrito. As anotações foram realizadas também de forma gravada, preservando o registro de maneira oral. Preservando a harmonia entre o contexto e o objeto de estudo, o exercício da memória e da fala permeou o cotidiano de campo e, em coerência com a centralidade da pesquisa, foi um importante recurso reflexivo e analítico que precedeu o registro escrito. O exercício desse registro feito pela pesquisadora de maneira oral se assemelhou à dinâmica vivenciada pelos participantes da pesquisa ao utilizar a fala como instrumento de humanização e conscientização.

Em complemento à observação, foram feitas as leituras do Estatuto da Fundação Casa Grande (ANEXO A) e das páginas oficiais da Fundação na Internet: Blog, Facebook e Instagram. O primeiro contato com a instituição com o intuito de manifestar o interesse da pesquisa ocorreu em maio de 2019, quando a pesquisadora encaminhou via e-mail uma Carta

de Intenção de Pesquisa que foi solicitada pela Fundação, após um contato com a administração por telefone. Após confirmado o aceite da pesquisa, estivemos na Fundação cinco vezes oficialmente com a intenção de trabalhar na pesquisa. A pesquisadora ter visitado a instituição outras vezes antes do início do mestrado, facilitou o entendimento sobre a logística da Fundação e permitiu aprimorar o foco na pesquisa nessas visitas oficiais.

O Quadro 3 apresenta de modo sintético as incursões ao campo e procedimentos utilizados para coleta de dados.

Quadro 3- Síntese das incursões ao campo e procedimentos de coleta de dados

Período		Atividades/Procedimentos
1 ^a	03 de dezembro de 2019	Crato - Visita realizada no escritório da FCG situado na cidade do Crato, onde Alemberg costuma estar todos os dias para gerir assuntos institucionais diversos. Nesse primeiro contato a pesquisadora se apresentou e conversou de maneira informal sobre a pesquisa e seu objetivo e foi convidada a participar da principal festa da FCG, a Renovação da Casa Grande, que ocorreu dia 19 de dezembro.
2 ^a	19 de dezembro de 2019	Nova Olinda – Renovação e aniversário de 27 anos da FCG, o evento reúne, durante todo o dia, diversas atividades culturais, que atraem visitantes de várias cidades além da comunidade local. (observação participante com conversas informais e registro de diversos momentos por vídeos e fotografias)
3 ^a	04 de janeiro de 2020	Nova Olinda - Segunda visita de observação quando a pesquisadora assumiu o papel de visitante e foi guiada pelas crianças da Fundação, incluindo a visita guiada do Museu do Homem Kariri e às demais dependências. Neste dia a observação se demorou sobre a forma como as crianças se apropriam das atividades espontaneamente e a logística com a qual elas desenvolvem essas atividades e também foi observada a recepção de outros visitantes, que no momento se tratava de grupos de alunos de outras escolas, acompanhados de professores e que eram conduzidos pelas crianças da Fundação da mesma maneira que a pesquisadora foi conduzida quando chegou. (observação participante com conversas informais e registros fotográficos)

4^a	05 de março de 2020	Crato - Entrevista com Alembert que ocorreu no escritório da Fundação. (gravação da entrevista em áudio e registro fotográfico)
5^a	06 de março de 2020	Nova Olinda – Entrevista com 3 crianças e 1 jovem adulto na sede da Fundação. (gravação da entrevista em áudio e registro fotográfico)
6^a	Julho de 2020	Observação das transmissões via internet exibidas nas redes sociais da FCG, nas quais são realizadas entrevistas com membros da instituição que não haviam sido entrevistados pela pesquisadora até o momento.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A coleta dos dados seguiu a ordem: apresentação do estudo, visita para observação em duas etapas, entrevistas gravadas na íntegra e fotografadas em alguns momentos e observação das transmissões online desenvolvidas pela própria Fundação, mas que seguiam os mesmos critérios propostos no guião de entrevista da pesquisadora. O registro das imagens de campo e as gravações foram feitas pelo smartphone da pesquisadora. Após os momentos reservados exclusivamente para observação foram agendadas as entrevistas que detalharemos no subtópico a seguir. O registro das entrevistas coletadas consta em arquivo das memórias da pesquisadora e fica à disposição para dirimir dúvidas.

4.3.1 Entrevista semiestruturada

O principal instrumento de recolha de dados foi a entrevista (Guião no APÊNDICE A e B), que ocorreu de maneira aberta ou semiestruturada, recorrendo aos relatos orais precedidos por suas histórias de vida dentro da instituição, conseguindo assim obter perspectivas comuns (ou não) dentro da comunidade sobre o determinado tema. Para tanto as entrevistas foram apresentadas de uma breve conversa, nestes momentos aconteceu a observação participante, coletando palavras e expressões que possam legitimar o ponto de vista dos entrevistados, sua relação com a instituição e sua visão perante a prática da tradição oral. O foco da coleta das entrevistas era a relação de cada membro com a Fundação e a forma como a tradição oral está presente no seu dia a dia.

A gravação foi orientada pelo roteiro semiestruturado e aconteceu apenas no momento da entrevista, as visitas anteriores foram apenas de observação. De acordo com Alberti (2004), a função do roteiro é auxiliar o entrevistador, no momento da entrevista, a localizar, no tempo

e dar uma referência ao entrevistado em relação ao tema investigado pelo pesquisador. Assim o roteiro não se constitui como um questionário imóvel, mas como uma ferramenta aberta e flexível.

O guião de entrevista foi criado com base no referencial teórico, do qual se extraiu as categorias de análise principais que, em conjunto, apontariam o norte para se atingir o objetivo da pesquisa. Ao estabelecer as categorias, pretendeu-se codificar (evidenciar, agrupar e relacionar) fragmentos da entrevista que pudessem ser analisados. Na categoria de análise denominada de Identificação (questões 1, 2, 4 e 10), foram selecionados os aspectos mais relacionados à forma como as crianças nomeiam a si próprios: como eles se definem dentro da instituição, os termos que utilizam, como chegaram até ela e quando chegaram. No operador Práticas e Rotinas (questões 3, 5, 8 e 9), pedimos que eles ilustrassem as atividades que eles executam na Casa, as que mais gostam, as que menos gostam, suas tarefas e rotinas desenvolvidas. Nas Interações Culturais e Apropriação da Tradição Oral (questões 6, 7 e 11), procuramos focar das atividades que englobam a tradição oral, seja na criação e execução das normas da Casa, seja na relação da criança com as aprendizagens cotidianas.

As categorias estabelecidas estão detalhados no Quadro 4:

Quadro 4- Composição do Guião de Entrevista

Categoria	Identificadores	Questão do guião
Identificação	- Descoberta de si próprios - Como e quando chegaram à instituição	-Dados gerais/ Quem sou eu? (nome, idade, ano na escola) 1 – Como você conheceu a FCG? 2 – Quanto tempo você está na FCG? 4 – Como foram seus primeiros dias na FCG? 10 – Você sabe como a FCG foi criada? Poderia explicar em poucas palavras?
Práticas e Rotinas	- Diversidade e rodízio de atividades - Responsabilidades - Percursos de aprendizagem	3 – Qual sua função na FCG? 5 – O que você mais gosta de fazer na FCG? E o que menos gosta? 8 – O que você aprendeu de mais importante na FCG? Como aprendeu? 9 – Você escolhe o que quer aprender na FCG? Se sim, como você escolhe?

<p>Interações Culturais e Apropriação da Tradição Oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciativa por parte das crianças - Participação nas decisões sobre o que aprender - Preservação da memória - Conhecimento sobre o passado 	<p>6 – Como você aprendeu a fazer suas tarefas na FCG? 7 – A FCG é importante para você? Por quê? 11 – Quais histórias você escuta na FCG e quais história você mais gosta de contar?</p>
--	---	---

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Antes da entrevista a pesquisadora fez uma breve explanação sobre o momento em si e seu objetivo, no intuito de deixar o entrevistado mais à vontade para dar as respostas que mais lhe agradassem. Após a entrevista foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No horário em que as entrevistas foram feitas, a quantidade de crianças estava reduzida, não havia visitantes no momento, o que induziu a indicação das próprias crianças para que outras ali presentes fossem entrevistadas.

Participaram das entrevistas nesse primeiro momento, 3 crianças e 1 jovem adulto que está na Fundação desde criança. As entrevistas foram realizadas nas dependências da Fundação e sua duração média foi de 20 minutos. Os miúdos tinham em comum o fato de que seus pais ou irmãos fizeram parte das gerações anteriores de crianças que frequentaram a FCG e o entrevistado de mais idade, além de exercer atividades administrativas na instituição tem uma atividade externa vinculada ao programa de Turismo Comunitário aplicado pela Fundação.

A entrevista realizada com Alemberg transcorreu de maneira menos estruturada, uma vez que as questões das categorias criadas se referiam ao que era vivenciado no cotidiano das crianças. Para o idealizador do projeto nossa escuta estava mais atenta ao que se relaciona com a tradição oral e a conexão com as crianças, bem como a visão dele sobre os aspectos mais práticos nessa relação de aprendizagem.

Ao decorrer da realização das entrevistas, percebeu-se que os entrevistados apresentavam características que exigiam atenção no procedimento de recolha da informação. Observamos em todas as entrevistas, exceto a realizada com Alemberg, uma grande capacidade de síntese e naturalização das respostas, em poucas palavras as respostas contemplavam as perguntas dirigidas. Para conseguir um melhor resultado, optou-se por pedir detalhamento das respostas buscando novas informações dentro das mesmas respostas. Outra característica comum entre os entrevistados foi a semelhança nas falas, bem como suas preferências entre as atividades e brincadeiras. À medida que os dados foram sendo organizados, identificamos que algumas situações se repetiam ou refletiam a mesma linha de raciocínio, quando as crianças

que mesmo sendo entrevistadas individualmente respondiam de forma semelhante às perguntas propostas, indicavam lendas e mitos iguais como sendo seus preferidos. Assim, conseguimos identificar nos relatos individuais, não apenas suas semelhanças, mas dados que poderiam fazer parte do conjunto de informações que seriam citadas no presente estudo como exemplos.

Após a coleta das entrevistas, fizemos a transcrição de todas elas e a leitura para nos familiarizarmos com as colocações dos entrevistados. “No estudo de caso, a recolha de dados é emergente e a análise é indutiva e deve acompanhar o mais possível, mesmo que seja de forma algo informal, o desenvolvimento da investigação”. (Amado, 2014, p 57)

Diante da interrupção das atividades presenciais devido ao COVID-19 foi necessário buscar outras formas de complementar a coleta de dados que havia sido iniciada com as entrevistas semiestruturadas presenciais. Durante o mês de julho a Fundação disponibilizou nas suas redes sociais entrevistas com as crianças e demais participante. Ao acompanhar as entrevistas a pesquisadora identificou que as perguntas e respostas apresentadas se assemelharam com as que foram apresentadas no guião de entrevistas e optou por incluir a observação dessas transmissões como parte da coleta de dados. Para isso houve a transcrição de todas as falas assim como foi feito nas entrevistas presenciais, permitindo a análise posteriormente.

4.3.2 Técnicas de codificação para análise dos dados

Entendemos por análise de conteúdo “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. (Bardin, 2009, p.44)

A análise de conteúdo portanto, nos permite analisar o que é declarado para a obtenção de indicadores que permitam fazer ilações. Nas entrevistas semiestruturadas, o modelo de análise indicado é a análise qualitativa (buscando a presença ou a ausência de uma ou de muitas características no texto).

Mediante essa análise é necessário fazer uma divisão entre os grupos de sujeitos a serem analisados visto que temos o relato do próprio fundador da instituição e outros relatos dos participantes que nos oferecem dois pontos de vista distintos, porém concordantes. Além disso, observamos a relação dos participantes com a instituição, com as atividades que executam e como os conhecimentos adquiridos foram absorvidos por eles.

Como disse Santos (2017, p. 73), “A etapa de análise é um dos processos mais importantes de uma pesquisa, visto que se apresenta como um elo entre a teoria anteriormente estudada e o material colhido em campo, buscando evidências empíricas da ciência diante do fenômeno pesquisado.” A triangulação de fontes de dados, através coleta documental e leitura de trabalhos acadêmicos tendo a FCG como objeto de pesquisa, aliou-se a observação sistemática e análise das entrevistas para contemplar os objetivos propostos.

Para atender a proposta de transformar em dados de pesquisa, as situações que foram observadas, as entrevistas e as informações que constavam na pesquisa documental, inserindo-as em cada uma das categorias, foram necessárias repetidas leituras e exaustivas reflexões sobre o que estava sendo lido, com a intenção de enxergar nessas informações a resposta que indicasse o fenômeno social observado. Em cada leitura era montado e desmontado um quadro reflexivo que permitisse encontrar o que seria realmente um dado de pesquisa.

É preciso entender que a busca de compreensão dos fatos é uma tarefa complexa e exige do pesquisador uma atitude curiosa e, ao mesmo tempo, moderada. Praticou-se o exercício de comedir-se para dar atenção o que o outro tem a dizer, evitando irromper-se em julgamentos que a realidade aparente propunha. A escolha da oralidade, associada a outras fontes, deu-se por esta ter o poder de espelhar, através da fala, das lembranças e esquecimentos, aspectos que talvez não sejam detetados com outras fontes.

Um estudioso que trabalha com tradições orais deve compenetrar-se da atitude de uma civilização oral em relação ao discurso, atitude essa totalmente diferente da de uma civilização onde a escrita registrou todas as mensagens importantes. Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. (Vansina, 2010)

Para essa análise, foi necessário procurar além dos padrões de comportamento, as situações cotidianas e aparentemente sem importância, identificar o que elas tinham a dizer sobre as práticas de aprendizagem dentro da Fundação. Localizar reações nos discursos que demonstrassem o uso da tradição oral como processo pedagógico.

É importante lembrar que o propósito da pesquisa qualitativa não é a generalização dos resultados. O tratamento da pesquisa em formato de estudo de caso orienta a disponibilização dos sujeitos em função das características sobre as questões inerentes à pesquisa e as estratégias utilizadas foram de total relevância para conduzir o estudo de cariz interpretativo (qualitativo).

Isso não quer dizer que as observações feitas nesta pesquisa possam se aplicar a todas as situações que ocorrem nas instituições de aprendizagem, tampouco na Fundação. Significa que, no conjunto de observações, entrevistas e documentos pesquisados, foram reunidos dados que apontam explicações sobre o grupo estudado em específico.

5 Análise e Discussão

Para uma melhor compreensão do objeto estudado, lançamos mão da abordagem holística dedicada aos estudos de caso, atraindo o foco para a compreensão dos comportamentos dos sujeitos seja em situações específicas, seja na relação com seu ambiente, prezando pela orientação de não julgamento, abstendo-se de juízos de valor e explicitando possíveis mediações. (Amado, 2014, p. 73)

A análise dos dados desta pesquisa realiza-se com base na articulação das entrevistas e termos citados no referencial teórico e procura apresentar, a partir da observação da pesquisadora e dos relatos colhidos nas entrevistas com os participantes da FCG, como a tradição oral está presente nos processos pedagógicos da instituição.

Salientamos que, através dos elementos obtidos nas entrevistas e observações, não pretendemos formular alguma teoria sobre o processo de aprendizagem dos membros da FCG, tampouco fundamentar teorias existentes, a pesquisa consiste na apresentação de um conjunto de informações que alinhadas ao referencial teórico e demais documentos, ilustra o uso da tradição oral como ferramenta de aquisição de conhecimento na Fundação.

Considerando que o pesquisador numa análise de dados qualitativa, pretende apreender “algo a partir do que os sujeitos da investigação lhe confiam” (Amado, 2000, p. 54), com base nas perguntas apresentadas no guião de entrevista e de recortes do discurso dos entrevistados, apresentamos a seguir essa análise fundamentada e ilustrada por trechos das entrevistas. Para isso, serão interpretados de forma indutiva, com base nos pressupostos teóricos apresentados no referencial teórico, os dados gerados durante as entrevistas realizadas com as crianças e demais membros, de maneira presencial em fevereiro de 2020 e através das transmissões exibidas pela Fundação durante o mês de julho de 2020. Acrescentam-se a isso os dados obtidos durante a leitura de documentos e da tese de doutoramento de Rosiane Limaverde.

5.1 Relação de autoidentificação das crianças na FCG

Nos excertos destacados neste tópico, voltaremos o olhar sobre a maneira como as crianças que participam da FCG se definem e auto identificam dentro da instituição e na ocasião de interação com a pesquisadora. Abaixo faremos um breve relato sobre as informações iniciais prestadas por cada entrevistado, de modo que o leitor desta pesquisa tenha uma visão geral das

características dos entrevistados, apontaremos indicadores sobre identidade e pertencimento ao grupo e abordaremos a autoidentificação das crianças enquanto membros da Fundação.

Renato é um menino de 10 anos de idade, que cursa o quinto ano do ensino fundamental na escola regular. Ele conta à pesquisadora que inicialmente conheceu a Fundação através da irmã dele que já frequentava a casa antes dele e que através de um amigo que eles tinham em comum, ele começou a ir para as atividades na Fundação com 4 anos. Hoje ele faz um programa de rádio na Casa Grande FM, e segundo ele “tem um bocado de função pra gente aqui, além do programa de rádio eu sou recepcionista, às vezes ajudo no teatro quando vai ter show e também ajudo em outras coisas.”

Maria é uma menina de 6 anos e diz que começou a frequentar a Casa com aproximadamente 2 ou 3 anos de idade e que sua mãe auxilia no laboratório de Arqueologia. A menina nos conta que a função dela é ser gerente do parquinho, cuidando da limpeza, da organização e também da manutenção do espaço.

“se uma pessoa acima de 12 anos quiser brincar no parquinho eu peço pra sair e se eu ver algum brinquedo quebrado eu peço pra alguém consertar e pra criança não brincar porque ela pode se machucar, pode quebrar um braço ou perna e isso vai ser muito ruim porque podem falar que a culpa é da gente.” (Maria)

Ela nos diz que também é recepcionista e que para ser recepcionista não é preciso ter o uniforme, é só saber explicar.

Lucélia é uma menina de 15 anos, que está no primeiro ano do ensino médio na escola regular.

Eu antes de ser gerente da TV eu fui gerente da dvdteca, porque cinema é uma coisa que eu gosto muito, sempre gostei, depois eu fui para parte da TV onde eu fui aprender fotografia, vídeo, edição e hoje eu sou diretora de comunicação daqui, é assim né ninguém vem muito pela casa, geralmente pela casa né, mas por uma coisa que chama a pessoa. (Lucélia)

A menina nos conta ter feito uma exposição chamada Tempo de Brincar que foi inaugurada num evento na própria Fundação onde suas fotografias foram expostas. As fotos foram baseadas numa pesquisa sobre a lenda da Pedra do Reino, que gerou uma vivência onde uma colega fez desenhos e ela fez as fotos. Disse que está na fundação antes mesmo de nascer porque a família dela esteve na primeira geração de crianças da Fundação, “meus pais foram daqui eles se conheceram aqui quando eram crianças, inclusive meu tio foi o primeiro menino da Casa Grande, mas ele não participa mais.”

Ana Luisa é uma menina e tem 11 anos, ela diz na entrevista que conheceu a Fundação através de uma amiga e no início não gostou porque era muito tímida e tinha vergonha de falar,

mas com a ajuda da amiga foi perdendo a vergonha e interagindo com as outras crianças aprendeu a explicar sobre o museu e as rotinas da Fundação. Entre suas várias funções ela se declara diretora da biblioteca infanto juvenil e recepcionista do museu, além de ter um programa de rádio sobre vozes femininas chamado Baú da Leitura. Quando perguntamos sobre o evento mais importante da Fundação ela responde que o dia mais importante “foi o dia da renovação em que eu recebi meu lindo uniforme porque pra receber você precisa ter muita responsabilidade, eu tive e recebi.”



Figura 6- Fundação Casa Grande 27º Aniversário em 2019

Fonte arquivo da pesquisadora

Ana Beatriz tem 12 anos e diz que entrou na Fundação há mais ou menos 1 ano. Além de recepcionista do museu ela é gerente da gibiteca e tem um programa na rádio chamado Submarino Amarelo. A menina explica que o pai dela e mais duas tias participavam da fundação e que o pai e mais dois amigos participaram de uma formação da Bandinha de Lata em 1993 e que atualmente a mãe dela é colaboradora no restaurante da Fundação. Beatriz diz que mesmo

tendo começado a ser recepcionista a apenas um ano, sua mãe a levava para as apresentações que acontecem no teatro Violeta Arraes desde quando ela era bebê e com isso ela tem a sensação que sempre pertenceu à Casa Grande.

Alan Cardoso e Daniel Pereira fazem parte da geração de jovens que auxiliam na manutenção e nas atividades de formação para as crianças na instituição. Eles contam que chegaram na Casa com 10 e 9 anos de idade, há mais de 10 anos atrás e que como a maioria das crianças se aproximaram atraídos pela oportunidade de brincar no parquinho e aos poucos foram se juntando aos meninos da Fundação que já usavam o uniforme branco e vermelho.

Eu cheguei na Casa com 10 anos de idade, também cheguei através do parquinho, mas além da brincadeira eu vim pela música porque quando eu era pequeno eu gostava de tocar bateria, tinha esse gosto por música, comecei a gostar da casa ganhei meu uniforme e comecei a participar da casa, da rádio... (Daniel Pereira)

Alan diz que quando criança além de recepcionista, apresentou três programas de rádio com temáticas variadas e ao longo do tempo vivenciou atividades em vários laboratórios até chegar no Teatro. Hoje os dois jovens são técnicos de teatro e coordenam as oficinas de formação para as crianças.

O entrevistado Júnior dos Santos tem 27 anos e chegou na Fundação aos 9 anos. Júnior, assim como as outras crianças, construiu sua relação com a Casa atraído pelo espaço das brincadeiras e aos poucos foi envolvido pelas demais atividades, sempre motivado pela curiosidade e oportunidade que a Fundação proporciona através dos seus laboratórios. Junior explica sua trajetória na casa desde o início:

Eu já passei por todas as áreas da Fundação, inclusive a diretoria e atualmente sou diretor do programa de turismo e fico ligado a dois programas da Casa diretamente ligados à área do turismo que são o Programa de Empreendedor Social e ao Programa de Geração de Renda Familiar. (Junior dos Santos)

Através dessas informações iniciais de cada entrevistado, foi possível perceber que muitos deles têm em comum a característica dos membros na família que participaram das gerações anteriores na Casa. No entanto, constatamos em nossas observações que isso não é regra para participar das atividades. A motivação principal, além do espaço de brincadeiras, como foi citada por todos eles, é o desejo individual de fazer parte, de aprender e de interagir com a casa e com seus membros. Essas diversas formas de se aproximar da Fundação nos remetem a ideia de que a constituição dos grupos não é somente uma questão física, mas simbólica, em que é solicitado o reconhecimento entre os outros indivíduos. No caso da FCG mesmo não havendo uma seleção para a participação, a prática e atuação nas atividades é que

torna a criança um membro da Casa e elas reconhecem isto antes mesmo de darem início ao seu processo individual.

A estratégia utilizada na FCG atraiu os olhares das crianças desde o primeiro momento porque de alguma maneira alimenta a imaginação numa medida que os permite interagir com o passado e o presente com a possibilidade de vislumbrar um futuro que pode ser proporcionado pelos conhecimentos que adquirem na permanência dentro da casa. Nas palavras de Limaverde:

Depois de restaurada a Casa, as crianças de Nova Olinda, chegaram ao espaço e se identificaram com as cantigas e histórias que narravam os mitos e o acervo pré-histórico dos primeiros habitantes da Chapada do Araripe. Com o tempo, a novidade do museu foi dando lugar ao sentimento de pertencimento aquele espaço, um ambiente onde os mitos e lendas contadas por seus avós, estavam ali personificados e justificados nos artefatos líticos e cerâmicos dos antigos parentes indígenas... A comunidade também teve sua identidade e autoestima valorizadas pelos seus mais dignos representantes, às crianças, e apreenderam o significado do Memorial do Homem Kariri como parte de suas vidas. (2017, p. 24)

É através dos meninos e meninas da Casa Grande que os turistas são chamados a conhecer, por meio das histórias e lendas, os mitos e encantamentos que permeiam a Chapada do Araripe.

Uma dessas lendas diz que onde hoje é a região que está situada Nova Olinda, havia um reino mágico, cheio de riquezas e de fartura provida pela natureza, chamado Itaperabussu. Foi nesse reino que surgiram os primeiros habitantes da Nação Kariri, que eram homens grandes, fortes e robustos e mulheres muito bonitas, que nasceram de um lago que havia no centro do reino, chamado Vapabussu, a Lagoa Encantada. (Acioli, 2002, p. 3)

Próximos à Lagoa Encantada, Vapabussu, existiam castelos feitos de pedras preciosas, conhecidos como Castelo de Claranã, que tinha sete janelas e Castelo Encantado, com suas torres. Esses castelos encantados eram protegidos por pontes e fossos e vigiados por serpentes com corpos coloridos e rosto de mulher.

Os reis de Itapebussu chamavam-se Manacá e Jurema, que se transformaram em plantas depois que morreram e os indígenas usavam as folhas dessas plantas para fazer chás que eles “bebiam para sonhar”. (Acioli, 2002, p. 3)

Esse reino encantado abrigava outros personagens que ainda habitam o imaginário do Cariri. Personagens como a princesa Maara (uma das histórias preferidas entre as crianças da FCG), o Veado Galheiro (conhecido como o pai da caça, protetor dos animais, assustando caçadores) e Sumé (um homem branco que se infiltrou na tribo Kariri).

De acordo com as lendas, para chegar em Itapebussu era preciso adentrar a gruta Brejinho. Essa e outras grutas da região serviam de esconderijo para os Kariris quando começaram a chegar os homens brancos e os missionários nessa terra. Um dia o reino de Itapebussu se encantou e os castelos, pontes e animais transformaram-se em pedra. Apesar de encantado, Itapebussu guarda, entre muitos mistérios, um portal escondido na mata, onde ainda é possível transportar-se para o reino mágico da Nação Kariri. (Ximenes, 2005, p. 4)

Vários trechos dessas lendas foram registrados em desenhos feitos pelas crianças e que hoje estão expostos no Memorial do Homem Kariri com textos escritos por Alembert, fruto de sua pesquisa com moradores da região.²

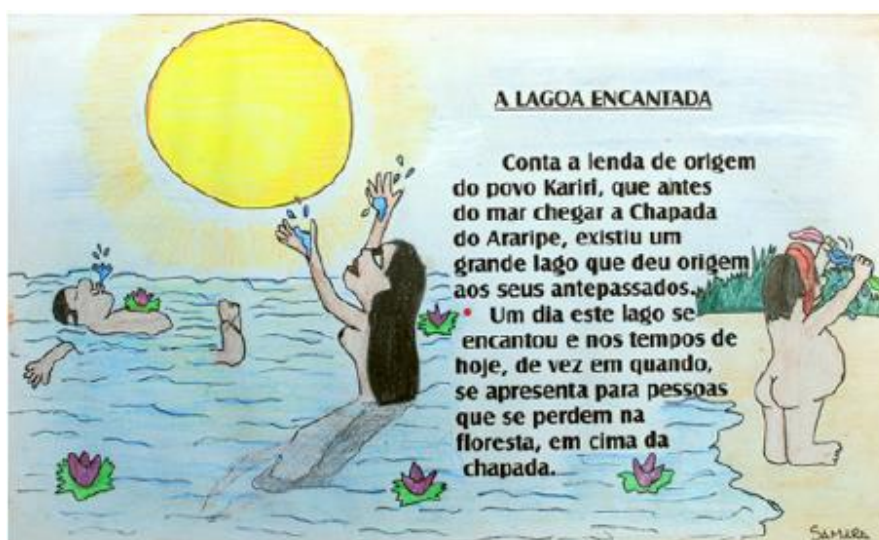


Figura 7- Desenho das crianças. Representação da Lenda da Lagoa Encantada. Foto: João Paulo.

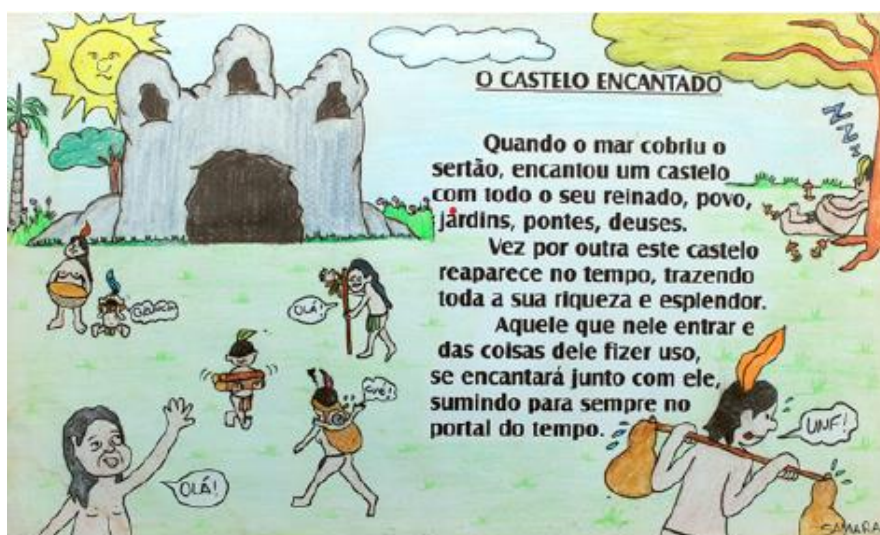


Figura 8- Desenho das crianças. Representação da Lenda do Castelo Encantado. Foto: João Paulo.

² Mais detalhes sobre as lendas do povo Kariri no anexo B.



Figura 9- Desenho das crianças. Representação da Lenda da Princesa Encantada. Foto: João Paulo.



Figura 10 - Desenho das crianças. Representação da Lenda do Pai da Caça. Foto: João Paulo.



Figura 11 -Desenho das crianças. Representação da Lenda da Sumé. Foto: João Paulo.



Figura 12 - Desenho das crianças. Representação da Lenda da Ponte de Pedra. Foto: João Paulo.

De acordo com Azevedo (2005, p. 209), “Os mitos e as lendas sobrevivem e se atualizam, duram no tempo, no mundo fabuloso das crianças, e a tradição interage nas brincadeiras e fazem re-existir o povo Kariri”.

Em todos esses anos de atuação, a história da FCG foi estudada e registrada em diversas entrevistas, reportagens, artigos (Barbalho, 2010; Olinda, 2003, 2005, 2006; Ghanem, 2012;), dissertações e teses (Acioli, 2000; Araújo, 2017; Azevedo, 2005; Bezerra, 2019; Farias, 2002; Limaverde 2015; Oliveira, 2002; Ximenes, 2005 e 2014).

A inovação educacional e turística foi o tema abordado por Ghanem (2012), quando apresentou seus resultados sobre o estudo de caso nomeado “Inovação educacional no pequeno município de Nova Olinda, CE, Brasil”.

Em sua monografia de conclusão de curso, intitulada “Fundação Casa Grande: comunicação para a educação”, Acioli (2000) associou a FCG a um projeto de educomunicação.

Marcia Ximenes baseou seus estudos na Fundação Casa Grande em dois momentos, primeiro em sua monografia para graduação em Comunicação Social, sob o título “Discurso e recepção no rádio: um estudo sobre o programa infantil Submarino Amarelo na Casa Grande FM” (2005) e depois na sua dissertação de mestrado “Aqui, tudo se cria, nada se copia: um estudo etnográfico da ONG Fundação Casa Grande e a formação cultural de jovens moradores de Nova Olinda/CE” (2014), abordando temas relacionados ao contexto das ONG’s e das rádios educativas.

Na mesma temática das rádios comunitárias encontramos os trabalhos de Azevedo (2005) e Oliveira (2002) que enfatizaram o caráter educativo não-formal da rádio Casa Grande

FM, concluindo que o objetivo da rádio é a “formação de ouvintes”, e em Farias (2002) com sua tese de doutoramento “Escuta Sonora: educação não formal. Recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias”

Araujo (2017) abordou o patrimônio cultural e memória histórica local relacionados com o turismo, Bezerra (2019) explorou o turismo de base comunitária, Santos (2017) procurou entender como a estruturação do turismo de base comunitária contribui com o desenvolvimento socioeconômico de uma cidade e Martins (2016) se dedicou ao tema inovação social e empreendedorismo.

Podemos citar, como um dos textos mais importantes sobre a Fundação, a tese de Limaverde, “Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe”, que em 2017 foi publicada em formato de livro. A pesquisadora aborda no seu estudo os conhecimentos sobre a arqueologia da região, o homem Kariri e aponta possíveis soluções para os problemas da cidade com a colaboração da fundação.

Em muitos desses estudos pode-se observar o espanto causado aos que se dedicam a investigar a educação através da instituição, pela forma como as crianças ocupam os espaços livremente, de tal maneira que se torna inviável estabelecer uma relação entre a fundação e uma escola formal. Além do fato de nela não haver provas ou aplicação e conteúdos pela forma bancária da escola regular, alia-se o fato que o brincar livremente faz parte do processo de aprendizagem valorizado pela FCG.

5.2 O cotidiano das crianças na FCG - Práticas e rotinas

Uma das primeiras impressões que o visitante tem ao chegar na casa é o claro envolvimento e comprometimento que as crianças têm com tudo que a Casa é e representa para eles e para a comunidade. Mais do que escolher ser um membro da Fundação e também ser escolhido por ela, os meninos se beneficiam também da possibilidade de exercer uma atividade em que se identifique enquanto função, mas também enquanto indivíduo.

No relato sobre o dia a dia na FCG Ana Beatriz fala sobre o seu sentimento em relação ao que vivência:

Eu acho muito especial pra mim, aqui é onde eu brinco, onde eu aprendo, na escola eu também faço isso, mas aqui eu aprendo brincando então eu prefiro aqui do que na escola, aqui eu posso escolher o que eu quero aprender a cada dia, posso aprender sobre teatro, sobre rádio, arqueologia e eu também vejo que é uma coisa muito especial pelas pessoas que tem dentro, meus amigos, as crianças, eu gosto muito.

Nas entrevistas, podemos perceber também uma forte relação de responsabilidade referente as escolhas feitas pelas crianças, desde o momento que decidem se aproximar da Casa. Entre essas responsabilidades estão colaborar com o trabalho e com a convivência em grupo, ter disciplina e apreço pelos fazeres cotidianos, dos mais simples aos mais elaborados.

Assim, primeiro o primordial de vir para casa grande, de tudo é ser um bom recepcionista então todo mundo começa aqui aprendendo no museu, daí quando eles vem aqui no museu eles vão lá para baixo e escolhem uma coisa que eles se identificam. (Lucélia)

Uma característica sempre presente nas narrativas das crianças é sobre a capacidade de iniciativa que o menino ou menina deve ter desde o momento que ele inicia sua vivência na Casa.

Todo mundo entra pela brincadeira no meu caso não foi diferente, para brincar na Casa Grande, só assim você vai se envolvendo. O pessoal organiza as normas para brincar na casa e todo mundo organiza a brincadeira, com isso você vai se envolvendo e acaba ficando muito mais tempo na Casa Grande do que na rua. Geralmente a forma de ganhar o uniforme é sendo recepcionista com o tempo você vai contando a história de cada espaço e tem as histórias que você vai gostando mais. (Júnior dos Santos)

É a criança que deve procurar interagir com a atividade que mais lhe agrada. Para essa descoberta é permitido que ela participe de diversas atividades até encontrar uma que mais se identifique. Não há processos seletivos internos ou provas de conteúdo que realizem a seleção para determinada atividade. É o interesse e a vontade da criança que a conduz.

... tive meu primeiro programa de rádio, que se chamava Estação da Música, conheci o teatro onde entrei na equipe técnica onde o coordenador na época era Júnior e ele passou pra gente toda essa informação técnica e hoje a gente tá dando continuidade a essa formação, formando as crianças. (Daniel Pereira)

Dessa maneira o que é aprendido na Fundação, é incorporado ao desejo de conhecimento da criança e isso pode lhe encaminhar para seu futuro profissional como explicou o entrevistado Júnior dos Santos, que está na FCG desde os 9 anos e agora com 27 anos faz parte da diretoria. Ele nos contou que:

[...]os meninos entendem que tudo isso que eles passaram a vida brincando se divertindo fazendo por gosto e talento individual de cada um, isso pode se tornar uma profissão, então no futuro ele torna-se um empreendedor social na casa e é a área que está mais ligada a mim e o programa de geração de renda familiar.

Os membros da FCG a consideram como uma segunda casa e desde sua chegada aprendem a importância de cuidar de cada detalhe, seja a manutenção, a limpeza, a divulgação ou a ocupação dos espaços. Sobre a relação entre educação e patrimônio, Charlot diz que:

Sempre a educação é encontro da atividade do educando e de um patrimônio a ser-lhe transmitido. Quando há patrimônio sem atividade, a situação de ensino fica chata e, muitas vezes, o processo fracassa. Quando há atividade sem patrimônio, a situação pode ser agradável, por causa do prazer gerado pela própria atividade, pode até treinar capacidades, mas ela não inscreve a pessoa em uma história, aquela da sua sociedade, da sua cultura, da espécie humana e, sendo assim, ela não a educa. Não há educação quando a criança deve memorizar saberes que não têm sentido para ela. Mas tampouco há educação quando o nível qualitativo da atividade não muda entre o início e o fim, sendo a qualidade definida por normas específicas a cada tipo de atividade. (2013, p. 205)

As crianças são conscientizadas desde o início que todas as atividades executadas são meios de adquirir conhecimento, seja ele teórico ou empírico. Elas compreendem que é por meio dessas tarefas que o seu conhecimento e desenvolvimento é estimulado.

Aqui na Casa Grande do maior vai para os pequenos e quem for chegando a gente vai ensinando de um pro outro, conversando, mostrando as coisas, contando histórias, ajudando nas coisas, tipo assim se alguém tá passando por um problema a gente vai lá e ajuda. A coisa mais importante que eu aprendi eu acho que foi aprender a explicar o museu. Em primeiro lugar explicar o museu, em segundo lugar é brincar. A gente vai evoluindo e passando pelas atividades. (Renato)

Nos laboratórios de produção, as crianças e jovens exploram os temas abordados pela Fundação, sobre a região e o homem Kariri, refletem sobre as lendas, questões geográficas, antropológicas e paleontológicas, se envolvem no turismo comunitário e demais conhecimentos como ciência e cultura. Cada um dos laboratórios e mesmo os demais espaços oferecem múltiplas possibilidades de aprendizado.

...como aqui é uma casa de brincadeiras eu quis relatar isso, uma coisa que eu já vivia então não é uma coisa técnica ou uma coisa profissional é uma coisa que eu vivo, que eu sinto e que eu mostro através das minhas fotografias, porque tem aquele ângulo ou porque tem aquela história, porque eu conheço cada menino que vem aqui para brincar né e eu sei como retratar naquela brincadeira... (Lucélia)

É nos laboratórios que as crianças recebem as instruções didáticas sobre as atividades da casa, esses conhecimentos são repassados pelas crianças maiores ou em muitos casos por convênios, eventos ou acordos com profissionais que se disponibilizam na maioria das vezes de forma gratuita, tendo as despesas de transporte, hospedagem e alimentação pagos pela fundação, onde passam alguns períodos aplicando capacitações e trocando experiências com os integrantes da casa.

Os miúdos aprendem tanto pelas tarefas do dia a dia, seja observando ou auxiliando, quanto pelo rodízio nas oficinas, dessa forma, conhecendo todas as etapas elas têm a possibilidade de identificar aquela que mais se identificam e optar por ela.

Lá na Fundação eu tenho várias funções, sou diretora, sou gerente, locutora, recepcionista, sou várias coisas. Eu sou diretora da Biblioteca infanto juvenil, que é um espaço de literatura infantil que tem livros infantis e todo sábado a gente tem roda de leitura com as crianças da Casa Grande e com as crianças que vem no parquinho pra brincar, a gente chama eles e eles vem pra ler os livros, ouvir e contar histórias e eu tenho ajuda da tia Aninha, Ana Barbara, que ela também lê as histórias comigo. (Ana Luisa)

É a observação e a curiosidade que fomenta o aprendizado na fundação, na grande parte das vezes, de maneira informal, pela convivência, na troca de experiências.



Figura 12 - Roda de Conversa com Ricardo Sousa na Gibiteca em 26/10/2019

Fonte página do Facebook da FCG

Ao mesmo tempo que é recepcionista do museu, a criança pode ser integrante da Banda de Lata, realizar os programas de rádio, trabalhar com filmagem e edição de vídeo e fotografia, manusear livros e revistas, participar dos eventos no Teatro Violeta Arrais, frequentar oficinas, conversar com visitantes ou simplesmente brincar no parquinho. Todas as atividades são importantes e podem ser feitas por todos, como vemos na resposta a seguir:

A minha função aqui, eu faço programa de rádio, mas tem um bocado de função para gente aqui, além do programa de rádio eu faço minha função de recepcionista, às vezes eu ajudo no teatro quando vai ter show e também ajudo aqui em outras coisas. (Renato)

A orientação das atividades da Fundação algumas vezes é feita por colaboradores ou formadores, chamados por Alemberg de “amigos da Casa Grande”, que são consideradas ao mesmo tempo “aluno e professor”, no espaço que se assemelha a uma “escola sem sala de aula”, uma vez que a “aula” pode acontecer em qualquer ambiente que estejam. (Ghanem, 2012)

A produção dos conteúdos divulgados pela Casa Grande Editora, Casa Grande FM e TV Casa Grande, abordam os temas experienciados pelas crianças no seu dia a dia e tem como base as lendas que eles conhecem desde cedo na Fundação, bem como os lugares onde as lendas acontecem, além do cotidiano e demais temas educativos abordados nas diversas atividades. Em relação a isto, Júnior explica que:

[...]por exemplo qual o papel da gibiteca na Casa Grande? Tá dentro de um ciclo que você começa gostando do quadrinho, do quadrinho você começa a pensar sobre como criar um quadrinho e a editora dá esse suporte na criação do quadrinho até quando você começa a trabalhar em exposições e alavanca o processo, todas as atividades seguem esse caminho.

Essa experiência proporciona a apropriação dos saberes e fazeres envolvidos no processo, pelas práticas que estimulam e desenvolvem a memória, o conhecimento sobre seu local, a cultura e a criatividade. Dessa maneira o conhecimento vai sendo construído de forma espontânea, sem cartilhas ou manuais. Isso pode verificar-se através da seguinte declaração de uma criança entrevistada: “Eu aprendi com os meninos, um menino passa para o outro, um menino ensina um adulto, um adulto ensina um menino.” (Renato)

Nos seus estudos sobre inteligência e desenvolvimento infantil, Jean Piaget argumentou que a construção de significados e desenvolvimento cognitivo se dá quando uma criança entra em contato com experiências novas, vendo ou ouvindo coisas que para ela são novidades e insere esses conteúdos nas estruturas que já possuía pois quando uma criança reproduz a história que ouviu ela estabelece uma relação entre fantasia e realidade. O lúdico é entendido como um percurso que enriquece os procedimentos criativos e fortalece a capacidade de interação e criação.

Depois da limpeza eu escolhia uma lenda de um livro da Casa Grande Editora e chamava todas as crianças, a gente sentava em círculo e com um amigo meu, Rodrigo Otávio a gente contava as histórias, quando a gente terminava de ler a gente pegava folhas e lápis e pedia pras crianças desenharem os personagens que elas mais gostavam nas histórias e eu tenho uma pasta guardada até hoje com esses desenhos, eu tenho muitos desenhos dos livros que a gente já leu. (Ana Beatriz)

É no envolvimento dessas diversas atividades que o processo educativo coletivo é construído e concretizado, a aprendizagem acontece na interação entre corpo, intelecto e sentimentos.

Eu gosto muito de estar na Casa Grande porque eu sou responsável por muitas coisas e apesar de ser criança eu gosto de ter responsabilidade, a gente vai treinando pro futuro e eu espero estar na próxima geração pra ensinar as outras crianças o que eu aprendi na Casa Grande quando eu era pequena. (Ana Luisa)

Com relação à disciplina e às responsabilidades das crianças na casa, compreendemos que são premissas internalizadas como parte do processo de formação, para ser um “menino ou menina da Casa Grande” é necessário ser capaz de pensar, tomar decisões e orientar visitantes. Como observou Noronha (2008, p. 153), “a disciplina é tida para eles como uma “ação fundamental em tudo na vida” e consideram que, na “Casa Grande, não pode ser diferente”. Apesar de não formalizadas, a disciplina e a ética são observadas facilmente no cotidiano da casa.

A FCG mesmo sendo um espaço de educação não-formal, obedece a uma estrutura e organização própria, as crianças e jovens carregam um sentimento de orgulho e proteção em relação ao ambiente que frequentam e isso é percebido em seus relatos desde o primeiro momento. Confirmamos isto através das respostas dadas, como por exemplo:

É assim quando a pessoa chega aqui na Casa Grande que ela frequenta a Casa Grande todos os dias ela ganha a farda e começa a ser daqui e as pessoas começam a ensinar para ela as coisas aqui da Fundação quando passa um tempinho ela começa a ser gerente de algum canto assim como eu que sou gerente do parquinho é assim a pessoa pode começar sendo gerente do parquinho depois passa para outra atividade. (Maria)

O interesse das crianças foi o ponto de partida que direcionou a Casa Grande para proporcionar atividades de formação ativa e ao mesmo tempo direcionar responsabilidades, permitindo que os espaços da Casa fossem organizados e administrados pelas próprias crianças.

Rosiane procurava sempre ressaltar nas entrevistas que a FCG não procurou as crianças, o sentido foi inverso, as crianças estimuladas pela sua curiosidade é que buscaram a fundação e ocuparam seus espaços. (Limaverde, 2017, p. 197)

Outro fator que chama a atenção para a atuação da FCG, é a organização das práticas em prol da preservação da memória da comunidade, através da tradição oral, incorporando nas suas narrativas elementos produtores de identidades. De acordo com Limaverde:

No contexto do espaço vivido, na Casa Grande, a identidade cultural e a memória reforçam-se mutuamente. Pois é conhecendo as nossas raízes, que distinguiremos o que nos une e o que nos divide como povo cidadão, uma vez que a memória é um elemento essencial da identidade e contribui para a formação da cidadania. A definição da própria

identidade cultural implica em distinguir os princípios, os valores e os traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades. Desse modo, estaremos aptos a entender que a cultura e a memória são faces de uma mesma moeda na qual a atitude cultural por excelência e com o que nos rodeia, desde os testemunhos construídos ou as expressões da natureza aos testemunhos vivos e intangíveis, são imprescindíveis para a construção da nossa identidade. (Limaverde, 2015, p. 59)

A memória, a oralidade e as narrativas como estratégias pedagógicas, fazem parte do movimento diário da FCG, através dessas práticas é fortalecido o desenvolvimento da leitura, o exercício da oralidade e da produção textual, o reconhecimento da pluralidade histórica e cultural da região, bem como a valorização das práticas tradicionais como lendas, contos populares e os lugares de memória e identidade.

A FCG é um espaço de interação para as crianças de Nova Olinda, independente da atividade que elas procurem em determinada parte do dia. É observando essa interação, com o tempo, com o espaço e com outras crianças, que os meninos mais velhos observam o envolvimento e a partilha dos afazeres e descobrem as crianças que estão dispostas a fazer parte da Fundação efetivamente. Essa escolha parte primeiramente do desejo da criança de se aproximar e se envolver. É a criança que se coloca como membro, mediante seus determinantes morais, cognitivos e emocionais, se colocando à disposição da interação com a Casa e com os demais membros.

Com o passar do tempo, através das interações, os membros da instituição descobrem interesses em comum e compartilham falas e práticas que os tornam oficialmente reconhecidos entre si. A maioria das crianças, por exemplo, disse ter chegado até a Fundação interessados pelas brincadeiras no parquinho mas que foi observando as atividades que outras crianças faziam e isso foi despertando sua curiosidade e interesse. Gostar de aprender coisas novas, ter curiosidade e proatividade estão entre algumas das habilidades que são indispensáveis para se tornar um menino da Casa Grande. Essa forma de identificar-se com o grupo, transcorre o discurso dos entrevistados em vários momentos, tanto ao falar sobre sua aproximação da casa quanto sobre as funções que foram ocupando ao longo do percurso.

As aprendizagens realizadas nos contextos e situações dentro da FCG mostram-se muito diversificadas, englobam diferentes tipos de saberes: o saber mais teórico, o saber fazer, de caráter mais prático e o saber ser, mais relacionado com as características individuais. Esse movimento cotidiano na Fundação acontece em paralelo aos ideais de educação ao longo da vida e/ou educação permanente, como visto no referencial ao longo deste trabalho.

5.3 As crianças da FCG e sua apropriação sobre a tradição oral

O exercício de contar histórias, para as comunidades propagadoras da tradição oral, tem uma função além da presentificação, que é a transmissão de pessoa para pessoa, de uma herança dos antepassados que formaram esse povo através de acontecimentos materiais e imateriais. Walter Benjamin ao falar dessas narrativas nos diz que “Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa atitude pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida...” (Benjamin, 2012, p. 209) Para o autor, essas vivências passadas de boca em boca desnudam a raiz que alimenta os narradores, de forma que as narrativas exercem uma função utilitária.

Os relatos que as crianças fazem aos visitantes sobre as lendas e mitos da Chapada do Araripe, à primeira vista parecem um texto decorado que eles replicam diversas vezes, no entanto em uma conversa mais aprofundada, como foi o caso da entrevista que realizamos, é possível verificar que o conhecimento que eles absorvem não é superficial pois na repetição do texto as crianças terminam por internalizar os saberes transmitidos pelas crianças mais antigas na casa e isso permite que haja uma comunicação da criança com seu entorno, buscando respostas para os possíveis conflitos que possam surgir, aceitando essas questões como mais uma forma de aprendizagem. “[...] quando a gente entra aqui a gente vê o senso coletivo de saber tudo e ajudar todo mundo, mas tem aquela coisa que a gente quer se aprofundar.” (Lucélia)

O processo educativo na FCG acontece no seu cotidiano, na integração dos conhecimentos transmitidos de forma oral, com as atitudes, os valores e as habilidades de cada um. As crianças aprendem a fazer vídeos quando fazem, planejando o roteiro, manuseando os equipamentos audiovisuais, registrando fatos e situações cotidianas. Aprendem a conhecer quando ficam atentos aos colegas, perguntam, arriscam palpites nas respostas sem receio de erros e julgamentos pois compreendem que tudo é parte do processo de aprendizagem. Aprendem a conviver quando compartilham atividades e responsabilidades, assumindo possíveis conflitos e trabalhando juntos nas soluções desses conflitos. Aprendem a ser quando descobrem a si e aos outros como sujeitos únicos dentro do grupo, acolhendo as diferenças e crescendo com a troca de experiências.

Entre outras atividades, as crianças da FCG são incentivadas a conhecer os diversos museus da região do Cariri cearense, além das manifestações da tradição popular, através de outras interações executadas na instituição, pela vivência, participando de eventos e encontros. Sobre a relação com o museu, Ana Beatriz nos contou como se sente:

Na primeira vez que eu entrei eu já tinha ido em outros museus e com certeza achei a história bem interessante mas como eu ainda não era de uma série mais avançada, eu era do 5 ano, a gente ainda não tinha falado muito sobre os indígenas, então nunca que me passava pela cabeça que o museu contava uma história tão longa e tão interessante, eu olhei as peças, quando eu entrei na sala de artes rupestres eu achei bonitas as pinturas, na sala de arte cerâmica eu sempre olhava o desenho das vasilhas e hoje eu vejo o memorial do homem kariri como um enorme livro de história, só que quem lê ele e conta pro resto do mundo são as crianças.(Ana Beatriz)

O processo de aquisição de conhecimento e formação identitária infantil perpassa pelas narrativas pelas quais as crianças são expostas e formulam um cenário social. É através do lúdico que as crianças elaboram a realidade que as cercam. Nas brincadeiras as crianças participam de experiências reais que são processadas a partir da sua imaginação e elaboram seus métodos de criação. De acordo com Vigotski, na perspectiva histórico-cultural a prática vivida acontece desde a imaginação e a criação:

Nesse sentido, imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humanos. Ela transforma-se em meio de aplicação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente, na sua experiência pessoal. (Vigotski, 2009, p. 25)

Na FCG toda fala é um exercício de ensino-aprendizagem, de forma que as crianças aprendem desde cedo a manter em sua memória o acervo das histórias que aprendem e de suas próprias histórias. As crianças se reconhecem como depositários dos mitos, lendas e histórias da Chapada do Araripe e do Homem Kariri, assumindo ludicamente uma posição de elo entre visitantes e a fundação. É nas narrativas ouvidas e aprendidas na FCG que as crianças observam e aprendem sobre a história do seu povo e sua origem. Quando perguntada sobre a sua lenda preferida, Maria faz questão de nos contar sua lenda preferida da maneira como ela aprendeu:

A história que eu mais gosto de escutar é a mesma história que eu mais gosto de contar é a história da Mãe D'água, vocês querem que eu conte a história da mãe d'água pra vocês escutar? É um pouco longa, mas eu posso contar.

Quando mundo ainda não era mundo, aqui na Chapada do Araripe havia um grande lago encantado de água salgada, onde o vento tinha saudade do mar, se nome era Vapabussu. De repente o fundo das águas se abriu e o sal veio escrever no barro a sua história. O chão subiu e se fez o livro que guarda a sua memória. A guardiã da natureza era a Mãe d'água, que tomava de conta de tudo que se espalhava pela terra, um dia ela fez a água do lago assentar e ele de tanto cochilar acabou dormindo. Do lago, no sono profundo surgiu uma luz iluminando tudo ao redor: - Eu sou a Mãe D'água, protetora dos rios e dos lagos e vou mostrar todo meu poder de encantamento. Dessa luz irá surgir um reinado de magia, com a força do vento. Enquanto o lago dormia e a luz clareava um peixe cari, da água saía e em gente se virava: - O que aconteceu comigo?

Estou respirando? Quem sou eu? E da mata chega a estrondar a voz da Mãe D'água: - Você é o rei Manacá, que veio a terra com a missão de povoar o mundo. – Mas como? – Você saberá, é o que diz a profecia. O rei Manacá ficou matutando com seu pouco juízo que jeito ele ia dar de cumprir a tal da profecia. O sol chegou montado no tuntum da manhã, botando cor e quentura pelos caminhos da chapada. Espelhos de brilhos e luzes, essa luz toda acabou acordando o rei que tinha dormido e acendido o candeeiro de suas terras, acordou espantado com o sonho que tinha tido com a Mãe D'água lhe entregando uma misteriosa semente. Cutucou e encontrou a semente bem debaixo do seu sovaco, pense! - Tive uma ideia! Vou plantar essa semente aqui nessa terra fofa pertinho do lago. Dessa semente que o rei plantou, nasceu uma mulher, a rainha Jurema e os dois juntinhos deram origem ao povo Kariri que chamaram essa terra de Itaperabussu. Mara, uma das filhas do rei Manacá e da rainha Jurema era bonita que nem uma flor de noite no sertão. Os cabelos pretos que azulavam e a pele da cor do barro. Mara tinha o dom da beleza e da sedução, quando ela tibungava no rio os guerreiros caíam e ficavam todos aluados: - Ai Mara bonita, linda como uma flor de mandacaru... Mas Mara além de cantar e seduzir ela se alimentava da força dos guerreiros, provocando em toda a aldeia intriga, inveja e ruindade. O rei e a rainha estavam invocados com os modos de sua filha: - Jurema, temos que tomar uma providência, simplesmente algo tem que ser feito, não sei como vou dizer isso a você. Terei que sentenciar Mara a viver em forma de uma serpente nas profundezas escuras das águas e a partir de hoje ela passará a se chamar Maara. E assim foi procurar Mara e disse: - Mara estou cansado das suas maldades! – Meu pai, não tenho culpa, todo mundo tem inveja da minha beleza e do meu canto. – Esse é o seu problema, você só pensa em si mesma e não se importa com ninguém que está a sua volta, essa sua maneira de ser traz muita desunião ao nosso povo. E assim o rei traçou o destino de sua filha – Pam!Pam!Pam! Eu sentencio você Mara a viver em forma de serpente nas profundezas escuras das águas e a partir de hoje você passará a se chamar Maara. E assim o rei Manacá transformou sua filha Mara em Maara. Mas Maara antes de se afundar babou as margens do rio e da sua baba cresceu uma plantinha de nome Maracaimbara, que na língua dos Kariris quer dizer feitiço. Mas nas noites de lua cheia quem no lago se arriscar, grande perigo corre de Maara enfeitiçar e bem pro fundo das águas o caboclo ela carregar. De noite, quando a lua está cheia e que os guerreiros vão pro lago caçar eles ouvem o canto enfeitiçante, é Maara que com seu canto mágico abestalhava quem se aproximava e carregava todos pro escuro e profundezas das águas. E a música que Maara cantava era assim: Maracaimbara, Maracaimbara, Maracaimbara, rabacarama... Ela canta assim e todos os guerreiros ficavam encantados com a voz dela e entravam no lago.

A história de Maara é a história mais famosa que minha mãe pede pra eu contar quando ela vai dar uma palestra ela me leva e pede pra eu contar. (Maria)

Durante nossa observação em campo, nas entrevistas gravadas e nas conversas informais foi possível observarmos a tradição oral nas falas e nas práticas de transmissão dos saberes e fazeres entre os membros da Fundação. Os conhecimentos guardados na memória ultrapassam o universo da palavra e no contexto da FCG a fala educa pelas palavras tanto quando o corpo através das expressões, uma vez que todas as atividades, por mais lúdicas que possam parecer, tem um propósito educativo. O método para educar fundamenta-se na

experiência vivida, no tempo compartilhado, no estar presente, observando, escutando, conversando e fazendo. Essa nossa perspectiva é validada pela fala de Alembert num momento da entrevista:

A Fundação é um espaço de vivência e gestão cultural para crianças de todas as idades. Esse movimento é totalmente solto e atemporal. Quando eu digo assim, que ela não é uma escola e sim um espaço, então você já tem horizontes, derriba as paredes, quando eu digo que é um espaço de vivência e não de formação eu já retiro a cartilha e pra crianças de todas as idades a gente tira essa hierarquia e fica essa intenção, todo mundo aprende com todo mundo. (Alembert)



Figura 13 - Sala do Coração de Jesus – Alembert com crianças

Fonte página do Facebook da FCG

Podemos dizer que o cotidiano da Fundação se apresenta como um grande ambiente educativo, gerido de forma que possibilita a integralização das experiências vividas por meio do envolvimento com as manifestações e práticas guiadas pela tradição oral.

Sobre os artifícios de transmissão utilizados pela Fundação, Azevedo (2005, p.230) explica que “ela soube implicar a “imagem de mundo” contida na mitologia Kariri para ordenar o aprendizado coletivo, através dos valores subjacentes inspirados no mundo sagrado dos índios”. Dessa maneira, as vivências individuais e coletivas ganham um sentido amplo.

Essas experiências se consolidam de variadas formas. No cotidiano as crianças mais novas, estão sempre em busca de novos conhecimentos e para isso recebem o suporte das crianças mais velhas nos momentos propícios para a troca desses conhecimentos. Dentro do processo educativo apoiado na tradição oral, a fala ocupa lugar privilegiado, fortalece a prática do encontro, é o meio pelo qual a transmissão de saberes acontece. Quanto a isso Alemberg está em consenso conosco quando declara que:

A Casa Grande nasce desse intuito de preservar a tradição oral, um legado tão sério como a tradição escrita, então para nós a tradição oral desenvolve uma coisa que é a base da Casa Grande, nós dizemos que o grau mais alto da Fundação é a função de recepcionista e o bom recepcionista tem que ter uma conversa que encanta. E o que é essa conversa que encanta? É a tradição oral. Então você vê que a base das relações humanas e hierárquicas na Fundação estão ligadas à tradição oral, que é o ato de você encantar pela sua fala, fazer com que as pessoas estejam indo à Fundação. (Alemberg)

Considerando a tradição oral como uma ação partilhada e múltipla de sentidos e registros, apontamos um processo contínuo de desenvolvimento de saberes. No ritmo da conversa, ainda sobre tradição oral, Alemberg acrescenta:

A tradição oral transita numa linha de inspiração, ela só se manifesta quando há inspiração, a inspiração é como se fosse um veículo que você vai lá na camada de ozônio e traz um entendimento, o interessante é quando você vai falar dentro da inspiração as palavras tem cor, tem textura, tem profundidade e aí essas palavras que encantam que a gente fala, eu acredito muito nisso, eu acredito no poder que as coisas tem de acabar e ressurgir, essas coisas são atemporais, elas acabam e ressurgem. (Alemberg)

Ao redor da tradição oral, a palavra ganha uma repercussão distinta, permitindo que quem a propaga ou a acolhe tenha uma posição diferenciada, dando origem a um processo de ensino e aprendizagem baseado na oralidade. Nesse contexto da tradição oral, guardiã da ancestralidade e transmissora de saberes, a palavra é nutriente, alimento e energia para a educação.

Quando questionado sobre a importância da tradição oral para a Fundação Casa Grande, Júnior dos Santos nos explica que:

A tradição oral na verdade é um valor que a gente tem aqui, a gente não trabalha pedagogicamente, nosso trabalho é filosófico, isso é a filosofia da casa, isso está na narrativa oral das pessoas e cada um tem sua história, quando junta todas as histórias é que a gente tem a história da casa. Não dá pra você saber como é ser uma criança da Casa Grande se você não escuta todas elas e cada um tem uma forma, eu entrei por isso e outro vai falar porque a mãe já era daqui que ele já nasceu na Casa Grande, tem sempre uma história.

A educação se dá pela oralidade porque esta abrange linguagem, conhecimento, fruição e variadas técnicas de dinâmicas expressivas. Um narrador, além de armazenar e preservar histórias, utiliza a transmissão oral como estratégia para transmitir os saberes e fazeres de e para uma sociedade. Sendo um processo ativo de aquisição de conhecimento, ensinar através da tradição oral e ilustrá-la com performances adequadas e proferidas dentro do contexto apresentado.

Quando as crianças contam as histórias que aprenderam na FCG, elas socializam, recriam, formam, informam, exercitam a linguagem, estimulam a imaginação e a inteligência do interlocutor, despertando emoções e promovendo o desenvolvimento do pensamento lógico e sendo crítico. Dessa forma compreendem a realidade a sua volta com suas contradições e variedades, incluindo a estrutura, funcionamento e constituição de uma identidade individual e coletiva. Com as atividades que executam, as crianças conseguem observar e absorver o contexto sócio-histórico e ideológico de sua região.

Utilizar a tradição oral como fomentadora de linguagem e conhecimento, proporciona a interação do indivíduo e sua relação com o aprender, com a possibilidade de interromper e modificar a lógica imposta pela educação formal. Essa prática distancia os métodos de aprendizagem das configurações deterministas condicionadas aos padrões de normalidade, busca constituir a subjetividade dos indivíduos, que passam a aprender através da sua interação com a cultura, exercita e se desenvolve por meio do processo dialético entre a tradição oral e suas próprias interações sociais.

Num momento em que o panorama cultural global parecia não fazer questão de reservar espaço para a tradição oral, a FCG reconheceu que era necessário valorizar e representar essa tradição, abrindo espaço para a arte de contar histórias, tornando-se um engenho aberto para a preservação e incentivo ao desenvolvimento do imaginário. A FCG traz para o seu cotidiano a palavra falada como estratégia de aprendizagem, preservando a tradição oral e nutrindo o imaginário de seus frequentadores. Sobre o início do projeto da FCG e sua relação com os fundamentos da tradição oral, Limaverde conta que:

O nosso desafio no início da Fundação Casa Grande, foi o de promover uma ação educativa que proporcionasse a esses meninos e meninas do sertão do Brasil ferramentas formadoras e norteadoras para a ampliação do repertório cultural, gerando perspectivas e oportunidades de inclusão social. Tudo isso só seria possível pelo acesso, vivência e internalização de novos saberes e conteúdos de qualidade em assuntos que ampliassem o repertório, como: Memória, Identidade, Patrimônio, Mitologia, Arqueologia, Gestão Cultural, Meio Ambiente, Arte, Cidadania, Turismo Comunitário e Sustentabilidade. Eu posso dizer que neste caso, a memória foi o elemento constituinte do sentimento de

identidade, tanto individual como coletivo das crianças e jovens na medida em que ela também se tornou, a partir do protagonismo dessas crianças e jovens, um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência da comunidade e de sua reconstrução de si. (Limaverde, 2017, p. 24)

Observamos até aqui que os depoimentos colhidos evidenciam o que tratamos no decorrer da pesquisa e valorizam a associação da tradição oral com a educação. O aprendizado que é recebido na fundação, advém não só da realidade física e intelectual vivenciada pelas crianças, mas se vincula também com as histórias que escutam, com os objetos que preservam e com a identidade que constroem nas suas trocas diárias, experiências que serão lembradas por toda a vida. A bagagem adquirida através da tradição oral, nos espaços e oportunidades proporcionados pela Casa Grande contribuem na formação das identidades, da confiança em si próprios e na projeção de futuro que desejam para si.

6 Conclusões, limitações e sugestões para trabalhos futuros

Neste capítulo apresentamos as conclusões deste estudo, que vão ao encontro dos resultados e respectivas discussões evidenciadas no capítulo anterior. De seguida apresentamos algumas limitações encontradas durante o percurso da pesquisa e, por fim, apontaremos algumas recomendações para a elaboração de estudos futuros nesta temática.

6.1 Conclusões

A construção e circulação do conhecimento é um processo que demanda tempo, exige pesquisa, acúmulo, debate, diálogo e experiência da realidade. O conhecimento precisa ser construído, não existe transferência direta de conhecimento, educar é proporcionar um ambiente onde o conhecimento possa ser produzido, circulado, aprendido, criticado e debatido. Paulo Freire (2011, p. 37) nos diz que a práxis seria a unidade dialética entre conhecimento e prática. O processo de aquisição de conhecimento só é possível após a atividade de experimentar e refletir as situações através da práxis. O conhecimento está no encontro da nossa percepção com a realidade.

O modelo de educação comumente reconhecido no modelo bancário é caracterizado por uma referência eurocêntrica de educação. Constitui, em grande maioria, uma maneira hegemônica de educar e pode apresentar dificuldades no diálogo com outros tipos de educação, como por exemplo as aprendizagens que perpassam por contextos e territórios tradicionais considerando suas características epistemológicas, afetivas, culturais e intelectuais. O processo educativo através da tradição oral corporifica-se em seus detentores e detentoras, é guiado pela consciência, valorização e exercício da ancestralidade, reiterando suas formas de viver, existir e educar.

Utilizar a tradição oral como recurso pedagógico, permite um contato legítimo com a ancestralidade, por meio dos saberes e da historicidade ancestrais, com base na sua constituição humana e experiência pessoal. Apropriar-se da ancestralidade, integrar-se nela, para reexistir a partir dela e assim estabelecer uma melhor condição para se recolocar no seu modo de ser, estar e agir no mundo e com ele.

Por meio das histórias contadas, crianças e adultos, podem condensar em si a experiência dos seus antepassados e assimilar pela experiência vivida na imaginação os saberes ancestrais. A brincadeira envolvendo histórias, lendas e mitos, por sua vez, mostra-se como um dos recursos de aproximar-se da ancestralidade, um fio condutor da transmissão de saberes pela tradição oral. Neste ensejo, a tradição oral reafirma a centralidade da vivência, da experiência vivida na sua forma de educar. Possibilita a constituição de seres humanos intencionados ao mundo, e com ele. (Freire, 2011, p. 81)

Através da tradição oral, o exercício de contar histórias, estimula diversos benefícios na aprendizagem como o desenvolvimento da linguagem oral, a leitura mesmo que de maneira não convencional, a interpretação e a capacidade de reprodução do que foi trabalhado, descrição de personagens e cenários, incentivo do trabalho em equipe, identificação de marcas temporais, desenvolvimento do senso crítico e criatividade, busca de soluções para conflitos do mundo real por meio dos conflitos apresentados nas histórias, entre outras inúmeras vantagens da ferramenta.

Na presente pesquisa privilegiamos o estudo da tradição oral como processo pedagógico, contudo, muitos outros aspectos poderiam ser examinados acerca das atividades propostas pela Fundação, mas optamos por um recorte teórico-metodológico que analisasse os elegidos pressupostos. As análises partiram do entendimento que os fenômenos e processos educativos desenvolvidos na FCG tem uma base forte na tradição oral.

O resultado apontado torna claro que a utilização da tradição oral como suporte metodológico para a educação é uma ferramenta não só possível e viável, mas de grande importância na construção de experiências que constituem a aprendizagem. Pensando nos grupos que vinculam a tradição oral como principal instrumento de preservação e transmissão de conhecimentos, agregando a ela uma importância equivalente a importância dada a escola convencional, observamos a relevância de inserir nos espaços escolares os saberes e fazeres oriundos da oralidade, tanto em suas práticas, como em seus discursos e espaços.

Dado o exposto, a pesquisa se mostrou relevante por proporcionar uma reflexão sobre a transmissão de saberes com base na tradição oral, como fonte de processos educativos e de constituição humana. A constatação dessa realidade nos remete a afirmação de Candau:

É importante ter presente que já existem nos sistemas educativos experiências “insurgentes” que apontam para outros paradigmas escolares: outras formas de organizar os currículos, os espaços e tempos, o trabalho docente, as relações com as famílias e comunidades, de conceber a gestão de modo participativo, enfatizando as práticas coletivas, a partir de um conceito amplo e plural de sala de aula, etc. Mas essas experiências

permanecem periféricas, não são adequadamente visibilizadas, nem fortemente apoiadas. (2016, p. 807)

Através dos procedimentos adotados na presente pesquisa, pudemos constatar que a FCG ao se apropriar do acervo material e imaterial da região do Cariri, utiliza de maneira lúdica e participativa, os saberes e fazeres transmitidos pela tradição oral nas suas atividades cotidianas e durante todos os eventos que proporcionam integração entre os membros da Fundação e demais grupos representantes das tradições populares e preservação da memória do Homem Kariri. Esse compartilhar nos permite identificar a FCG como uma instituição representativa de importante atuação na missão de promover uma formação social e cultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o diálogo com as identidades próprias da sua região.

Podemos afirmar também que o projeto da Fundação desenvolveu um trabalho de elevado valor educativo e trouxe uma nova proposta no sentido de promover a educação sob um novo olhar, como ilustra o pensamento de Charlot:

A espontaneidade e a criatividade não são pontos de partida, ao contrário do que pensa o senso comum. São efeitos de uma educação que proporciona vários modelos de atividade, a serem adaptados, criticados, misturados, combinados, superados. O que faz um texto, um objeto ou um evento ser arte é o olhar que o constitui como tal. Aceitemos o princípio contemporâneo. Mas o olhar se educa. (2013, p. 229)

De modo geral e de acordo com os dados recolhidos, analisados e interpretados, constatamos o efetivo uso e aprovação por parte da comunidade apontada como foco no estudo de caso, da tradição oral como recurso pedagógico, de modo que as crianças atuam como protagonistas num processo de produção, partilha e salvaguarda de conhecimento, onde constroem coletivamente e são estimulados a interagir, refletir, apurar o senso crítico e exercitar a autonomia.

Considerar a tradição oral como uma relação de aprendizagem informal é reconhecê-la como fator importante para a estruturação e fortalecimento cultural de uma comunidade, associando a consolidação de relações interpessoais entre determinado grupo, gerando uma malha de transporte para diversas formas de conhecimento e formas de viver. Para esses indivíduos, mais do que uma atividade comunicativa, as palavras ouvidas estabelecem um elo entre quem conta e quem escuta, o ato da partilha do saber institui um vínculo identitário e uma responsabilidade de preservação e propagação do que foi aprendido.

Os meninos e meninas da FCG, mesmo jovens, se tornam repositórios da ancestralidade da sua comunidade, guardiões e transmissores da memória que até pouco tempo atrás não tinha

espaço na sociedade. Exercendo suas funções na instituição, ficam à postos e aguardam visitantes dispostos a ouvi-los e aprender com eles o que a FCG lhes ensinou.

No sentido da continuidade das reflexões aqui apresentadas e desenvolvidas, por ser um campo de pesquisa não exaustivamente explorado, a tradição oral como processo pedagógico oferece um amplo acervo de possibilidades para futuras pesquisas. O caso de estudo, foco desta pesquisa, também pode ser estudado individualmente e em maior profundidade, adentrando os processos peculiares de cada programa abordado pela instituição.

Acreditamos que a realização desta pesquisa traz benefícios por possibilitar a promoção de debates e reflexões acerca da educação através da tradição oral em espaços sociais e educativos, levando estudantes, pais, profissionais da educação e sociedade em geral a refletirem de maneira mais aprofundada sobre o tema. Além disso, espera-se oferecer subsídios para a análise dos percalços, perspectivas, limitações e possibilidades dessa modalidade metodológica.

Dessa maneira, esperamos ter contribuído para atrair as atenções em relação a relevância da utilização de diversos aportes na prática pedagógica, colaborando com a proposta de uma educação de qualidade, que transcenda os espaços institucionalizados. É importante que a educação, enquanto campo do conhecimento científico, reconheça outras formas de ser e estar no mundo e de produção de conhecimento multifacetado e de igual valor acadêmico, ainda que se desenvolva sobre experiências e tradições.

É tempo de admitir que o conhecimento também é feito do diálogo com o mundo, pela convivência e experiências relacionadas com a cultura e a tradição, não apenas pelo método institucional. Os processos educativos, proporcionados por meio da tradição oral, nos mostram diversos fatores e elementos que constituem os indivíduos e sua relação com a comunidade.

6.2 Limitações do estudo

Durante o período em que decorreu a recolha de dados o processo precisou ser interrompido e readaptado. O número de entrevistas foi reduzido em relação ao que num princípio se estimou. O principal motivo foi o acometimento da pandemia causada pelo Coronavírus (COVID-19) e seguindo as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) todos os estabelecimentos interromperam suas atividades presenciais e barreiras sanitárias foram estipuladas entre as cidades.

No entanto essa limitação não invalidou o resultado da pesquisa, uma vez que as entrevistas realizadas antes do fechamento da instituição nos forneceram resultados satisfatórios pela verificação de repetições nas respostas apresentadas pelos entrevistados, de

maneira que a análise realizada reflète a realidade do que é desenvolvido nos momentos que as atividades são executadas regularmente, limitando a amplitude, mas não a validade do resultado.

Em complemento a análise de dados feita com número reduzido de elementos, buscou-se o uso amplo de informações provenientes de fontes secundárias, como as transmissões realizadas pela própria Fundação em julho de 2020, bem como os trabalhos acadêmicos publicados sobre a instituição ao longo dos seus 27 anos, que permitiram a necessária triangulação, além de dar suporte à perspectiva temporal.

Uma outra limitação que deve ser considerada está relacionada com a falta de estudos com o mesmo objetivo desta pesquisa e com o mesmo tipo de população alvo. A escassez de material disponível para a fundamentação e de material comparativo em outros estudos realizados nos demandou um maior esforço na busca de materiais de apoio.

6.3 Sugestões para pesquisas futuras

De acordo com nossa busca documental, constatamos que esta é a primeira pesquisa acadêmica sobre a tradição oral no contexto da FCG. Outros estudos foram desenvolvidos no local, mas com foco em outras áreas de conhecimento como arqueologia, pedagogia, gestão cultural, educação patrimonial e turismo comunitário. Portanto, mesmo na busca de compreender a FCG como um espaço educativo não-formal, percebemos que, ainda que esses conceitos sejam bastante debatidos em vários trabalhos e por diversos autores, a tradição oral não recebeu um maior detalhamento.

A presente pesquisa retratou um estudo exploratório e, como é de natureza desse tipo de método, ela abre possibilidades para novas pesquisas, que podem ampliar os resultados obtidos. Dada a característica referente a abrangência deste trabalho, como recomendação para investigações futuras nesta mesma temática, salientamos que é possível a este estudo ser reaplicado em outras instituições de maneira que possibilite aprofundar a problemática dos resultados, utilizando métodos ou questionários que possibilitem uma recolha de dados em melhor abrangência.

7 Referências

- Acioli, S. (2002). *Fundação Casa Grande: Comunicação para a educação*. (Monografia de Graduação) – Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil. Recuperado de [monografia_casa_grande \(wordpress.com\)](http://monografia.casa.grande.wordpress.com)
- Alberti, V. (2004). *Ouvir contar: textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV;
- Altuna, R. R. A. (2006). *Cultura tradicional Bantu*. São Paulo: Edições Paulinas;
- Alves, R. (2004). *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 7ª ed. Papyrus Editora:Campinas;
- Amado, J. (2000). A Técnica da Análise de Conteúdo. *Referência* 5, 53-63. Recuperado de https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=2049&id_revista=5&id_edicao=20
- _____. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra; 2ª ed.
- Araújo, M. L. S. (2017) *A Fundação Casa Grande (Nova Olinda/CE) no Mapa do Turismo Regional: lugar de memória e salvaguarda do patrimônio cultural do povo Kariri*. (Tese Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de São Paulo – UESP, Rio Claro, São Paulo, Brasil. Recuperado de [A Fundação Casa Grande \(Nova Olinda/CE\) no mapa do turismo regional: lugar de memória e salvaguarda do patrimônio cultural do povo Kariri \(unesp.br\)](http://unesp.br)
- Azevedo, F. G. S. (2005). *Tecnologias de transmissão cultural: a experiência da “escola” de comunicação Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri*. (Dissertação Mestrado) Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10268>
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar;
- Benjamin, W. (2012). *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre leitura e história de Cultura*. São Paulo: Brasiliense;
- Bosi, A. (2010). *Cultura brasileira: temas e situações*. 4ª ed. São Paulo:Ática
- Bosi, E. (2016). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 17ª ed. São Paulo: Companhia das Letras;
- Candau, J. (2012). *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto;

- Candau, V. M. (2016). *Cotidiano esColar e práticas interCulturais*. Revista Cadernos de Pesquisa v.46 No.161. p. 802-820;
- Canclini, N.G. (2011). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP;
- Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22ª ed. Petrópolis: Vozes;
- Charlot, B. (2013). *Da relação do saber às práticas educativas*. São Paulo: Cortez;
- Chauí, M. (2006). *Cidadania Cultural o Direito à Cultura*. 1ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo;
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm
- Cruikshank, J. (2006). Tradição Oral e História Oral: revendo algumas questões. In: Ferreira, M. M.; Amado, J.; (Org.) *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, p.149-164;
- Delors, J. (2012). *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez;
- Faure, E. (1974). *Aprender a Ser*. Lisboa: Livraria Bertrand;
- Felix, J.H.S. (Org.) (2018). *Como escrever bem: projeto de pesquisa e artigo científico*. Curitiba: Appris;
- Ferreira, A. B. de H. (2010). *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo;
- Foucault, M. (2013). *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola;
- Freire, P. (2001). *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro;
- _____. (2011). *Educação como Prática da Liberdade*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra;
- _____. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP;
- _____. (2011) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra;
- Freitas, L.; Morin, E.; Nicolescu, B. Carta da Transdisciplinaridade. In: *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: TRIOM. Recuperado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000129707>
- Freitas, S. M. de. (2006) *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas;

Fundação Casa Grande – (FCG). Blog. Recuperado de <https://blogfundacaocasagrande.wordpress.com/>

Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri. *20 anos de Casa Grande*. Brochura [S.l.: s.n.] 2016, não paginado. Apoio IPHAN e MTur;

Gadotti, M. (2005). *A questão da educação formal/não-formal*. Recuperado de <https://docplayer.com.br/5445484-A-questao-da-educacao-formal-nao-formal.html>

_____. (2016). *Educação popular e educação ao longo da vida*. Coletânea de Textos. Confitea Brasil +6. Brasília MEC/Secadi. Recuperado de http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br/images/documentos/coletanea_textos.pdf

_____. (2012). Educação popular, educação social, educação comunitária. Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária*, 18(1), 10-32.

Ghanem, E. (2012). Inovação educacional em pequeno município – o caso Fundação Casa Grande (Nova Olinda, CE, Brasil). *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 28, n. 03, p. 103-124.

Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª ed. São Paulo: Atlas;

_____. (2010). *Como elaborar projeto de pesquisa*. 5ª ed. São Paulo: Atlas;

Gohn, M. G. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14(50), 27-38. Rio de Janeiro

_____. (2005) *Educação Não-Formal e Cultura Política*. 3 ed. São Paulo: Cortez, (Coleção questões da Nossa época; v. 71)

Halbwachs, M. (2004) *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro;

Hall, S. (2006) *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A;

Hampaté Bâ, A. (2010) A tradição viva. In Ki-Zerbo, J. (coord) *Metodologia e Pré-História da África, História Geral da África*. V.1 p.193. Brasília: Unesco;

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com a data de referência, 1 de julho de 2019. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/nova-olinda.html>

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras;

Mattoso, J. (2002). *A escrita da História*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores

Limaverde, R. L. M. (2017) *Arqueologia social inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora

- Medeiros, F. H. N., Moraes, T. M. R. (2015) *Contaçon de histórias: tradiçon, poéticas e interfaces* São Paulo: Edições Sesc São Paulo;
- Morin, E.(2011). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*.2ª ed. Rev. São Paulo: Cortez.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo:PUC, n.10, p. 7-28, dez. 1993.
- Noronha, I. L. A. (2008) *Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri: cotidiano, saberes, fazeres e as interfaces com a educação*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4900>
- Ong, W. (1998). *Oralidade e cultura escrita*. Campinas:Papirus; 9 - 15
- Santo, M. I. E. (2010) *Vasos sagrados: mitos indígenas brasileiros e o encontro com o feminino*. Rio de Janeiro: Rocco;
- Santos, B. S. (2013) *Pela mão de Alice*. 9. Ed. Porto: Afrontamento;
- Santos, E. L. (2018) *Veredas da informação em culturas de tradição oral: a esfera encantada das bibliotecas vivas*. (Tese de Doutorado). ECA/ Universidade de São Paulo -USP. São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tede-02102018-163618/pt-br.php>
- Santos, I. A. T. dos. (2017) *Próxima parada, Nova Olinda/CE: justiça distributiva no turismo de base comunitária*. (Dissertação de Mestrado). PPGA/Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, Brasil. Recuperado de: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9408>
- Silva, J. J. (2010). *Caldeirão e Assentamento 10 de Abril: passado e presente na luta por terra no Cariri cearense*. (Dissertação de Mestrado) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil. Recuperado de <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7941>
- Silva, M. H.; Silva, K. V. (2012) *Dicionário de conceitos históricos*. 3ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto;
- Thompson, P. (1998). *A voz do passado – História Oral*. São Paulo: Paz e Terra.
- Triviños, A. N. S. (2017) *Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas;
- Vansina, J. (2010) A tradição oral e sua metodologia. In Ki-Zerbo, J. (coord) *Metodologia e Pré-História da África, História Geral da África*. V.1 p.137 a 166. Brasília: Unesco;
- Velozo, E. L. (2009) *Cultura de movimento e identidade: a educação física na contemporaneidade*. (Tese Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Campinas, SP, Brasil. Recuperado de: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274770>

- Vieira, A. (1992). *Escritos instrumentais sobre os índios*; Edições Loyola: São Paulo, p. 147
- Vigotski, L. S. A (2009) *Imaginação e Criação na Infância*. Tradução Zoia Prestes. São Paulo:Ática
- Ximenes, M. M. (2005) *Discurso e recepção no rádio: um estudo sobre o programa infantil Submarino Amarelo na Casa Grande FM*. (Monografia de Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil. Recuperado de [Conta a lenda que, há muitos anos, nos sul do estado do Ceará, existiu um reino encantado com o nome de Itaperabussu \(wordpress.com\)](#)
- _____. (2014) *Aqui, tudo se cria, nada se copia: um estudo etnográfico da ONG Fundação Casa Grande e a formação cultural de jovens moradores de Nova Olinda/CE*. (Dissertação Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil. Recuperado de [Repositório Institucional UFC: Aqui, tudo se cria, nada se copia: um estudo etnográfico da ONG Fundação Casa Grande e a formação cultural de jovens moradores de Nova Olinda/CE](#)
- UNESCO. (2009) *Educação e aprendizagem para todos: olhares dos cinco continentes*. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação;
- UNESCO. (2010) *Marco de Ação de Belém*. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação.

8 APENDICE A

Guião Para Entrevista Semiestruturada

A TRADIÇÃO ORAL COMO PROCESSO PEDAGÓGICO – UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

Destinada ao fundador e aos formadores.

Entrevistado: _____

Cargo: _____

Idade: _____

- 1 – Na sua opinião qual a principal função da FCG atualmente?
- 2 – Que lembrança mais lhe marcou nesses 27 anos de FCG?
- 3 – Houve mudanças na Fundação ao longo desses 27 anos? Quais?
- 4 – Qual a atividade ou evento mais importante na FCG na sua opinião?
- 5 – Você considera que os processos educativos da FCG utilizam a tradição oral como metodologia?
- 6 – Em quais atividades a tradição oral está presente na FCG?
- 7 – Como a tradição oral facilita os processos na FCG?

9 APENDICE B

Guião Para Entrevista Semiestruturada

A TRADIÇÃO ORAL COMO PROCESSO PEDAGÓGICO – UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

Entrevistado: Crianças e Jovens que participam da FCG (quantidade ainda não delimitada)

Dados de Identificação:

Nome: _____

Idade: _____

Ano escolar regular: _____

- 1 – Como você conheceu a FCG?
- 2 – Quanto tempo você está na FCG?
- 3 – Qual a sua função na FCG?
- 4 – Como foram seus primeiros dias na FCG?
- 5 – O que você mais gosta de fazer na FCG? E o que menos gosta?
- 6 – Como você aprendeu a fazer suas tarefas da FCG?
- 7 – A FCG é importante para você? Por quê?
- 8 – O que você aprendeu de mais importante na FCG? Como aprendeu?
- 9 – Você escolhe o que quer aprender na FCG? Se sim, como você escolhe?
- 10 – Você sabe como a FCG foi criada? Poderia explicar em poucas palavras?
- 11 – Quais histórias você escuta na FGC e mais gosta? Quais histórias você mais gosta de contar?
- 12 - Gostaria de falar mais alguma coisa sobre a FCG que não foi perguntado?

10 APENDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

INFORMAÇÕES DA PESQUISA

Instituição: Universidade de Lisboa (UL) / Instituto de Educação (IE) / Mestrado em Educação e Formação/ Linha Desenvolvimento Social e Cultural

Título: A TRADIÇÃO ORAL COMO PROCESSO PEDAGÓGICO – UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI

Resumo: A pesquisa busca observar a tradição oral como processo pedagógico e entender como acontecem os processos educativos através da tradição oral na Fundação Casa Grande e de que maneira eles contribuem para a constituição das crianças e jovens que frequentam a Fundação. Tem como objetivo central investigar e compreender a prática da oralidade na comunidade e quais são as especificidades da tradição oral com base na perspectiva histórico-cultural enquanto método de transmissão de saberes.

Procedimentos: Realização de entrevistas sobre sua percepção e perspectivas em relação a suas atividades na Fundação. As entrevistas acontecerão em dias que você esteja na Fundação e tenha horários livres. Informamos que as entrevistas serão gravadas, através de um gravador de áudio e serão armazenadas no computador pessoal da pesquisadora.

Pesquisadora: Patrícia de Almeida Gomes

Endereço: Universidade Federal do Cariri, R. Ten. Raimundo Rocha, 1639,

Cidade Universitária, Juazeiro do Norte, CE, CEP: 63048-080

Telefones: (88) 3221-9389, (88) 997137689, e-mail: patricia.gomes@ufca.edu.br

Orientadora: Professora Doutora Ana Paula Caetano

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a Comissão de Ética do Instituto de Educação da

Universidade de Lisboa, Alameda da Universidade, Código Postal: 1649-013, Lisboa, Portugal, telefone: +351 21 794 36 33, e-mail: cdetica@ie.ulisboa.pt.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador, por mim e por meu representante legal, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante: _____

Nome do (a) responsável legal: _____

Contato telefônico: _____

e-mail (opcional): _____

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante)

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do seu responsável legal)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pela Comissão de Ética perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)

11 ANEXO A

ESTATUTO DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE – MEMORIAL DO HOMEM KARIRI:



ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE MEMORIAL DO HOMEM KARIRI, REALIZADA NO DIA 17 DE FEVEREIRO DE DOIS MIL E DEZESSETE.

Aos dezessete dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezessete, reuniram-se em Assembleia Geral Extraordinária, às 9h, na Sede da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, situada a Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, na cidade de Nova Olinda, Ceará, os integrantes da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, para deliberarem sobre a pauta constante no Edital de Convocação: Alteração do Estatuto da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, conforme descrição abaixo. O Diretor-Presidente da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri deu início à Assembleia, dando as boas vindas a todos os presentes, em seguida colocando em pauta a ordem do dia para discussão e aprovação a proposta de Alteração do Estatuto, que aceita pelos presentes é aprovada por unanimidade pela Assembleia, ficando o novo estatuto com a redação transcrita em anexo.



Francisco Alemberg de Souza Lima
Diretor – Presidente



RECONHECO A(S) FIRMA(S):
Francisco Alemberg de Souza Lima
O referido é verdade. Dou fe.
09 MAR. 2017 Nova Olinda (CE)
Jose Freire de Alencar - 2º Tabelião
CPF: 059.166.183-00
Francineide Ingrid M. Da Silva - Esc. Substituta
Emiliane Lopes da Silva - Esc. Substituta



Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
E-mail: fundacaocasagrandemhk@gmail.com
Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
Nova Olinda – Ceará

José Vieira da Silva
ADVOGADO
OAB-CE 10.155

Emiliane Lopes da Silva
CPF: 071.372.803-58
Escrevente Substituta



FUNDAÇÃO CASA GRANDE- MEMORIAL DO HOMEM KARIRI
E S T A T U T O

CAPÍTULO I
NATUREZA E OBJETIVO

Art. 1º – A FUNDAÇÃO CASA GRANDE MEMORIAL DO HOMEM KARIRI é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, com autonomia administrativa e financeira, sediada na Avenida Jeremias Pereira, 444, centro, município de Nova Olinda, Estado do Ceará, regendo-se pelo presente Estatuto e pela legislação pertinente que lhe for aplicável.

Art. 2º – A FUNDAÇÃO CASA GRANDE MEMORIAL DO HOMEM KARIRI, tem por objetivo:

- I- Ser uma Instituição autônoma, apolítica, permanente, desprovida de fins lucrativos, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento.
- II- Ser aberta ao público e demais instituições.
- III- Pesquisar, preservar, coletar, juntar em acervo, comunicar, exhibir e publicar para fins científicos, de estudo e recreação, a cultura material e imaterial do homem kariri e de seu ambiente.
- IV- Estabelecer registro e cadastramento do patrimônio cultural da região do homem kariri, com fins de cuidar do acervo arqueológico e ecológico.
- V- Servir de instrumento de evolução para as artes e a cultura do homem kariri.
- VI- Oferecer um ponto de apoio para pesquisadores.
- VII- Formular e incentivar projetos nas áreas de arte e cultura, educação, meio ambiente, esporte, políticas públicas, saúde, patrimônio cultural, arqueologia, comunicação, turismo, desenvolvimento social, ciência e tecnológico, gestão social e economia;
- VIII- Fica criado o projeto comunitário popular “Casa Grande FM”, com o objetivo do serviço de Radiodifusão e com as seguintes resoluções:
 - a) de servir a comunidade, através de informações sociais, educativas, culturais, econômicas, de saúde, etc. Sem distinção de raça, cor, sexo, religião ou política.
 - b) A Casa Grande FM funcionará na localidade da Avenida Jeremias Pereira, 470, no Município de Nova Olinda;



Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
E-mail: fundacaocasagrandemhk@gmail.com
Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
Nova Olinda – Ceará

Jose Vieira da Silva
José Vieira da Silva
ADVOGADO
OAB-CE: 10.155

Emiliane Lopes da Silva
Emiliane Lopes da Silva
CPF: 071.372.803-58
Escrevente Substituta



Fundação Casa Grande

- c) Fica permanentemente proibida a utilização de palavrões, incentivo ao consumo de drogas, uso de violência e músicas de sentido pejorativo;
- d) Fica assegurado o direito de opinião desfavorável, de crítica literária, científica, política e cultural, salvo inequívoca intenção de injúria ou difamação, nestes casos, fica assegurado o direito de resposta conforme determina o art. 29 da lei 5.250 de 09.02.67;
- e) Os casos omissos serão resolvidos através de portarias de competência do Conselho Comunitário, sancionado pelo presidente desta fundação;

IX- Fica criado o projeto comunitário popular “TV Casa Grande”, com o objetivo do serviço de telecomunicação e com as seguintes resoluções:

- a) de servir a comunidade, através de informações sociais, educativas, culturais, econômicas, de saúde, etc. Sem distinção de raça, cor, sexo, religião ou política.
- b) A TV Casa Grande funcionará na localidade da Avenida Jeremias Pereira, 470, no Município de Nova Olinda;
- c) Fica permanentemente proibida a utilização de palavrões, incentivo ao consumo de drogas, uso de violência e músicas de sentido pejorativo;
- d) Fica assegurado o direito de opinião desfavorável, de crítica literária, científica, política e cultural, salvo inequívoca intenção de injúria ou difamação, nestes casos, fica assegurado o direito de resposta conforme determina o art. 29 da lei 5.250 de 09.02.67;
- e) Os casos omissos serão resolvidos através de portarias de competência do Conselho de Comunicação Social, sancionado pelo presidente desta fundação

Parágrafo Primeiro: O Conselho Comunitário será composto de 5 (cinco) membros - Instituições da Sociedade Civil, reunir-se-á uma vez por ano, para aprovar a grade de programação.

Parágrafo Segundo: Para consecução dos seus objetivos a Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri trabalhará nas diversas áreas do conhecimento, desenvolvendo as seguintes atividades:

- a) Educação;
- b) Arte;
- c) Cultura;
- d) Políticas Públicas;
- e) Saúde;

José Vieira da Silva
ADVOCADO
OAB-CE: Nº. 155



Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
E-mail: fundacaocasagrandembk@gmail.com
Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
Nova Olinda – Ceará

Emiliane Lopes da Silva
CPF: 071.372.803-58
Escrevente Substituta



- f) Patrimônio Cultural;
- g) Arqueologia;
- h) Comunicação;
- i) Esporte;
- j) Meio ambiente;
- k) Turismo;
- l) Ciência e Tecnologia;
- m) Economia;
- n) Gestão Social;

CAPÍTULO II DO PATRIMÔNIO

Art. 3º – O patrimônio da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri é constituído do bem indicado na escritura pública de constituição e pelos que ela vier a possuir sob as formas de doações, legados e aquisições, livres e desembaraçados de ônus.

Art. 4º – O patrimônio da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, bem como os recursos e rendas obtidas poderão ser utilizadas para a consecução dos objetivos definidos no art. 2º do presente estatuto.

CAPÍTULO III DOS RECURSOS E SUA UTILIZAÇÃO

Art. 5º – Constituirão recursos da Fundação Casa Grande- Memorial do Homem kariri:

- I -Os provenientes de convênios, acordos, auxílios, doações e/ ou dotações.
- II-As remunerações recebidas por serviços prestados;
- III-As rendas próprias dos bens que possua ou administre;
- IV-As rendas dos títulos, ações e papéis financeiros de sua propriedade;
- V-As rendas destinadas de terceiros e seu favor;
- VI-Os juros de capital e outras receitas da mesma natureza;
- VII- Os usufrutos que lhe forem conferidos.

Art. 6º – Os recursos da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri somente poderão ser utilizados para a realização dos objetivos previstos no Art. 2º deste Estatuto, em investimentos e custeio das despesas técnicas e administrativas correlatas.

Art. 7º – Não recebem seus Diretores, Conselheiros, Sócios, Instituidores, Benfeitores ou equivalentes, remuneração, vantagens ou benefícios, direta ou indiretamente, por qualquer



José Vieira da Silva
ADVOGADO
OAB-CÉ: 10.155

Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
E-mail: fundacaocasagrandemhk@gmail.com
Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
Nova Olinda – Ceará

Emiliane Lopes da Silva
CPF: 071.372.803-58
Escrevente Substituta



Fundação Casa Grande

forma ou título, em razão das competências, funções ou atividades que lhe sejam atribuídas pelos respectivos atos constitutivos.

CAPÍTULO IV DO REGIME FINANCEIRO E SUA FINALIDADE

Art. 8º – O exercício financeiro coincidirá com o ano civil.

Art. 9º – O orçamento da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri será uno, anual e compreenderá todas as receitas e despesas, compondo-se de:

- I- Estimativa de receita e discriminada por verbas;
- II- Discriminação analítica da despesa;

Parágrafo único- Na elaboração do orçamento da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, serão observadas as normas gerais do Direito Financeiro.

Art. 10º – A prestação anual de contas contará entre outras os seguintes elementos:

- I- Balanço Patrimonial, evidenciando analiticamente a composição do ativo e do Passivo;
- II- Quadro comparativo entre a despesa realizada e a fixada;
- III- Relatório pormenorizado da Diretoria, abrangendo e discriminando o movimento da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, no exercício.

Art.11- No Caso de um programa de investimento cuja execução exceda a um exercício, serão obrigatoriamente consignadas verbas, nos exercícios seguintes, necessárias para ocorrer as despesas com seu prosseguimento de acordo com respectivo cronograma.

CAPÍTULO V DOS INTEGRANTES

Art. 12 – A fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri tem estas categorias de integrantes:

- a) FUNDADOR;
- b) BENFEITOR;
- c) MANTENEDOR;
- d) COLABORADOR.



Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
E-mail: fundacaocasagrandemhk@gmail.com
Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
Nova Olinda – Ceará

Handwritten signature of José Vieira da Silva
José Vieira da Silva
ADVOGADO
OAB-CE: 10.155

Handwritten signature of Emiliane Lopes da Silva
Emiliane Lopes da Silva
CPF: 071.372.803-58
Escrevente Substituta



Art.13 – FUNDADOR - Atribuída às pessoas signatárias da escritura de Instituição e constituição da Fundação;

Art. 14 – BENFEITOR - Atribuída às pessoas que contribuem permanentemente com prestação em dinheiro ou em serviço, ou doação patrimonial, estabelecidas pela Diretoria;

Art. 15 – MANTENEDOR - Atribuída às pessoas que, por proposta da Diretoria, tenha assinado compromisso de contribuição para a manutenção da FUNDAÇÃO por um período não inferior a dois anos;

Art. 16 - COLABORADOR - Atribuída à toda pessoa física ou jurídica que, identificada com os objetivos da Fundação, compromete-se a contribuir financeiramente, ou por qualquer outra forma, para que ela possa alcançar suas finalidades. O ingresso do integrante à Fundação será gratuito.

Parágrafo Segundo: São requisitos para ser Integrante da Fundação:

- a) Ser pessoa de reconhecida idoneidade moral, interessada na arte e cultura, educação, meio ambiente, esporte, políticas públicas, saúde, patrimônio cultural, arqueologia, comunicação, turismo, desenvolvimento social, ciência e tecnológico, gestão social e economia.

Parágrafo Terceiro - Os Integrantes Fundadores, são integrantes natos e têm direito a Voz e à voto;

Parágrafo Quarto - Os Integrantes Benfeitor, Mantenedor e Colaborador são integrantes efetivos tendo direito à voz e à voto. E poderão ser excluídos, perdendo todos os direitos que lhe são atribuídos, nas seguintes situações:

- a) A pedido do mesmo, por escrito;
- b) Ter cometido atos que coloquem em risco a continuidade da instituição;
- c) Estar ausente por mais de 03 (três) Assembléias Gerais Ordinárias consecutivas ou 05 (cinco) alternadas, sem justificativas por escrito, aceitas pela Assembléia Geral e consignadas em Ata;
- d) Ter procedimentos contrários à Carta de Princípios e Regimento Interno da Instituição;

SEÇÃO I



José Vieira da Silva
 ADVOGADO
 OAB-CE: 10.155

Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
 Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
 E-mail: fundacaocasagrandedmhk@gmail.com
 Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
 Nova Olinda – Ceará

Emiliane Lopes da Silva
 CPF: 071.372.803-58
 Escrevente Substituta



DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 17 – A Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri será administrada por:

- I- ASSEMBLÉIA GERAL
- II- DIRETORIA
- III- CONSELHO FISCAL

Parágrafo Único: A Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri tem dois conselhos consultivos que são:

- I- CONSELHO CULTURAL
- II- CONSELHO CIENTÍFICO

Art. 18 – Compete a Assembléia Geral:

- I- Eleger a diretoria e o conselho fiscal;
- II- Decidir sobre a extinção da Fundação, nos termos do art. 34;
- III- Aprovar o regimento interno;
- IV- Decidir sobre qualquer alteração ao estatuto da Fundação Casa Grande.

Parágrafo Primeiro: Os integrantes terão direito a voz e voto na Assembleia Geral, podendo votar e serem votados para os cargos eletivos da Fundação;

Parágrafo Segundo: As decisões serão tomadas por maioria simples de voto.

Art. 19 – A Assembléia Geral se realizará, ordinariamente, uma vez por ano para:

- I- apreciar o relatório anual da diretoria;
- II- discutir e homologar as contas e o balanço aprovado pelo conselho fiscal;
- III- Eleger a diretoria quando for o caso;

Art. 20 - A convocação da Assembléia Geral será feita por meio de edital afixado na sede da Instituição, com antecedência de 5 (cinco) dias.

Parágrafo Único: Qualquer assembléia se instalará em primeira convocação com a maioria dos integrantes, em segunda convocação, com qualquer número.

Art. 21 – A Diretoria é o órgão deliberativo que planeja, executa e administra a Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri;


José Vieira da Silva
 ADVOGADO
 OAB-CE: 10.155



Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
 Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
 E-mail: fundacaocasagrandemhk@gmail.com
 Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
 Nova Olinda – Ceará


Emiltane Lopes da Silva
 CPF: 071.372.803-58
 Escrevente Substituta



Parágrafo Primeiro- A diretoria é composta por:

- 1 (um) Diretor-Presidente
- 1 (um) Diretor-administrativo;
- 1 (um) Diretor-Financeiro.

Parágrafo Segundo: O mandato da diretoria será de 2 (dois) anos, podendo ser reeleita, por mais uma vez, desde que satisfaça os objetivos da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri;

Parágrafo Terceiro: Os integrantes da Diretoria têm direito à voz e à voto, sendo as decisões tomadas por maioria simples de voto;

Art. 22 –Compete ao Diretor-Presidente:

- I- Dirigir e administrar a Fundação Casa Grande Memorial do Homem kariri;
- II- Celebrar convênios, ajustes, acordos e contratos;
- III- Representar a instituição, ativa e passiva, com poderes para constituir mandatários;
- IV- Convocar e presidir a Diretoria ;
- V- Contratar e dispensar empregados;
- VI- Autorizar e assinar cheques com o Diretor Financeiro;
- VII- Preparar e submeter à consulta e apreciação da Assembléia:
 - a) Até o dia 1º (primeiro) de Dezembro de cada ano, a proposta orçamentária e o plano de trabalho para o exercício seguinte;
 - b) Até o dia 30 (trinta) de abril de cada ano a prestação de contas relativa ao exercício passado, devidamente instituída com o com o Balanço Geral e Relatório pormenorizado .
 - f) Apresentar, o balancete acompanhado de informações sumárias sobre as atividades da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri; Proposta de alteração orçamentária no decorrer do exercício;

Art. 23– Compete ao Diretor Administrativo:

- I- Administrar a Fundação Casa Grande, fazendo o acompanhamento do desenvolvimento das atividades;
- II- Substituir o Diretor Presidente nas suas ausências e impedimentos;

Art. 24– Compete ao Diretor Financeiro:


José Vieira da Silva
 ADVOGADO
 OAB-CE: 10.155



Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
 Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
 E-mail: fundacaocasagrandedmhk@gmail.com
 Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
 Nova Olinda – Ceará


Emiliane Lopes da Silva
 CPF: 071.372.803-58
 Escrevente Substituta



Fundação Casa Grande

- I- Fazer o acompanhamento das finanças da Fundação, mantendo as informações atualizadas;
- II- Apresentar até o dia 30 (trinta) de abril a prestação de contas do exercício anterior, acompanhada do Balanço Patrimonial da Instituição;
- III- Apresentar até o dia 30 (trinta) de abril a prestação de contas do exercício anterior, acompanhada do Balanço Patrimonial da Instituição;
- IV- Assinar cheques juntamente com o diretor presidente.
- V- Entregar ao diretor-presidente os balancetes mensais atualizados.

Art. 25- O conselho Fiscal será composto por 3 (três) membros efetivos eleitos e 3 (três) membros suplentes, eleitos em Assembléia, dentre os integrantes da Fundação;

Parágrafo Único: A vigência do mandato dos membros do conselho fiscal, será de dois anos, e coincidirá com o mesmo período de mandato da diretoria;

Art. 26 – Composição do Conselho Fiscal

- I- 01 (um) presidente
- II- 02 (dois) conselheiro
- III- 03 (três) membros suplentes;

Art.27- Compete ao Conselho Fiscal:

- I- Reunir-se para aprovação da Prestação de Contas do exercício anterior;
- II- Emitir parecer aprovando o Balanço Patrimonial;

SESSÃO II DO CONSELHO CULTURAL

Art. 28 – O conselho cultural é constituído de 5 (cinco) membros indicados pela diretoria, dentre os jovens beneficiados pelo trabalho da Fundação Casa Grande, e que tenham acima de 18 anos;


Parágrafo Primeiro: os membros do Conselho Cultural terão mandato de dois anos, e poderão ser indicados quantas vezes a diretoria achar necessário.

Art. 29- Compete ao Conselho Cultural:


José Vieira da Silva
ADVOGADO
OAB-CE, 10.155



Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
E-mail: fundacaocasagrandedmhk@gmail.com
Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
Nova Olinda – Ceará


Emiliane Lopes da Silva
CPF: 071.372.803-58
Escrevente Substituta



Fundação Casa Grande

- I- Zelar pelo efetivo cumprimento do objetivo da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri;
- II- Ser consultado sobre as linhas gerais e programáticas nos assuntos pedagógico-culturais a serem adotadas pela instituição;

SECÃO III DO CONSELHO CIENTÍFICO

Art.30 – O Conselho Científico será composto por 3 (três) membros dentre profissionais de diversas áreas do conhecimento, indicados pela diretoria, e a ele compete:

- I- Elaboração de notas de orientação, sugerir linhas de trabalho e operações, quando solicitado pela diretoria.
- II- Ser consultado sobre as linhas programáticasno âmbito científico a serem adotadas pela Instituição.

Parágrafo Único: os membros do Conselho Científico terão mandato de dois anos, e poderão ser indicados quantas vezes a diretoria achar necessário.

CAPÍTULO VII DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 31 - Para alterar o estatuto da fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, será necessário que a reforma:

- I- Seja proposta por dois membros da Fundação Casa Grande;
- II- Seja aceita pela maioria em Assembléia Geral;
- III- Não contrariar os objetivos da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri.

Art. 32- É indeterminado o prazo de duração da Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri;

Art. 33 – Não deverão participar como Diretor ou conselheiro nenhum tipo de estrangeiro;

Art. 34– Em caso de dissolução da Instituição, a destinação dos bens e eventual patrimônio remanescente deverão ser transferidos à entidade que tenha objetivos e finalidades semelhantes à Fundação Casa Grande , preferencialmente àquelas que estejam registradas no Conselho Nacional de Serviço Social - CNAS.

José Vieira da Silva
ADVOGADO
OAB-CE 110.155



Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri
Fone: +55(88)3546-1333 Fax: 35218133
E-mail: fundacaocasagrandemhk@gmail.com
Av. Jeremias Pereira, Nº 444, Centro, CEP: 63.165-000
Nova Olinda – Ceará

Emiliane Lopes da Silva
CPF: 071.372.803-58
Escrevente Substituta



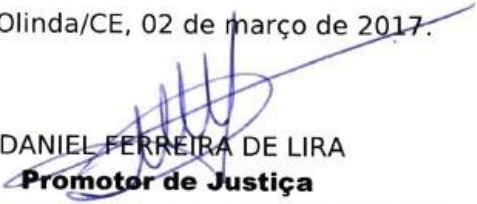
MINISTÉRIO PÚBLICO DO CEARÁ
 PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
 PROMOTORIA DE JUSTIÇA DE NOVA OLINDA

APROVAÇÃO DE ALTERAÇÃO ESTATUTÁRIA DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE

Encaminhado ao Ministério Público da Comarca de Nova Olinda/CE, aos 23 dias do mês de fevereiro de 2017, Ata de Assembleia Extraordinária da Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, CNPJ nº 41.337.569/0001-24, realizada em 17 de fevereiro de 2017, observou-se ausência de alterações estatutárias que comprometam as finalidades e o acervo da referida fundação.

Registre-se que as alterações encetadas foram aprovadas por UNANIMIDADE. Desse modo, o Ministério Público do Estado do Ceará, por este Órgão de Execução, nos termos da Lei nº 13.151/2015, c/c o art. 67, inciso III, do Código Civil Brasileiro, não se opõe ao seu regular registro para todos os fins legais, pelo que atesta APROVAÇÃO.

Nova Olinda/CE, 02 de março de 2017.


 DANIEL FERREIRA DE LIRA
Promotor de Justiça
Titular da Comarca de Nova Olinda/CE


 Emiliane Lopes da Silva
 CPF: 071.372.803-58
 Escrevente Substituta

12 ANEXO B

Lendas dos índios Kariri.³

A lenda do Castelo do Encantado diz que nas noites de lua cheia, num lugarejo denominado de Olho D'Água, se desencantava e se via um carneiro de ouro pulando de uma torre para outra. Esses castelos eram todos protegidos por pontes sobre fossos, vigiados por serpentes, com corpos de todas as cores e rosto de mulher.

Os reis de Itaperabussu chamavam-se Manacá e Jurema. Quando os dois morreram, transformaram-se em plantas. Os índios passaram a fazer chá das folhas dessas árvores, que a tribo “bebia para sonhar”, enquanto entoavam um canto ritual chamado Waiucá, de efeitos positivos nas doenças de membros da comunidade.

Todo o reino era protegido por uma grande coruja, sempre à espreita, no alto da chapada, zelando pelos índios que lhe prestavam culto e adoração. Nas matas de Itaperabussu, estão espalhadas figuras mágicas, como o veado Galheiro, Sumé e a princesa Maara.

O veado Galheiro é também chamado de “pai da caça”. Protetor dos animais, aparece entre as matas, com uma estrela na testa, assustando os caçadores e livrando os bichos da morte.

Sumé foi um homem branco, de barbas brancas, que se infiltrou na tribo dos Kariris. Ensinou os índios a plantar, colher, pescar e fixar moradia nos locais que mais lhe agradassem, construindo aldeias.

Certo dia, não se sabe o motivo, os índios desistiram de acolher o branco em sua tribo e começaram a atirar flechas contra Sumé. O homem saiu correndo pela mata e cada flecha lançada caía no chão e transformava-se em árvore. Passando por um rio, ele deixou gravada para sempre a sua última pegada e a marca do casco de seu cavalo.

Mara era filha de um dos pajés da tribo dos Kariri. Tinha o dom de adivinhar o que as pessoas pensavam, mas passou a usar esse dom para fazer o mal. Começou a adivinhar os pensamentos do pai e usar os conhecimentos que conseguia dele para fazer mal à tribo.

O pajé percebeu e resolveu transformá-la em uma serpente. Ele mudou seu nome de Mara para Maara, afogou-a em um rio, o rio Cariús, que é o rio que banha Nova Olinda, e amaldiçoou a própria filha, que passou a morar nas águas, sendo conhecida também como Mãe-D'Água.

³ Ximenes, M. M. (2005) *Discurso e recepção no rádio: um estudo sobre o programa infantil Submarino Amarelo na Casa Grande FM*. (Monografia de Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil. Recuperado de [Conta a lenda que, há muitos anos, nos sul do estado do Ceará, existiu um reino encantado com o nome de Itaperabussu \(wordpress.com\)](http://www.wordpress.com)

Ela era considerada, pelos índios, como a deusa da fertilidade. Eles atacavam seus inimigos com o tacape na nuca e depois ofereciam os corpos mutilados para Mãe-D'água, como reconhecimento à protetora dos rios e dos lagos. Ela aparece até hoje para os desavisados em forma de uma índia muito bonita, de cabelos longos. Seu canto, o maracaimbara, enfeitiça os homens que chegam perto de sua beleza.

Além dessas figuras mágicas, existia nas matas de Itaperabussu lugares como Poço do Inferno e a Pedra de Fogo. Poço do Inferno é uma lenda que conta que as pessoas que entram no poço, localizado na parte baixa de Nova Olinda, nunca mais retornam e que todas as pessoas que morriam no lugar se transformavam em fantasmas, que espantavam quem se aproximasse do local.

Outra lenda famosa da região do Araripe é a Pedra de Fogo. Trata-se de duas bolas de fogo que aparecem brigando no ar. Segundo a mitologia, essas duas bolas representavam um casal de jovens que havia morrido e que brigavam até os dias de hoje.

O fim do encantamento do reinado dos Kariris acontecerá quando Maara, a Mãe-D'Água, se levantar de sua cama e subir nascente acima. Rolarão as três pedras que formam a pedra da Batatateira.

A água de Vapabusu, a Lagoa Encantada, voltará com toda força para inundar a região do Cariri, transformando o sertão em mar. Depois da enxurrada, as águas se acalmarão, e de dentro da Lagoa Encantada começarão a emergir os índios da Nação Kariri, para viver de novo em Itaperabussu, o reino que sempre lhes pertenceu.